

0032101/2003



L0000032104

# FRUTOS DO TEMPO

Odilon Soares

COELHO NETTO

ORMA

269.93

2672

FRUTOS DO TEMPO

1919

LIVRARIA CATILINA  
DE ROMUALDO DOS SANTOS  
LIVREIRO EDITOR

RUA DAS PRINCEZAS, N.º 6  
BAHIA

# NDICE

## INDICE

---

|                               | PAGS. |
|-------------------------------|-------|
| I—Reminiscencia.....          | 5     |
| II—As hamadryades.....        | 19    |
| III—Redempção.....            | 31    |
| IV—Pesca de crianças.....     | 45    |
| V—Um genio.....               | 57    |
| VI—Esperança.....             | 71    |
| VII—Aviso.....                | 87    |
| VIII—Terra abandonada.....    | 99    |
| IX—A cigarra e a formiga..... | 113   |
| X—A calunnia.....             | 125   |
| XI—A nossa vez.....           | 137   |
| XII—Evoé.....                 | 149   |
| XIII—O cavallo de Troya.....  | 161   |
| XIV—O livro.....              | 175   |
| XV—Minerva e Hilda.....       | 187   |

|                              | PAGS. |
|------------------------------|-------|
| XVI—Optnismo .....           | 199   |
| XVII—Os pardaes .....        | 211   |
| XVIII—Capharnaum .....       | 223   |
| XIX—Visões .....             | 237   |
| XX—Núcego .....              | 253   |
| XXI—Um ado .....             | 265   |
| XXII—O pirata .....          | 281   |
| XXIII—Raiz .....             | 293   |
| XXIV—Visão de Vala .....     | 307   |
| XXV—Rei morto .....          | 319   |
| XXVI—Um revolucionario ..... | 333   |
| XXVII—Na serra .....         | 345   |
| XXVIII—O saneador .....      | 361   |
| XXIX—D. A. V. G. ....        | 375   |
| XXX—Carta ás senhoras .....  | 389   |
| XXXI—O dia das mãis .....    | 403   |





7 18

EVO muito a dois homens, que foram meus  
companheiros de casa, um em S. Paulo: Raul  
Pompéa; outro no Rio, Aluizio Azevedo.

Com o primeiro, que era um sofrego ledor,  
amanhecendo, muita vez, debruçado sobre os livros,  
fiz, com enlevo, e parando diante dos genios repre-  
sentativos de todos os tempos e de todas as raças,  
uma longa viagem poetica, desde a luxuriante flo-  
resta do Ramayana, onde arrulha, em contraste com  
o fremito das feras e com o estrondo de uma natureza  
truculenta, a voz meiga de Sita, até os jardins  
encantados onde Victor Hugo, respigando nas eras,  
poz em relevo um exêmpar de heroismo de cada um  
dos seculos que passaram.

Quantas recordações conservo eu desse tempo e

do chalet da rua Victoria, de onde sahiram tantas serenatas e tantas "canções", que hão de soar eternamente na litteratura brasileira !

Pompéa era um erudito : lia Homero no original e recitava Virgilio. Ouvil-o no seu quartinho, pobre como uma cella de trappista, onde, numa pequena estante de ferro, juntavam-se com os poetas e os romancistas os mais graves mestres do Direito e sempre havia um pedaço de "nankim" num godet e um pouco de barro plasmico para esculptura, era um encanto proveitoso.

Com que eloquencia elle nos falava do genio grego ! Com que segurança nos guiava nas letras latinas, pondo-nos intimos dos poetas do seculo de Augusto, mostrando-nos Cicero no Forum, Tacito na tribuna da Historia, Lucrecio no seu santuario da Natureza, Catullo seguindo ambubaias, Petronio commentando o Banquete, levando-nos ás leituras publicas de Marcial e de Estacio.

Discorria com facilidade, falando das épocas

como se nellas vivera e dos homens como se os houvesse conhecido, e, quando chegava ao Renascimento, depois de haver atravessado os dez seculos sombrios da Idade Média—especie de catacumba onde se enterram as letras e de onde resurgem, graças ao milagre dos monges,—era de vêr-se o enthusiasmo com que descrevia a travessia dos Alpes pelos trovadores, saudando o apparecimento dos tres mestres italianos.

*Sante, Petrusca e Coe*

Depois corria a Allemanha, desde os minnesingers até Goethe; a Inglaterra desde Chaucer até Shakespeare; a França desde Theroulde até Hugo; a Hespanha, Portugal... Sabia tudo e de tudo falava serenamente, sem pedantismo, ás vezes de pé, gesticulando a braços largos, com um brilho de chammas nos olhos, que o pince-nez envidraçava.

Foi o homem que me preparou o espirito, que andou commigo pelos dias heroicos, que accendeu em minh'alma a paixão do livro e fez dos genios os deuses da minha religião.

O outro, Aluizio, ensinou-me a trabalhar. Pompéa era um torturado. Myope, como que se comprazia em esmerilhar miniaturas—era artista como Cellini, e passava dias, semanas a tratos com uma das suas “canções sem metro”.

Escrevia em quartos de papel, numa letra miuda, apertada, irregular. Os originaes sahiam-lhe das mãos tão cheios de emendas, de rasuras, de entrelinhados, que elle proprio difficilmente os decifrava, dias depois de os haver escripto.

A lampada do autor d'O MULATO consumia pouco oleo, porque elle preferia a luz do sol.

Aluizio escrevia em meias folhas de papel almaço, com penna de ouro, engastada em caneta de madreperola, cuja haste era do feitio de uma pluma. Escolhera-a assim para forrar-se ao sestro que, por vezes, lhe arrancáva gritos, de metter no ouvido a caneta quando hesitava em alguma phrase. A letra, lançada com rapidez e desembaraço, era larga e clara. Corrigia pouco.

comedia em cartaz, os meus credores exultam. Mas isso é raro.”

Como era bello e forte e dono de uns olhos negros admiraveis, Venus perseguia-o. Elle não era misogyno, mas se a deusa o procurava em horas de trabalho ou se o importunava com ciumes, despedia-a sem saudade e sacudia-se contente, dentro do robe de chambre de ramagens, sorvendo, a largo folego, o ar livre da independencia.

Quando foi nomeado archivista no Estado do Rio, na administração Portella, estabeleceu uma norma de vida calma, com orçamento parco, quasi avaro, depositando mensalmente as sobras na Caixa Economica para formar uma “base de fortuna.” A revolução arrasou-lhe os castellos e o romancista reapareceu, recorrendo ao Garnier e aos jornaes.

Um dia explodiu a noticia da sua nomeação para um consulado. Encontrei-o na rua do Ouvidor e, abraçando-o, felicitei-o e ás letras porque, com a vida garantida, a sua penna correria desembaraçada

e ligeira, dando-nos os primores que tínhamos o direito de esperar do seu talento. Elle encarou-me e disse com azedume:

—Que! romances, contos?... estás doido. Vou ser consul, e nada mais. De litteratura estou farto. Achas que soffri pouco? Vou viver um bocadão, gosar a vida a relógio, almoçando e jantando a horas certas e dormindo sem a preocupação do credor. Romances e contos... só se eu tirasse a sorte grande da Hespanha. Ainda assim... não sei.

—Pois sim! retruquei-lhe incredulo. E despedimo-nos. Elle foi para o seu consulado. Passaram-se annos.

Uma noite encontrei-o na Avenida. Chegára de Genova, entediado. Entramos na Brahma, e, abançados diante duma garrafa de Caxambú, recordamos os dias vividos na casa da rua Formosa, e os meus ensaios litterarios...

—Devo-te o methodo, meu caro Aluizio.

--Pois olha, preferia que me devesse outra coisa.

Que diabo lucraste tu com o tal methodo? Tens alguma coisa? uma casa, apolices, dinheiro no banco? Tens livros. Que é isso? Tu és um dos meus grandes remorsos. Se me não houvesse encontrado, vindo morar commigo e adquirindo, por contagio, a minha mania, não terias deixado S. Paulo e serias hoje, quem sabe lá! um advogado com escriptorio famoso ou magistrado, ahi pelas alturas do Supremo. Que diabo és? autor de livros. E' pouco, meu velho. Livros, entre nós, só os de cheques.

— E tu? Que tens feito?

— Eu? escrevi umas coisas sobre o Japão. Não sei. Talvez um dia appareçam... Mas, ouve cá: A casa em que moras é tua?

— Não. Elle pigarreou grosso, accendeu um charuto, e, encarando-me com um ar muito superior, disse-me, batendo-me no hombro: Isso é mau... Já devias ter comprado a casa. Tens filhos... E levantou-se. Despedimo-nos. Tive a impressão de que aquelle homem não era o Aluizio, o meu companheiro

na casa da rua Formosa. Não era. Voltei-me no bonde: Elle ainda lá estava á porta da Brahma, com o charuto empinado, os olhos piscos, indifferente a tudo que o cercava. Não... Aquelle não era o Aluizio... E, durante toda a viagem, fui pensando no romancista d'O CORUJA, tão differente daquelle homem que eu deixára á porta da Brahma com um grande charuto nos dentes e... sei lá! Mas onde e de que teria morrido o grande escriptor?

19 HAMADRYADES

o  
m  
ta



21 29

 SE queres tirar proveito da arvore tral-a sempre vigiada e não só colherás bons frutos como ainda terás conforto e sombra, e com o que ella legar-te depois de morta farás a tua força e a tua gloria e edificarás o teu lar.

A arvore é feminina. Filha da terra, esposa do sol, enfeita-se na primavera para as bôdas triumphaes e, no outono, é mãi. Exemplo formoso de progénese, a arvore vive para o seu destino e, longe de o evitar, procura os meios de o cumprir, estendendo os ramos, abrindo as franças ao sol, dilatando e aprofundando as raizes na terra geradora.

A flôr não é para a arvore um mero adorno, mas o pregão nupcial da propria fecundidade. Na

floresta ella é livre como o selvagem na tribu ; no pomar educa-se para o bem.

Se o lavrador é zeloso, a arvore viça, exubéra, florece, carrega-se de pomos e, depois de produzir, em vez de murchar, ainda mais bella se ostenta, attrahindo, com a sua graça feiticeira, os beijos que erram nos ventos, que vôm nas azas tenues dos insectos.

E' vél-a quando lhe não faltam cuidados de adubo e monda e de ablaqueação para que o sol lhe dê nas raizes e o ar penetre-as, quando se lhe não consentem hervas damniinhas na ramagem nem parasitas nos galhos, quando se lhe podam as demasias. Então exulta alegre e a sua carga, que enriquece o agricultor, torna famosa-a terra nutritiva.

Abandonada, a arvore definha e succumbe, salvo se cresce no recesso seivoso da matta, onde realisa apenas a sua genitura vegetal de madeiro esteril, frondejando derramadamente no humus da podridão. E' a força iudisciplinada como o raio, como a vaga:

instincto em acção, energia brutal que, entregue a si mesma, assola e, governada, beneficia.

Na brenha os ramos da arvore recebem todos os hospedes: abrigam o ninho que os sonorisa e a serpente que os baba; a borboleta que os marcheta e a lesma que os envisga de gosma lubrica.

O seu tronco esborcina-se, broca-se, e nos laivos e ulceras que o entaliscam e apostemam, penetra a abelha meliflua, mas logo adiante enlura-se a aranha repugnante. Nas suas raizes enxameam formigueiros, esperneam escolopendros, aferretoam escorpiões e a arvore, nascida para beneficio, torna-se um nucleo de males, mantendo nas recávas do tronco a agua salutar das chuvas que, ali se torna como o liquido amniotico onde se geram as larvas propagadoras da peste.

Arvore, assim és tu — o bem e o mal.

Não raro cahe o viajante em insidia.

Avista uma arvore toda verde e florida, corre a abrigar-se á sua sombra e o que encontra é um

tronco morto, carcomido no âmago, em cujos galhos seccos treparam hervas damninhas e parasitas abriam corollas, tendo, em vez de cérne, uma serpente; e o encanto traduz-se em morte, a maravilha muda-se em traição como a empusa, noiva de Menippo, que sob as vestes nupciaes, escondia um esqueleto.

Arvore, és bem o symbolo da mulher.

Disse em começo e repito: "Se queres tirar proveito da arvore, tral-a sempre vigiada e não só colherás bons frutos como ainda terás conforto e sombra e, com o que ella legar-te depois de morta, farás a tua força e a tua gloria e edificarás o teu lar."

As flores são como os sonhos da puberdade, os frutos são os bens da vida, que trazem o alimento e o germen de outras vidas; conforto é o carinho que se dá á infancia, sombra é o cuidado vigilante que pedem os dias árdegos da adolescencia, e o que fica da arvore morta é o lenho com que se constróe a cidade da vida, são os instrumentos e os apparelhos do trabalho, as armas de defesa, os

livros da sabedoria, o evangeliario da religião, o guia da moral.

Com as suas raizes faz-se o altar da tradição, diante do qual cultua-se o passado na commemoração dos feitos dos eponymos e honra-se a Patria pela veneração de sua Historia.

Esse tronco, que assim se aproveita, chama-se virtude, e os seus ramos são as lições e os exemplos com que se accendem as esplendidas fogueiras cuja claridade, como a dos astros, rebrilha nos tempos.

E, assim como no inverno o lavrador leva á lareira o ramalho das arvores, assim na anciania, é com a saudade das nossas mãis e com os conselhos que ellas nos legaram que nos confortamos do frio da velhice e nos defendemos das desillusões.

A arvore é o symbolo da maternidade. Os gregos, que divinisavam a natureza, puzeram no coração das arvores as hamadryades, nymphas protectoras dos freixos e dos carvalhos, as quaes, segundo um hymno homerico, participavam da vida das arvores

que as agasalhavam, toucando-se de flores e bailando ao luar quando a primavera as revaçava, encolhendõ-se em tristeza muda quando o inverno as despia das folhas e as vestia de neve, desde a coma até as raizes.

Taes nymphas eram seres da terra, pelo seio que as gerara e do qual tiravam a belleza, vivendo e morrendo com elle. Quando o lenhador fendia um tronco, o gemido das hamadryades commovia a espessura e os genios elementares vinham, á noite, chorar sobre os tocos que ainda sangravam seiva, levando, envoltos em luar, para o tumulo da terra profunda, os corpos das nymphas, que haviam de resurgir.

Em nossa terra a Arvore, de tão nobres tradições, vai perecendo em matto. Todas as hervas más enroscam-se-lhe pelo tronco, emmaranham-se-lhe nos ramos. As suas raizes expluem á flor do sólo, deixando-a desamparada, os seus galhos tudo recebem e acolhem, desde a ave até o áspide. O seu caule esfarella-se

em moinha roido pelo guzano, as suas folhas encartucham-se estioladas, seccas, desprendem-se do galho e cahem formando a alfombra onde ninguem se afoita a caminhar com receio de peçonhas perfidas.

Junto de arvore tal, que foi grande e generosa, crescia um povo forte no tempo em que havia altares e Deus era a esperança e o consolo das almas ; quando, pela sazão florente, as crianças, de mãos dadas, bailavam rindo e cantando canções innocentes, e a menina, abotoada na puberdade, tinha pejo da fonte que lhe reflectia a nudez ; e havia infancia, adolescencia é mocidade, que eram os tres degrãos de souho que conduziam a essa religião — a velhice.

E essa arvore de respeito, arvore sagrada, em torno da qual se celebrava o culto domestico da honra, era a Mãe.

Porque degenerou dando frutos que, ainda verdes, perdem a frescura e engelham-se denunciando a larva que os profana ? porque a terrà alagou-se em tremedal e porque o lavrador, que é o chefe da familia, não tem zelo como o de outr'ora.

Em volta da Arvore, que foi divina, as hamadryades já se não reúnem em choréas cyclicas: dançam desnalgradamente como as ménades thracias, e, em vez das conversas puras, cheias de espanto ingenuo, o que ellas cochicham faz sorrir o satyro que as espreita malicioso.

Os seus trajos não velam o pudor, antes parecem insignias de lascivia; os seus gestos apregôam conhecimentos que só eram adquiridos nas didascalías. Não ha vê-las com as proprias côres: as faces alvejam em caleamentos de cosmeticos, alargam-se os olhos com o kohol, tingem-se os cabellos com o henné ou com a agua oxygenada, rosam-se as unhas, ensanguentam-se os labios, e tanta é a pintura que, as vezes, com o calor do sol, se lhes derrete a mascara do rosto, dando-lhe o aspectó de um doairo de mumia betuminado.

E taes são as hamadryades de agora.

Filhas da Arvore, são ellas que respondem pelo Porvir, dellas é que ha de surgir a geração de amanhã,

e taes creadoras, deformadas no physico e viciadas nalma, não poderão dizer como Gorgo, a lacedemonia, genitora de varões, "que as mãis de Esparta eram respeitadas porque eram as unicas que davam ao mundo verdadeiros homens."

Com tal educação, com taes costumes as hama-dryades, filhas das arvores, só poderão gerar satyros e monstros. E com essa progenie é que a Patria se apresentará no Futuro, quando, infelizmente, já se houver cumprido a prophacia de Hesiodo, transmittida por Planetiades, annunciando, em palavras tenebrosas: "que o pudor e a honra haviam de abandonar o mundo."

31 REDEMPÇÃO

33 44

  
  O violão decahiu como a "róta" dos trovadores. Instrumento de nobre origem, companheiro da ~~lira~~ e da ~~lirpa~~, teve os seus dias augustos, quando era o "néphér", entre os ~~egyptios~~. *mel*

Era elle que, nos templos, rythmava os canticos sagrados e que conduzia a choristica nos paços pharaonicos. Quando os hebreus, guiados por Moysés, abandonaram as terras do Nilo levaram-no consigo, mudando-lhe o nome para "nébel".

Foi elle que vibrou á margem do Mar Vermelho quando o povo entoou o canto heroico do éxodo e, no deserto, junto ás tendas, quando as estrellas brilhavam no ceu e ardiam as fogueiras vigilantes, em volta das quaes dormiam, á guarda de pastores armados, os gordos rebanhos, o "nébel" soava

dôcemente acompanhando os cantos melancolicos dos que haviam deixado uma saudade na terra do captiveiro,

Quando se desprendiam as tendas, se ajuntavam os gados e as tubas reuniam os homens para proseguirem em marcha, os levitas tomavam aos hombros a arca e os musicos, pondo-se á frente do santuario errante, iam levando, atravez do deserto, á luz dos fogos do ceu ou á sombra de nuvens densas, a nação de Iahvé e os "nébeis" soavam aos dedos ageis dos tangedores. E onde passava Israel ali deixava o instrumento que trouxera do Gossen e os que o herdavam, gente rude dos montes, como os amalecitas ou broncos pastores de cabras, como os amorrheus, tomavam-no, ensaiavam-se nelles é, adestrando-se nas suas cordas, adoptavam-no para os seus cantares.

E assim, por toda a Syria fertil, foi-se espalhando o som delicado. E o Oriente teve para as suas noites estrelladas um companheiro de vigilia.

Andaram os tempos, os homens cruzaram, em continuas viagens, os caminhos da terra e quando, na Idade Media sombria, appareceu o primeiro trovador, levava a tiracollo a "rôta", que era como o nébel do povo errante. E foi com esse instrumento que o poeta mediévo, o jogral das canções e das "sirventes" conseguiu entrada nos castellos senhoriaes.

Trovar era uma arte nobre e esses poetas mendigos, que renovavam, nas vespervas do Renascimento, a vida dos homerides, onde quer que chegassem com a noite, fosse diante da levadiça de um castello ou junto á cerca de uma granja de villão, á portaria de um convento fortificado ou á porta de um albergue annunciado por um ramo de azevinho suspenso da padieira, eram logo recebidos com alvoroço e agasalhados carinhosamente. E, na sala d'armas, diante do immenso fogão onde flammejavam troncos, em volta dos quaes sentavam-se attentos senhores e damas, e os guerreiros e pagens

ouviam, encostados ás columnas, por entre as quaes caminhavam os molossos de colleira de ferro ou no pátio dos albergues ou ainda na sala fuliginosa das granjas, cheirando a trigo, com os bacoros coinchando pelos cantos, os menestreis picavam o seu instrumento e cantavam, com alevantado brio, os feitos heroicos, ou narravam os amores infelizes e o prestigio dos genios e das fadas.

Mas, pouco a pouco, degenerando, os menestreis, que eram austeros e viviam com pureza, exercendo a poesia como um sacerdocio, deram em viciosos. Preferindo as estalageus nellas se aboletavam e, esquecidos da sobriedade mantida pelos antigos, bebiam e, ébrios, em vez de entoarem canções que levantassem a alma, abastardavam-se em obscenidades torpes, com grande gaudio do povo reles, que os applaudia, rindo, ás riuchavellhadas, das narrações licenciosas em que eram protagonistas monges e senhores, freiras e cavalheiros.

Assim, degenerando, nunca mais obtiveram os

jograes entrada nos castellos e com elles ficou mal-sinado o instrumento que os acompanhava. E a rota passou das mãos de Cercamons e de Ventadour para as dos meliantes das estalagens e dos vagabundos das estradas, que dormiam nos vallos ou, á noite, insinuando-se pelo escuro, trepavam nos palheiros mettendo-se no feno onde tiritavam de frio, rilhando os dentes, com fome.

E dizer de um homem que era habil tocador de fota era o mesmo que o denunciar como vadio e onde o achasse a Justiça, era certo o castigo.

Mais tarde, encontrado, talvez, em abandono por um formoso e atrevido fidalgo, que era D. Juan, foi o instrumento dos menestres restaurado e, com elle ao peito, sahiu pelas ruas de Sevilla, á noite, o grande seductor. Era ainda o tempo em que as mulheres viviam como escravas, encerradas nas casas de janellas gradeadas. Mas a voz do cantor nocturno ia forçando as portas blindadas, invadindo as camaras mais profundas e nos leitos

castos soerguiam-se as donzellas, commovidas, á escuta.

Algumas, attrahidas, logo desciam e, illudindo a vigilancia domestica, rebuçadas em capas, sahiam para a rua, entregavam-se ao seductor, que as esperava na treva; outras ainda lutavam, orando á Virgem, defendendo-se do sortilegio daquella musica, que era como um philtro de magia, vindo pelo silencio, mas cediam e, antes que amanhecesse e a cotovia cantasse, lá iam com o rausor audaz.

E a Hespanha toda se levantou contra o trovador que a depravava, não respeitando as proprias freiras porque, apostando, em uma taverna, que possuiria uma "esposa do Senhor", afinára o instrumento perfido para a maior das aventuras e, postando-se, com elle, na visinhança de um mosteiro, vira, primeiro, brilhar uma luz por traz das grades de um postigo, e um aceno de manto, logo a sombra, depois um vulto surgindo no alto do muro, uma voz que o chamava tremula, e,

instantes depois, tinha nos braços aquella que, horas antes, cantava no côro, louvando a pureza de Maria Virgem, e jurando servir-a, casta e humilde, até á morte.

E o violão foi amaldiçoado. Os pais que o ouviam e os esposos e irmãos armavam-se e, furiosamente, arremessavam-se contra o cantor que, se não fugia a tempo, ficava amortalhado na propria capa, cahido sobre o instrumento vil. A reacção foi formidavel, tanto na Hespanha, contra D. Juan, como na Allemanha contra Mephistopheles e na Inglaterra brumosa contra Lovelace. Mas o violão ficou e assim como o achara D. Juan achou-o o capadocio, que o afinou, de novo, para as serenatas.

Ah! quem as ouviu, como eu, por essas ruas, em noite de luar, esse poderá dizer do seu encanto e do prestigio que exercia no coração feminino. E o mesmo terror que alarmara a Hespanha sobresaltou estes Brasis, de extremo a extremo, nos

Agustiu Barrios não o apanhara, como D. Juan, no fundo de um vallo, ao lado de um menestrel que trambolhara bebedo, depois de uma noite orgiastica em pateo de taverna, não: elle fôra buscal-o no templo, tomando-o das mãos de alguma sacerdotisa que fazia parte da photina sagrada, diante do altar de Isis ou de Neith, e trazendo-o pelas tendas israelitas, pelos aduares arábes, onde é o alaúde, pelos palacios dalmatas, onde é a guzla, pelos castellos rhenanos, onde é a cythara, aproveitara todas as gammas encerrando-as nesse relicario tradicional, onde a musica é como uma alma que o faz vibrar.

Sob os dedos prodigiosos desse admiravel artista, que é o maior que, no seu genero, tenho visto, o violão vive e diz toda a sua historia — como foi o guia dos cerimoniaes sagrados, como foi o regulador dos festins reaes; como guiou as periprizações de um povo e, através da cadeñcia das marchas, deixa transparecer um canto de saudade, o balar dos rebanhos, o estrepito dos trigonos. Traz-nos

pela Idade Media e, sombriamente, retumba, crepita e guaia na dança macabra, que aterra.

Eis, porém, que o renascimento illumina o mundo, a alma desanuvia-se e o instrumento acompanha a resurreição, e são os cantos de amor. E vem vindo. E' já nos dias da grande musica e o despresado assume tons grandiosos dando-nos as fugas de Bach, os concertos de Haydn, Mozart, Beethoven, e, descendo ao povo, ouve-o nos seus cantares e transmite-nos as suas recordações, ora nas danças peninsulares, ora nos cantos sob a ramada ou nas musicas imitativas, nas quaes como que se sente a vida campestre dessas regiões ainda virgens da America, com o sussurro das suas florestas e os cantos dos seus passarinhos.

Ouvindo Agustin Barrios senti a mesma emoção que tão vivamente agitou Berlioz durante a execução da "ouverture" dos seus "Frances Juges": "o effeito de estupor e de espanto" — o maravillamento.

O grande artista paraguayano fez com o violão o que Victor Hugo fez com o "argot" das ruas —

redimiou-o. E' necessario ouvir esse instrumento tocado por esse homem extraordinario para que se comprehenda e admire o prodigio do talento e o poder da vontade conseguindo rehabilitar o que era desprezivel, adestrando, para todas as difficuldades musicaes, um instrumento rebelde e pobre de recursos, que degenerara em zangarreador de serenatas nas mãos canhestras da capadoçagem.

O violão de Barrios é um instrumento sagrado junto do qual não desdenharia ficar a lyra olympica de Apollo, e as horas encantadoras que lhe devo viverão eternamente na minha saudade.

O menestrel e D. Juan depravaram o violão, Barrios rehabilitou-o, e, trazendo-o das ruas, onde vagamundeara, fel-o reaparecer nos salões, de onde havia sido banido pelos crimes a que emprestara o prestigio da sua vóz.

06 PESCA DE CRIANÇAS 57



47 58

**R**ARO é o dia em que se não lê nos jornaes a noticia de uma apanha de crianças. Enquanto descança a carrocinha dos cães, funciona a rêde pueril. E assim se escumam as ruas das abjecções que as infestam, fazendo escoar o enxurdo d'almas para a cloaca immensa do presidio.

A cidade prolifera e, assim como a terra pullula em seiva onde mais se accumulam detritos, assim explue a fecundidade onde se rebalsa a miseria.

O povo é como a floresta em cuja alfombra não se perde um germen: em torno de um tronco morto rebentam, em uma noite, centenas de novédios.

Cultiva-se o jardim, não se apura o silvedo. O jardineiro, para obter exemplares primorosos sem comprometter a planta, limita-lhe a producção; ás

árvores ninguém põe regras e, na primavera, todas se colmam de flores, nas quaes o vento e os insectos impregnam-se de vida para fazerem, por valle e monte, o milagre formoso da multiplicação floral.

A cidade, no seu feitio concavo, lembra a cópa de Asklépios, cheia do elixir da vida, mas com a serpente a deslizar-lhe pelas bordas ou para esputar no bojo o seu veneno ou para sorver o hygio licor, e essa serpente é a populaça que formiga nos montes, agasalhada em casebres de taboas cobertos de zinco, alapardada em grutas ou em acervo, ao relento, tendo apenas, para proteger os pequenitos, um toldo de molambos trapejando entre dois galhos.

Essa ralé, que se homisia nas alturas, vive como os quilombolas de outr'ora: é a gente posta fóra da lei, a tribu dos "out-laws", contra a qual todos se previnem, com desconfiança medrosa, vendo em cada um dos seus membros um sicário ávido de roubo e sangue, capaz dos mais atrevidos accommetimentos para conseguir um pão ou um farrapo.

Essa farandula tem a sua organização: obedece a um chefe, reza com os seus sacerdotes e sustenta os seus guerreiros; e são as mulheres que mais trabalham nesse estranho mundo. São ellas que descem aos chafarizes para abeberar os lares; são ellas que fazem a limpeza do aduar, que arranjam em acepipes as victualhas esmoladas, que remendam e serzem os trapos e ainda mourejam para freguezes lavando, engommando, cosendo, fazendo crivo, enquanto os homens, na maioria, encordôam violas e cavaquinhos, picam fumo, dormem estirados na herva, entre cães, ou beberricam á sombra das arvores, recontando façanhas nocturnas de amor e morte.

Entre as ~~mulheres~~ apparecem todos os typos, desde a loura, de olhos azues ou verdes, até a morena de jambo; desde a cabocla até a cafusa; desde a mulata côr de canella até a negra cuja tez reluz como de azeviche. Uma tristonha, outra a rir ás cachinadas escandalosas; esta timida, retrahida, aquella ousada; tal ainda pubere encolhendo-se reservadamente ante os olhos que a seguem árdegos;

qual desnalgando-se em reboleios, a esganigar cantigas, com a saia tomada nas pontas dos dedos mostrando as pernas fortes; e por entre essas rondam megeras, com doairos de bruxas, osseas, de pelle engelhada, mãos aduncas, olhos pequeninos, tragicos, remechendo-se nas orbitas como vermes em podridão.

Entre os homens ha desde o typo apollineo até o do hamadryas hirsuto, zambro, pés espalmados, caminhando a passo bambo, agarrado a um páu, emittindo, de quando em quando, ululos de colera ou grunhos de alegria.

Nem todos os refugiados do monte temem a planicie á hora do esplendor do sol, mas muitos delles evitam-na com receio de encontros que os humilhem e, olhando-a lá de cima, na maravilhosa fulguração das suas vidraçarias, no orgúlho altivo dos seus edificios colossaes, no movimento dos seus vehiculos, no ondular da sua multidão activa relembram dias que foram, de prazer e gloria, revendo na saudade horas que foram de ouro.

A cidade era, então, como uma velhinha enge-

lhada que trabalhava sem ancia e dormia sem cuidados, acordando cedo, com o alegre cantar dos gallos e com a voz doce dos sinos chamando os fieis á missa. Bom tempo!

Esses taes são os decahidos, que rolaram da fortuna na indigencia, deixando nas arestas da escarpa tudo menos a memoria da felicidade perdida, que ainda torna mais amargos os dias da desventura.

Isolam-se dos depravados e vivem no atascal como viveria em uma ilha de cannibaes uma colonia de naufragos.

Nessa promiscuidade estranha, onde o crime afia as garras, a luxuria satyrisa e a miseria cose andrajos e rõe mendrugos rilhando-os com gana, ás escondidas, como os cães nos monturos, e os palavrões estrondam e os gestos são livres e os actos mais impudicos scandalisam a luz, viceja a flôr da miseria, a criança, desde a pequenina, que ainda vive agarrada á raiz do collo maternal, até a taluda, que se empenna para o crime, rindo, ainda

com ares de innocencia, mas já tramando ardis com a argucia de Clopin Trouillefou, o rei mendigo da Côte dos Milagres.

A' noite uma parte da população arroja-se do monte—é a torrente lodosa carreando a fome, as dôres, os vicios e as premeditações nefandas e nessa torrente desce a criança, o garoto, que ri da propria nudez e fareja, como os cachorrinhos dos lobos, os sitios onde ha préa facil.

E' o precursor da alcatéa. Vendo claro na treva, é o guia que avança á frente; tendo as mãos expeditas, é quem maneja a gazua; caminhando manso e manso, é quem penetra nos corredores ábrindo o passo á quadrilha; agil, é quem salta os muros; pequenino, é quem se insinua para espalhar o narcotico enchendo a casa de somno; esperto, é a atalaia que vigia a ronda enquanto os companheiros adultos trabalham nos interiores. Esse é o pivete, que lembra o pequenino Puck de Shakspeare, a serviço, não de Oberon, rei dos ge-

nios, mas dos quarenta ladrões da caverna de Ali-Babá.

E esse bandido tem ainda a graça do anjo e, ás vezes, enquanto os companheiros roubam e assassinam, surprehendido pelo somno, adormece no seu posto de vigia e sonha innocentemente com as historias maravilhosas que ouviu na vespera, sentado no regaço maternal, lá em cima, no monte, onde as estrellas brilham.

“Tous les crimes de l'homme commencent au vagabondage de l'enfant”— diz Victor Hugo. Foi, talvez, para evitar que taes crimes se desenvolvessem que a Policia resolveu sahir em canôas á pesca de Gavroche, e é raro o dia em que se não lê nos jornaes a noticia de uma apanha de crianças.

“Quand ces pauvres êtres sont des hommes, presque toujours la meule de l'ordre social les rencontre et les broie, mais tant qu'ils sont enfants, ils échappent, étant petits. Le moindre trou les sauve”.

Assim como se salvam pela menor frincha, por serem pequeninos, escapando ao agente que os per-

segue, salvar-se-iam por uma palavra de amôr, livrando-se de um futuro negro, que os attrahe. E para esses pequeninos naufragos o salva-vidas é o livro.

Se a Policia os tirasse da vasa para o enxuto, pondo-os ao sól, faria delles forças aproveitaveis, energias uteis, mas para onde os manda? onde os recolhe? a quem os entrega? em que escola os educa? Manda-os na chusma dos bandidos, recolhe-os no mesmo xadrez em que aferrólha o criminoso de morte, entrega-os ao carcereiro e, tirando-os da vagabundagem das ruas, encerra-os na treva da prisão. E Gavroche, que tem a alma aberta como uma corolla, recebe tudo que nella cahe e dá-se na flôr a fecundação venenosa.

Com a mesma attenção maravilhada com que ouvia á mãe as historias dos principes encantados, escuta a conversa do carcere: confidencias de sangue, narrações de torpezas; e o seu mestre escola é o faccinora, o seu alphabeto é o calão, a sua escripta é a tatuagem, a sua moral heroica é a da valentia sanguinaria, o seu ideal o crime.

Assim a Policia, chamando a si a criança, não a abençôa, purificando-a, como fazia Jesus, devora-a, como o Moloch punico, e se a devolvesse em cinzas, como o idolo carthaginez, seria cruel, mas não polluiria a sociedade, mas esmaga-a, tritura-a, deprava-a, torna-a em lama, e é essa lama que volta, em enxurro, ás ruas depois de alguns dias de putrefacção no pantano do crime, que é a prisão commum.

E quantas vezes ha de ter succedido levar a rêde, no mesmo lanço, entre vadios de sargeta, crianças transviadas por ingenuas?

A alma tem a sua virgindade e á Policia incumbe defendel-a, e não profanal-a, como faz, na sua ancia de corrigir, tirando a criança do sol para lançal-a, entre monstros, na treva da enxovia, que é a ante-camara das galés.

# UM GENIO



☀ **E** o concurso?

☀ —Foi um desastre. Recebi apenas um trabalho, esse mesmo de fóra, porque os litteratos da terra, sabendo que o Saveiro resolvera concorrer, retrahiram-se espavoridos. E não houve mais interesse pelo certame, senão curiosidade anciosa pelo trabalho que o grande artista cinzelava entre as copadas mangueiras da sua residencia de beira rio.

Todos os dias eram cartas, pagens de fazendas que me vinham perguntar se o autor da "Transfiguração" já me havia mandado o seu trabalho e, nas ruas, nas lojas, onde quer que me vissem, eram certas as perguntas: "Então, o homem?" "Já recebeste?" E eu, nada; encolhia os hombros, resignado.

—Que historia é essa de "Transfiguração"?

— E' o grande romance do Saveiro, um romance poema, maravilhoso!

— Publicado? Ainda não está escripto. Elle expõe-n'o aos intimos.

— Mas afinal.. ?

— Afinal, uma manhan, já nas vespervas do encerramento do concurso, correu a noticia da partida do Saveiro para a fazenda do Albino, na serra. O grande artista não podia trabalhar na cidade, sempre com visitas, admiradores que o procuravam com albuns, cartões postaes. Alguns passavam horas rondando a casa com a "kodak" prompta e, mal o artista apparecia á varanda ou á janella, entre a folhagem florida da ipoméa, zás! um instantaneo. Elle revoltava-se, protestava irritado contra a violação da sua vida intima. Deu ordens severas aos criados para que não deixassem entrar importunos, mas qual! volta e meia era um estalido entre os bambús — machina photographica em funcção.

Assim assediado, sem liberdade pararam-se Saveiro resolveu aceitar o offerecimento dmiu ao e, uma manhan, ainda com estrellas no nebre nevoas nas campinas, montou a cavallo e f nos Quando se soube que o homem havia abalado pãos a serra, com uma resma de papel e um litro de tinta, o Quincas, presidente da Camara, esteve, vai não vai, a decretar feriado municipal para comemorar a hegira litteraria.

Saveiro escondeu-se nas asperezas da fazenda serrana, sem dar novas de si, até que, um dia, (foi isto em Maio) justamente á hora em que a grande praça da Matriz formigava com o povareu, que se encaminhava para a devoção do Mez de Maria, um colono do Albino, atirou, como uma bomba "a noticia da morte do artista." Foi uma desolação.

A igreja não teve fieis, o emprezario do circo transferiu o espectaculo, suspenderam-se festas,

- E' o gr  
 nance poema nento, que se realisava, ficou pela metade,
- Publico acto civil, porque o vigario, compungido,  
 expõe-n'o a u fechar a igreja e a boda estatelou no  
 , atordoada e resmungando.
- M.  
 Encheu-se a redacção do meu jornal: gente a  
 chorar, a lamentar a grande perda e foi logo aberta  
 uma subscrição para o monumento que vai ser  
 erigido na praça da Matriz. O Quincas propoz que  
 se mandasse collocar uma placa de bronze na casa  
 em que vivera, "honrando e glorificando a cidade e  
 o municipio, o artista incomparavel da "Transfi-  
 guração." Não te descreverei o enterro: foi uma  
 apothese, veiu gente de cincoenta leguas em redor,  
 para as exequias — os trens chegavam cheios e  
 eram automoveis, trollys, carros de bois, cavalgadas.  
 Até uma cadeirinha do seculo XVII trouxe dos  
 cumes da montanha á casa do Juiz de Direito uma  
 senhora, D. Perpetua Gomes, que todos julgavam  
 morta, dizendo-se que havia estourado de ira com  
 a Lei de 13 de Maio.

Os hotéis ficaram abarrotados, armaram-se barracas e muita gente, gente bôa, dormiu ao relento. No cemiterio, quando entrou o funebre cortejo, foi de assombrar. Havia gente trepada nos mausoleus, nos cyprestes, nas casuarinas, aos hombros dos anjos melancolicos; e á beira da sepultura falaram oradores de todas as classes: representantes do governo municipal, o Quincas, da Instrucção Publica, o Mamede; do commercio, o Casca Grossa; das Industrias, o Valentim Ferro Velho; de varios gremios litterarios e dançantes; de associações politicas, do centro theosophico, da commissão da Communhão Espirita, o vigario, o diabo! Eram sete horas da tarde, já escuro, e ainda a eloquencia estrondava entre os tumulos. Depois a semana de nojo e as exequias com catafalco na igreja, suspensão da sessão na Intendencia, sessões funebres nos clubs, polyanthéas. Um horror! Foi em uma das taes sessões que um orador, caixeiro de um armazem de vinhos, propoz que uma com  
atis!

missão se dirigisse á Intendencia pedindo que fosse creado o "Museu Saveiro" onde, a expensas da cidade, fossem reunidos e conservados todos os objectos que haviam pertencido ao grande artista.

A idéa, delirantemente applaudida, foi lançada em uma folha de papel, no cursivo do caixeiro, e subscreveram-na cinco mil e tantas assignaturas. O Quincas comprehendeu que era de bôa politica por-se ao lado da opinião popular e tratou de obter os votos da Camara, o que não foi difficil por virem perto as eleições. E o projecto passou por unanimidade.

Foram, então, nomeadas commissões para o arrolamento do que se chamou "o relicario da cidade." A Intendencia adquiriu a casa em que vivera o grande artista. E começou um formidavel trabalho de empenhos para a nomeação dos funcionarios que se deviam encarregar do catalogo e da conservação dos bens do morto — immortal:

moveis, objectos d'arte, bibliotheca, etc. Eu tive a minha parte — fui encarregado de reunir os originaes da "posthuma" do autor da "Transfiguração."

Confiei o jornal ao Donato e puz-me em campo. Esquadrinhei tudo, tudo! na casa em que vivera o artista: moveis, vãos de paredes, subterraneo, tudo! e só achei jornaes velhos, papeis rabiscados, folhas de revistas, nada, porém, em que fulgurasse o genio do homem extraordinário. Foi então que o Albino, que tinha por elle uma admiração que roçava pelo delirio, disse-me: "Que achava conveniente que eu fosse á fazenda da serra e procurasse por lá. Com certeza o artista levára consigo os originaes, não os querendo deixar ali, entre gente rude. Lá é que deviam estar as poesias, as novellas, a "Transfiguração" e também o conto com que elle, só com a promessa de o mandar ao certame do meu jornal, afugentára todos os concorrentes. Fui.

Viagem tremenda, meu amigo. Que alcantis!

Que florestas! Só mesmo um homem, de todo alheiado da vida terrena e em absoluto entregue ao ideal, poderia viver em sitio de tanta aspereza. Cheguei á fazenda mais morto do que vivo.

Recebido pelo administrador do Adelino, um homem simples, de maneiras dóceis, disse-lhe ao que ia e mais: que tinha pressa porque deixara a cidade em ancia soffrega e o jornal entregue a um rapazelho estroina, que era capaz de virar a politica, atacando o Quincas e elogiando o Pires, que estava na opposição e sem vintem.

O homem comprehendeu-me e, coçando a grenha, hirsuta como a floresta que ficava a um tiro de espingarda "tico-tico" da casa da fazenda, disse-me que "para o caso o melhor era elle mandar vir a moça que acompanhara seu Saveiro. Concordei. Horas depois entrava-me pela sala dentro uma dessas morenas que são o encanto e a gloria do sertão brasileiro — tez fina, olhos grandes e

negros, boca pequena, aberta em rosa, cabellos que a vestiriam se ella os soltasse, collo cheio, quadris anchos e um geito de olhar e uma voz.....! O homem disse-lhe o meu desejo. Ella sorriu e, logo accedendo, explicou:

— Elle vivia lá em cima. Só vinha aqui para comer. Lá em cima é que elle vivia, na minha casa.

— Pois vamos á sua casa. Fomos. Era dentro da matta, uma choupana que era um ninho, a pedir, para descrevel-a, a pena de Chateaubriand ou de Bernardin de Saint Pierre.

Mal cheguei ao que fôra o retiro poetico do nosso Firdusi, tratei de procurar reliquias. Achei a resma de papel e achei o litro de tinta e a mala de roupa com alguns romances policiaes que elle, naturalmente, levava para repouso do espirito. Eis, porém, que, a um canto, descubro uma pagina de almaço riscada, manchada. Tomo-a, examino-a e descubro

letras, cheguei a decifrar algumas palavras, no emmaranhado dos rabiscos: “laranja, então, água suja, crepusculo... bac...” e letras avulsas—um A aqui, um T além.

A mocetona, vindo-me a examinar, com interesse, a pagina complicada, sorriu mostrando-me uns dentes admiraveis e, simples, como uma figura biblica, uma daquellas doces mulheres que faziam o encanto patriachal, inclinou-se sobre o meu hombro e perguntou dengosa:

— O senhor está lendo alguma coisa?

— Não. Mesmo porque não ha aqui nada escripto

— Não ha agora, porque eu risquei tudo.

— Você!

— Eu, sim. Ah! commigo é assim. Quem me quizer bem ha de querer a mim só. Isto de me beijar e de escrever a outras não serve. Fui eu que risquei, eu mesma. Sou assim. Ciumenta até aqui. Quem não tem ciumes não quer bem. O senhor

não acha? e envolveu-me num olhar que... me fez comprehender o fim tragico do grande artista.

— Mas... e esse original que lá está no museu Saveiro, ao qual conferiste o primeiro premio no teu jornal?

— E' a tal pagina rabiscada pela mocetona, a unica coisa que ficou do genio do homem, cujo monumento deve ser inaugurado amanha. E eu, no discurso official, tenho um trecho em que escondo a verdade e explico os rabiscos. Meu amigo, não devo ir d'encontro á opinião publica. Tenho familia e quero ganhar tranquillamente a minha vida—deixo-me ir na onda. Saveiro era uma besta e um refinadissimo devasso, a unica coisa que delle ficou é aquillo que lá está, em moldura de ouro. Pois queres saber que digo daquella ignominia? Ouve. E leu-me este trecho, que reputo indigno:

“A pagina primorosa, de prosa lapidaria, que conservamos religiosamente no “Relicario” da ci-

dade, revela-nos o artista exigente, insatisfeito, que trabalhava a phrase com paciencia benedictina. Debaixo daquellas linhas, que se cruzam, daquelles borrões, que scintillam como astros, a Posteridade paciente descobrirá os esplendores de um Pensamento Novo. E, nesse dia, quando os diamantes forem extrahidos da ganga que os esconde, o Brasil verá o seu Poeta maximo e a nossa cidade receberá, triumphante, as glorificações do universo.”

—Mas isto é vil, Gaudencio! E’ uma mentira covarde! Uma mystificação canalha...

—Será o que quizeres, mas eu não sou idiota para ir d’encontro á opinião publica. Tenho familia, sabes? Tenho familia e quero ganhar em paz a minha vida. Pouco me importa que o Saveiro tenha sido uma besta. O povo diz que era um genio, seja.

# ESPERANÇA



**L**ASCIATE OGNI SPERANZA, VOI, CH'ENTRATE.  
Tal era o distico, em letras negras, que o florentino divisou na portada do Inferno. E porque não permite Deus, todo misericordia, que entre a mansão afflicta, para allivio dos galés da morte, a consoladora da Esperança? Responde-se: para não augmentar com a illusão a tortura da Eternidade.

Se a Esperança descesse ao Orco e o atravessasse em vôo leve, todos os reprobos se agitariam nos seus paradeiros de angustia e mais se lhes aggravaria o tormento quando a vissem partir, e assim Deus concorreria com a sua bondade para avivar agonias infindaveis, procedendo como os

inquisidores, que esponjavam com pannos humidos os corpos nús das victimas chegadas á fogueira para que, depois do refrigerio, mais sentissem a ardencia das labaredas. Não é na «Commedia» dantesca, mas em um dos contos crueis de Villiers de l'Ysle Adam que encontramos uma scena que se póde oppor a que nos offereceu a cisterna de Rocinha. Intitula-se a tremenda narrativa: «LA TORTURE PAR L'ESPÉRANCE».

E' o caso de um judeu, Rabbi Azer Abarbanel, preso em um «in pace» do Official de Saragossa, que recebe a visita do veneravel Pedro Arbuez d'Espila, sexto prior dos dominicanos de Segovia, terceiro Grande Inquisidor de Hespanha, que o vai prevenir de que, na manhan seguinte, lhe será dada a ventura de padecer o supplicio do «quemadero», que o mundificará de todos os peccados.

Depois de o animar com palavras devotas, retira-se o sombrio dominicano e o frade que o

acompanhava dá volta á chave, que range na fechadura enferrujada.

Encolhido, a tremer, fica o judeu a um canto do seu ergastulo, d'olhos fitos na porta por onde passaram os dois visitantes sinistros e eis que descobre um laivo na escuridão. Soergue-se. Eriçam-se-lhe os cabellos, corre-lhe um fremito pelas carnes, resecca-se-lhe a lingua, trava-se-lhe a garganta. Será possível! Aquelle golpe na treva só poderia ser de luz! Arrasta-se attrahido, vai devagarinho, no receio de uma cilada daquelles religiosos que, em nome de Deus, infligiam tormentos inconcebíveis, chega, impelle, de leve, a porta, sente-a mover-se, tira-a a si e abre-a.

Um tremor convulsiona-o, batem-lhe os dentes em trepidação, correm-lhe lagrimas dos olhos, offegos estrangulam-no, levanta-se cambaleando, ampara-se ás paredes e, abrindo a boca, sorve um hausto largo, como se já respirasse o ar leve e macio que enche a vida.

Estava livre! Podia fugir. A lingueta correra em falso. Encosta-se á porta e escuta. Tudo é mudez. Sahe, põe-se de gatinhas espreitando e parte lento, esgueirando-se rente com a parede do extenso corredor lageado. Mas um vulto apparece ao longe. O coração do desgraçado põe-se a bater tão forte que elle receia que o estrondo o denuncie. Mette-se em um vão, anicha-se muito encolhido, tapando a boca com as mãos ambas. E o vulto passa, some-se. Elle tenta continuar a fuga, mas os joelhos não se dobram, como ankylosados, os braços enrijam-se-lhe, como de ferro e, paralyzado, d'olhos fitos, ali fica, até que o pavor esvai-se e o sangue retoma o seu curso nas veias.

Então parte de rojo, ora vagaroso, ora de corrida, direito ao fundo do corredor, onde imagina encontrar uma sahida. Dois outros vultos sahem da sombra unidos: são os dois frades, vêm conversando. O desgraçado estaca, acocora-se, embola-se

a um canto e queda-se estarecido; mas os dois homens param justamente diante do ponto em que elle se alaparda e conversam, e um delles, voltando o rosto, encara-o a fito, demoradamente. Tem-se o infeliz por descoberto, e, suando gélido, já sente nas carnes as dentadas de fogo das tenazes, as unhas dos garfos escorchantes, estalam-lhe os pés doridos como ao aperto dos escarpes. E os dois olhos agudos não lhe sahem de cima.

Eis, porém, que os frades continuam... Então aquelles olhos terebrantes não o viram, olhavam-no abstrahidamente, talvez seguindo um pensamento, ou algum anjo collocara-se diante delle encobrindo-o ao inquisidor arguto. Sorri e louva o seu Deus, sempre attento aos que tirara do deserto, defendêra das calamidades, guiára para a abundancia de Chanaan e cobrira de favores.

Levanta-se, então, e, encorajado pelo milagre,

afoita-se e lá vai de rastos, ligeiro como um reptil, resvalando nas lages frias. Subito sente um respiro nas mãos—era o ar que passava por baixo de uma porta esconsa. Deus! E se essa porta abrisse para os campos, para a liberdade..?! Mas devia ter tranca e fechadura forte e elle sem nada, sem um ferro para tentar a evasão, desarmado e fraco, a tremer.

Põe-se de pé, tacteando, procura os fechos e apenas encontra um loquete, volta-o; a porta cede, abre-se silenciosamente, como por encanto. Alleluia! Oh! maravilha! O fugitivo recebe em pleno rosto o ar puro da noite estrellada e sorve com ancia o perfume citrino das flores dos limoeiros e ouve o fresco rumorejar dos ramos.

O' noite bemdita! O' ar sagrado! Longe desenhavam-se as linhas escuras, sinuosas da serra. Correria até lá, d'um folego ganharia os acclives, os trilhos asperos e, abalsando-se profundamente,

recuperaria, onde as feras, a liberdade que perdera entre os homens. E a vida sorria-lhe, como que o chamava, todas aquellas estrellas, brilhando na altura, como que lhe acenavam para a fuga. Então, num extase, levantando as mãos para o céu, agradece a Jehovah a grande misericórdia e lança-se para fugir. Mas sente-se cingido por dois braços, vê dois olhos brilhando no fundo de um capucho, sente um halito quente no rosto e, olhando espavorido, reconhece o Grande Inquisidor. Põe-se a tremer, a chorar, babando de medo. E o dominicano, fazendo-o entrar, diz-lhe paternalmente:

— Pois então, meu filho, é justamente na véspera da tua salvação que nos queres deixar...? »

Não se resume uma obra prima. Eu quiz apenas dar uma idéa do conto para que della se tire o « horror » da esperança. Quanto tempo teria durado a ancia desse judeu que foge a quatro patas, sustando a respiração, relanceando olhares

de pavor, e, depois de julgar-se perdido duas vezes, consegue chegar a uma porta, abri-la e respira o ar puro e revê as estrellas e goza o aroma dos vergeis avistando no horizonte nocturno o vago perfil da montanha e, quando se vai lançar no que imagina ser a salvação, cahe nos braços do carasco que o devolve ao ergastulo?

Quanto tempo teria durado esse angustiado rastejamento? uma, duas, digamos tres horas. E a ancia do poceiro de Rocinha foi uma hebdómada sinistra, toda uma semana, sem hora, sem minuto de allivio.

Afundado naquelle abysmo cenagoso, mais horrendo do que as cavas infernaes, o poceiro sentia a Esperança, via-a lá em cima, ouvia-lhe a voz afflictiva e o rumor precipitado do trabalho em que se empenhavam para libertal-o daquella prisão de lodo fétido, daquelle gargálo putrido.

Se lhe gritavam de cima animando-o, a voz, des-

cendo pelo tubo infecto, abalava as paredes e eram tijollos que se desprendiam, torrões que esboroavam rolando e das frinchas humidas, das taliscas, de todas as fendas surdiam larvas, sevandijas fimiculas colubreando e, cahindo sobre o homem nelle se apegavam, umas molles, colleando voluptuosamente ao sentirem o calor do corpo, outras apegando-se á carne, sugando avidamente o sangue.

Mas o homem não sentia o tormento, tão certo estava de que, em breve, voltaria á terra, ao sol, ao ar, á sua cabana e á sua gente. A esperança não o abandonava. E não era ella que lhe mandava os alimentos? não era ella que descia para reanimal-o infundindo-lhe vigor em injecções vitaes? não era ella que elle via marinhando em cabos, indo e vindo com recados da Vida?... Que importava o frio do jazigo, o torpor que o ia amortecendo, a angustia daquelle ar mephitico, a verminação daquelle tumulto, todo o horror do emparedamento em que jazia?

Se um pouco de terra, esfarinhando-se das paredes, lhe cahia nos hombros e nos olhos, cegando-os doridamente, elle alegrava-se imaginando que era a salvação que descia. Mas o silencio tornava e, lá em cima, á boca da cisterna, formigavam os homens aforçurados, tiniam os ferros, cruzavam-se vozes, silvavam apitos e no rumor reboante elle distinguia as vozes queridas: uma palavra do pai ou do irmão, um reclamo da esposa, um balbucio do filho: era a Vida pelas suas harmonias mais suaves que o chamava com ancia amorosa; e a cisterna a desfazer-se podre, a esputar vermina, a porejar mais lodo—um tumulo sorvedouro, um tumulo ventosa, contra o qual não havia lutar.

Que é o duello de Gilliat com a «pieuvre» comparado á inercia tragica desse Prometheu subterraneo, cujo abutre era a Esperança?

O Titan tinha, ao menos, o ar puro da montanha e olhava o céu de frente; o poceiro respirava o

ar deleterio da tumba flaccida e nauseabunda. O animal que devorava o filho de Japeto era uma aguia alipotente; os animaes que cercavam o caipira de Rocinha eram vermes nojentos, lubricos, viscosos. O Atlante ouvia as oceanides, que o lamentavam; o poceiro escutava as vozes dos seus queridos e mais as dos homens que se empenhavam no seu salvamento, mas faltava, entre elles, Hércules, com a clava.

Sete dias e sete noites de supplicio...! Pouco a pouco a sombra foi-se infiltrando no desgraçado, tomou-lhe a alma, inundou-a de treva e a Esperança bateu azas, perdeu-se nos ares, para levar illusões a outros espiritos por ahi além.

E lá ficou no fundo da terra, atolado no ceno e louco, o poceiro infeliz. Calaram-se os seus gritos e da garganta romperam-lhe rugidos. Os de cima ouviram-no e, como não entendessem o que dizia, respondiam-lhe com palavras de animação. E rin-

giam roldanas, cordas iam e vinham, caçambas batiam nas paredes do immenso esophago esbarbordando-as e soterrando o infeliz... até que descobriram que estava morto. Então, em cima, na multidão apavorada, houve como um respiro de desafogo. Antes assim, antes a morte, a libertação: o supplicio era por demais monstruoso.

E começou a retirada lenta dos que se haviam postado á beira daquelle tumulto profundo, onde a Esperança torturára longamente, cruelmente um misero trabalhador.

\* \* \*

Como o homem vê em tudo uma lição querem alguns que esse poceiro seja um symbolo de certo povo que, por descuido, rolou em um abysmo onde brada, chafurdado em lodo, com vibrões pelo corpo. Debalde uma multidão de salvadores acode com apparelhos para trazel-o á vida, debalde o

alimentam, debalde lhe injectam empréstimos e o animam com discursos e metaphoras, o misero lá está assistido pela Esperança, mas sem homem que o salve... porque não ha homem para tal feito.



AVISO



 morro, que ardeu como o Sinai, é um symbolo cuja lição luminosa deve ser meditada pelos raros que ainda, por ventura, se interessam pela sorte deste paiz.

Em tempos não mui remotos, quando ainda havia no coração do povo um resto de enthusiasmo, era dali, daquella altura que, na madrugada gloriosa de 7 de Setembro, uma bateria de artilharia acordava a cidade com uma salva de 21 tiros.

Muita gente passava a noite em claro para sahir cedo afim de achar lugar no Largo do Rocio, onde enfestoados coretos, com luminarias, recebiam

as commissões patrioticas, a parthenia que cantava o Hymno da Independencia e as charangas que atroavam os ares com os ardorosos dobrados e os mais rebolidos fandangos dos que, então, faziam o encanto dos nossos avós.

A vigilia era alegre. Em muitas casas improvisavam-se bailes e eram innumerous os bandos de "seresteiros" que percorriam as ruas, com violões, violas, frautas e cavaquinhos, cantando paixões desesperadas, que findavam sempre na terra fria dos cemiterios.

E' verdade que os cantores lugentes não afinavam com os versos que soluçavam porque, em vez de encaminharem-se para o tumulo, iam de rumo feito ás vendas, onde afogavam o amor em libações copiosas de "misturada."

De taes codorios resultavam, por vezes, complicações internacionaes e eram correrias de urbanos, chanfálho em punho, galopadas de permanentes e,

por instantes, certos quarteiros tumultuavam com prejuizo de muitos instrumentos de corda e grande numero de cabeças quebradas.

Ardor patriótico. Bastava, para accendel-o que, na multidão, alguém falasse com sotaque ultramarino. Logo um indigena mais exaltado enfaruscava-se como o lobo da fabula e, por mais que o outro dissesse que não era nascido no tempo da dominação e que sempre respeitara as leis do paiz, o árdego affrontador não attendia e era páu que te rache, até que a policia intervinha para inflamar ainda mais os animos.

A's cinco da manhan, porém, a artilharia do morro descarregava os seus canhões e os córos entoavam, no Rocio, perante a multidão madrugadora, o Hymno da Liberdade.

Era commovedor e indigesto: commovedor porque agitava o civismo, indigesto pelas empadaes com que se entouriam os que ficavam ao tempo,

garantindo um commodo lugar na grama, desde o anoitecer da vespera—familias inteiras, ás vezes com crianças de mama, que espernegavam esganiçando-se quando as salvas ribombavam.

Fosse como fosse, era edificante porque revelava amor patrio.

O povo celebrava ao ar livre uma cerimonia que, de certo modo, lembrava a festa dos tabernaculos com que os Beni-Israel rememoravam o tempo em que haviam habitado tendas, no deserto, depois da sahida da terra do Egypto, onde viveram escravizados.

E, como os pequenos, que não sabiam outras historias, senão as da Carochinha, pedissem explicação daquelles tiros, daquelles cantos, de toda aquella baráfunda, as mãis, que não eram da força de Calliope, coçavam a cabeça e, quando não beliscavam os importunos, arranjavam um aranzel historico que escurecia, ainda mais, a intelligencia das crianças. E era um inferno! Diziam ellas:

—Eu sei lá! Pois você não está ouvindo o hymno? O hymno não está dizendo que estamos livres? Pois então? Está você ahi a aborrecer-me com perguntas. Fique quieto, coma a sua empada e ouça a musica e o que as moças estão cantando. Diabo de pequeno! E' só perguntar. Quer saber tudo. E' por estas e outras que eu não gosto de sahir com crianças. Pergunte a seu pai.

O pai franzia o sobrolho e, fungando o seu "areia preta," declarava que não estava ali para dar lições. Não tinha o pequeno um professor? pois perguntasse ao professor e deixasse-o em paz.

E o pequeno, esperança da patria, ficava na mesma, tão instruido na historia do seu paiz como os alarmados tico-ticos que voavam de ramo em ramo.

Não havia explicações, mas havia patriotismo e affirmo que se alguém dissesse que um bando de estrangeiros havia surgido no interior do Brasil

armando barracas e espalhando rebanhos pela terra o povo heroico de então, logo inflammado, pediria armas e sahiria a expulsar o invasor, ao som do Hymno Nacional ou de outra musica qualquer

Hoje. . . Hoje ha muita leitura, todos arrancam das entranhas do patriotismo discursos bombasticos nos quaes estribilham as palavras: Patria! Liberdade! e outras que fazem effeito de rojões rhetoricos não faltam historiadores de botequins e de esquinas e o primeiro pimpolho de escola publica é capaz de escrever uma memoria erudita sobre todos os lances que foram testemunhados pelo corrego do Ypiranga, chamado hyperbolicamente o rio da Liberdade. Mas energias como as de antanho, isso é que não ha.

O caso do morro é uma prova. Aquillo era terra alta e versuda, agasalho de passarinhos. Ali frondejavam arvores de grande viço, era um diversorio florido no coração da cidade, um pouco de

selva que encantava os olhos dos que mourejavam cá embaixo. Tinha alguma coisa de sagrado como um altar da natureza.

Ai! de quem se atrevesse a tocar em um galho de arvore! seria tido por profanador e, castigado como tal. Mas correram os tempos e o morro foi esquecido.

A cidade embellezava-se com a abertura das avenidas e o fausto da planicie fez com que ninguem mais se preocupasse com aquella eminencia, de acesso difficil, por trilhos de cabra. E, um dia, um homem subiu sôrrateiramente levando á cabeça uma pilha de taboas e algumas latas velhas e, lá em cima, escolhendo um sitio a seu gosto, levantou um rancho e installou-se. Ali viveu tranquillo, como Timon na floresta.

Ninguem, jámais, o procurou para saber com que direito elle se havia apoderado do morro levantando nelle o casebre rustico em que habitava.

E como ninguem o incommodava, resolveu o homem levar por diante a construcção e com outras taboas e outras latas foi cobrindo o monte de pardieiros, devastando o arvoredo para abrir campo onde edificasse e, pouco a pouco, foi-se o terreno enchendo de moradores, que alugavam ao primeiro habitante os casebres que elle havia levantado.

E outros appareceram e edificaram por sua conta e a cidade miseravel crescia, desenvolvia-se na altura, coroando com a sua sordicie a outra cidade esplendida que lhe ficava em baixo.

Até onde iria ella ninguem poderá dizer. O certo é que, se o fogo, accidental ou criminosamente posto, não houvesse arrasado aquella immensa aljama, talvez que ella, um dia, entrasse pela Avenida com os seus tugurios, como a selva de "Wood's-town", do conto de Daudet, irrompe luxuriantemente no meio da cidade.

Mas onde está a lição do morro? Onde? Não é difficil encontral-a. Aquillo foi, a bem dizer, o altar

---

do patriotismo—era ali que, todos os annos, se celebrava a Independencia da Pátria e, por descuido das autoridades, transformou-se, de um dia para outro, em cidade de miseria.

O invasor, aproveitando-se da indifferença dos vigilantes, apoderou-se da montanha e fez-se nella senhor. Pois, meus caros amigos, o morro de Santo Antonio é uma insignificancia se o compararmos com outras montanhas ricas que ha ahi por esses Brasis que, tomadas palmo a palmo, subrepticamente, são hoje propriedades de aventureiros, que nellas vivem e nellas impõem a sua lingua e a sua bandeira. E, para desalojal-os, ai! de nós... talvez seja necessario fogo mais estrondoso do que esse que arrasou a cidade da miseria.

Emfim... póde ser que eu me engane e queira Deus que assim seja.

---



# TERRA ABANDONADA





 **Q**UE és tu? a Belleza, E tu? a Deformidade.  
 Vinde e mirai-vos ao espelho da Morte. Que  
vêdes? dois esqueletos iguaes.

Que é das feições maravilhosas que detinham  
ante o teu rosto as gentes? Que é dos traços hor-  
rendos do teu doairo repulsivo, que faziam de ti  
um ser abjecto? apagaram-se com a vida que os  
alimentava. Eram emprestimos, como vestidos que  
se despem á hora de dormir.

Tudo reduz-se a terra, porque é terra.  
Assim, valem tanto como a collina, nossa irman,  
e, bem examinados, não somos mais do que figuras  
de barro, que nos presumimos deuses e vivemos  
como vive o terreno, cada qual produzindo con-

forme a sua natureza e na proporção do trabalho que o fecunda.

Tomemos para exemplo um poeta, trato de terra abençoado por Deus para produzir maravilhas.

Alumia-o e aquece-o um sol—o genio. Façamos andar em tal terra um lavrador activo e economico, que acorde cedo e saia para o trabalho cantando.

Eil-o: é robusto e o seu nome é “Volo”, como se dissessemos: Eu quero!

Olha em torno o que o cerca, respira o ar, goza o perfume e, como tudo aproveita, nada do que vê despresa e assim tira á sua parte a melodia da ave, o sussurro das frondes, o murmurio das aguas; não lhe escapa o brilho da luz no lustro de uma folha nem o olhar lacrimoso com que uma moça triste parece exorar os céus; escuta o que dizem os humildes e o que apregoam os vaidosos; detem-se, aqui ante um lance de amor idyllico; além, á beira de um berço; adiante, junto de um

tumulo e de tudo tira impressões, como se recolhesse sementes.

Chama, pelos seus appellidos, os bois possantes que o ajudam no trabalho—um é Energia, outro Perseverança, junge-os ao arado, que é a Paciencia, e lá os leva.

A principio tudo é aspereza: são pedras, é lodo: são raizes, é arêa e ora a relha estaca e range em empeços rijos, ora afunda-se em polpa peganhenta. “Vólo”, porém, incita os animaes que são, de instincto, pertinazes e redobram de esforço e arrancam, e o arado segue preparando o sulco onde hão de medrar as sementeiras apanhadas aqui, ali.

Não basta, porém, a feracidade da terra e “Vólo” pensa em enriquecel-a com adubos e onde os encontra? no estudo. Recolhe nas margens dos livros as idéas, como o plantador egypcio ia buscar o nateiro á ribeira do Nilo e torna, com mais interesse e mais empenho, á lavragem, semêa as im-

pressões colhidas, cercá-as de pensamento e espera que germinem e venham a flux, e dêem flor e dêem fruto.

Então colhe-as e são taes flores e taes frutos que tornam a vida suave e alimentam a alma da Humanidade.

Que era "Antigone" antes de Sophocles? uma tradição thebana, semente da arvore tragica cujo tronco é Édipo e que andava perdida nos cantos dos arnodos.

Tomou-a o poeta, levou-a ao coração, fez sobre ella inflectir o genio, creador como o sol, regou-a de lagrimas, tratou-a com a sua argúta sciencia de lavrar e, da impressão de um canto ou de uma narrativa heroica, que transitava de boca em boca, como o pollen anda no ar, rebentou exubere, subiu, cresceu, desenvolveu-se prodigiosamente essa arvore immensa e verde, de cujo tronco parece haver sahido, para consolo do Homem, a hamadriade evangelica, dilecta de Jesus, chamada a Caridade.

Tal como nasceu Antigone nasceram todas as figuras immortaes da Poesia e da Arte.

Para não perdermos passos lancemos um rapido olhar á formidavel floresta shakspeareana.

Que era a immensa mandragora que se chama "Macbeth"? uma narrativa curta das chronicas de Hollinshed. Que era "Othelo"? uma novelleta simples e ingenua de Giraldi Cinthio e cresceu, frondejou nessa estupenda mancenilha. Que era "Romeu e Julieta"? um episodio lyrico de amor, tratado com simplicidade, para leitura amena, por um narrador modesto, Luigi da Porto e de tão pequenino germen sahiu a arvore cujos frutos, como os da perséa de Isis, têm a forma do coração, arvore hospitalar dos que amam, cujas raizes, como as de Igdrasil, vão ás mais intimas profundezas da terra e cuja fronde culmina onde pairam as estrellas.

Uma lagrima é uma semente, um olhar re-benta em poema, tudo depende do solo que os recebe.

Nem toda terra é bôa, nem todo homem produz: assim como safaros e mortorios, charnecas que só geram sapê, maninhos que se erriçam em espinhaes, outros em que só viçam hervas damninhas, palhaes nocivos onde se enroscam viboras, tambem ha homens que só rebentam em maldade, que só expluem macégas.

“Vólo” não trilha taes terrenos e o sol que os adusta torna-os mais ferozes e, como lhes dá força, desenvolve nelles a maldade. E pois são terras de crimes, terras de desolação como os seccos desertos, onde silvam e collêam áspides. Se nelles, porém, entrasse o trabalho, se se pudesse por nelles “Vólo”, o lavrador, com a sua junta de bois e o seu lento arado todo o mal desapareceria e onde, na vespera, tudo era palhal, esconderijo de insidias, lourejaria, na manhan seguinte, a flexuosa abundancia das searas.

Assim o corpo é terra e “Vólo”, o lavrador, filho d’Alma, é o seu dono.

A terra humana perece, mas não desaparece — volta á sua origem como os riachinhos ligeiros correm para o mar e, se todo homem regressa ao que foi dividindo-se, na morte, nas duas metades que o constituem — ficando a de terra na terra e subindo a de alento para o céu, é justo que, tendo volvido á divina origem uma parcella do que foi um homem, reverta a outra á terra de onde sahiu.

Onde jaz o corpo de Aluizio Azevedo, que é uma reliquia, porque foi a lampada onde ardeu um grande lume, cuja claridade não se extinguirá na Historia da Litteratura do Brasil? jaz, por esmola, em solo estranho.

Terra feracissima, eu a vi, nos grandes dias do outomno, accesa em claridade, trabalhada laboriosamente por "Vólo", que a semeava tirando d'ella uma flóra prodigiosa.

Terra como a de Chanaan, a bem regada, os

frutos que produzia-eram excellentes e maravilhavam.

Escriptor vigoroso, de vontade inquebrantavel, que resistia a tudo, sobranceiro e intrepido:—á inveja, á penuria, ao desconforto, levando por diante o arado e semeando a mãos largas o que apanhava na vida e que ficou eternisado nos volumes da sua bibliographia numerosa, Aluizio legou á patria um thesouro, dos que não soffrem a acção do tempo, antes mais se apuram e valorisam com o rolar dos seculos, como o diamante que tanto mais brilha quanto mais o remorde o ferro do lapidario.

Poucos escriptores entranharam-se tão profundamente na vida da sua terra como o autor do CORTIÇO. Não desdenhava as grandes litteraturas, fortalecia-se com ellas; nellas buscava seiva e ensinamentos, mas as sementes, essas só as queria nossas e andava a catal-as na alma do povo, nos costumes,

nos habitos e, assim como colhia nos espiritos superiores, descia aos corações simples onde apanhava a poesia singela, a alegria e o soffrimento, o ideal e a angustia, os enlevos e os odios, os sonhos e os estúios da volupia.

A sua obra — sem que elle, jámais, fizesse disso alarde — é profundamente nacionalista e quem folheia os seus volumes vai nelles topando com figuras do passado, mas que se renovam em nossos dias, como uma semente reproduz a arvore de que veiu.

Esse é o escriptor, cujo espirito ahi está vivo nos livros e ha de fulgurar eternamente nos fastos da nossa vida.

Mas o corpo, a terra, onde jaz? Reverteu ao seio materno? tornou á genese? regressou á origem? não — jaz longe, como exilada. Houve idéa de a trazerem. Viria na volta dos navios que foram a Buenos Ayres com a eloquente embaixada e assim,

com os laureis colhidos por um gloria viva, traria a nave as flores da piedade que cobrem o que não é mais que um pouco de terra sagrada.

E não seria um sahimento funebre, senão uma glorificação.

Os guerreiros, finda a batalha, ao som das tubas da victoria, se vêem, cahido na terra, um corpo de irmão, tomam-no aos hombros, e entram com elle no acampamento em festa e enquanto resoam os hymnos, caridosamente cavam uma sepultura, quebram dois ramos e atam-nos em cruz e, dando um leito ao cadaver, põem-lhe á cabeceira a vigilia divina. Então, mais contentes de haverem vencido e não menos do acto de misericordia fraternal, que realisaram, entram na alegria com que a Patria recebe os que a defendem e honram.

Não teve tal sorte o corpo de Aluizio.

Os navios partiram e lá ficou, no territorio estranho, a terra que é nossa, terra que tantas

---

---

vezes se cobriu de flores, flores que formam corôas que estão suspensas no Pantheon das nossas letras.

Ha, na Iliada, uma scena de grande e anti-pathica crueldade: é quando Heitor, ferido de morte por Achilles, implora-lhe, em palavras enternecidas, que lhe devolva o corpo a Troya para que lhe sejam prestadas as honras funebres. Não se move o vencedor á supplica do vencido e ainda o insulta com despreso.

Parece que toda a grandeza do principe fortissimo de Larissa se converte em ferocidade. Dá-se como uma metamorphose—o homem transforma-se em hyena e fica a rondar o cadaver, como a antegustal-o. E' horrivel!

Agora, porém, fala-se em outro navio que vai em missão a Buenos Ayres. Porque não trará esse, para o territorio da patria o bocado de terra que lá está por misericordia e como abandonado?

Emfim... não admira que sejamos tão indif-

ferentes aos nossos grandes homens mortos quando tão pouco caso ligamos aos symbolos mais sagrados da Patria. Não é de estranhar que um povo que, depois de finda uma feira, como foi a exposição que se fez no terreno do antigo convento da Ajuda, consente que apodreçam ao tempo as suas bandeiras, hasteadas arbitrariamente, deixe em abandono em terra alheia o corpo de um dos seus filhos mais illustres. E' verdade que só agora é que começamos a pensar no levantamento do civismo no Brasil.

E começamos bem, não ha duvida.

# A Cigarra e a Formiga





La cigale ayant chanté  
Tout l'été,  
Se trouva fort dépourvue  
Quand la bise fut venue  
.....  
Elle alla crier famine  
Chez la fourmi sa voisine...

LA FONTAINE.



**C**ONFIRMA-SE, ainda uma vez, o conceito da fabula.

Quando se accendeu na Europa a fogueira da guerra não faltaram vozes avisadas que aconselhassem a conveniencia de nos apercebermos para os dias futuros, que se annunciavam temerosos. Tivemos, com mais fortuna do que os povos do paiz de Kem, não um só adivinho, como José, filho de Jacob, privilegiado com o dom da oneirocricia, mas muitos ariolos, que auguraram miserias mais calamitosas do que as que affligiram Mizraim



La cigale ayant chanté  
Tout l'été,  
Se trouva fort dépourvue  
Quand la bise fut venue  
.....  
Elle alla crier famine  
Chez la fourmi sa voisine...

LA FONTAINE.



CONFIRMA-SE, ainda uma vez, o conceito da fabula.

Quando se accendeu na Europa a fogueira da guerra não faltaram vozes avisadas que aconselhassem a conveniencia de nos apercebermos para os dias futuros, que se annunciavam temerosos. Tivemos, com mais fortuna do que os povos do paiz de Kem, não um só adivinho, como José, filho de Jacob, privilegiado com o dom da oneirocricia, mas muitos ariolos, que auguraram miserias mais calamitosas do que as que affligiram Mizraim

durante annos figuradas no sonho do Pharaó pelas sete vaccas magras e pelas sete espigas chôchas. E, assim como taes prophetas pré-gavam os seus vaticinios, suggeriam prudentemente os meios de conjurar os males que, não em sonhos, mas na realidade, avistavam.

Cassandra teve mais ouvidos que a ouvissem em Troia do que tiveram, entre nós, os cautelosos conselheiros.

O povo descansou nos seus parédros e estes, como entendem que toda a sciencia de governo está contida na urna, que é o vaso de eleição, em vez de providenciarem, como fez o hebreu, abarro-tando os paiões de trigo, distrahiram-se em conciliabulos politicos, indifferentes á crise que se aggrava-vava dia a dia.

Entre as medidas propoſtas pelos arúspices, que liam nas entranhas do Tempo, foi das primeiras, e fundada na fertilidade da terra, que,

desde logo, sahissesem os homens a preparar o solo limpando-o do maninho, correndo-o a sulcos de arado, dividindo-o para as sementes, cada qual onde melhor se dêsse: esta, no chão graniso; aquella no alfôbre humido; outra espalhada nos nateiraes das varseas, que tudo é leito de nascença e medrança e que se criassem gados e aves e se fizessem andar industrias, de modo a pôr o paiz em estado de prover-se com os proprios recursos, no caso de lhe faltarem os do estrangeiro.

Como foram recebidos conselhos taes? com o sorriso sceptico que franze os labios do brasileiro sempre confiado nos soccorros da Providencia.

Demais ainda entravam navios, senão com a frequencia regular de outróra, ao menos um em cada semana, descarregando nos portos e, como tal vissem, os ameaçados davam de hombros, convencidos de que a «Annona sancta» não lhes faltaria com as provisões necessarias.

Mas succedeu o que haviam previsto os annunciadores: os mares, corridos de corsarios, tornaram-se caminhos de morte e os navios, que se atrevem a atravessar as zonas infestadas pela guerra, se escapam das minas, essas syrtes de fogo, não se livram dos novos «krakens» que andam, embuçados nas vagas, esporeando a torpedos os transatlanticos; e assim vamos ficando isolados do mundo como se um cataclysmo nos houvesse desligado do planeta atirando-nos no espaço, orfans da Humanidade.

Escasseando o trigo na ucha foi-se o Brasil, pelo caminho da cigarra, á casa da vizinha Argentina. Bateu-lhe á porta lançando a sua queixa. A resposta não se fez esperar e veio como a da formiga, igual em tudo, até na arrogancia do tom:

—Nem um mendrugo, ao menos, que não se nega ao mendigo?

—Nada. O tempo é apertado e arranje-se,

cada qual, com o que semeou e colheu. Que fizeste nos dias serenos?

— Fiz politica.

— Ah! fizeste politica? Pois come desse prato, e que te saiba. Disse, e fechou-lhe a porta na cara.

Mettendo a viola no sacco tornou a cigarra ao ramo verde no qual, durante os dias estivaes, cantára, da madrugada á noite, o seu canto preferido, que é a canção do voto.

\* \* \*

Que o Brasil é cigarra e das mais imprevidentes é coisa sabida e demonstrada na anthologia. Não houvesse elle nascido no floreo mez de maio quando se arreiam as balsas e o ar macio trescala.

Os outros paizes agitam-se, com ambicioso afan, pela fortuna e pela gloria e como em alguns a terra, por velha e safia, não dá mésse senão com usura, pagam-lh'a os lavradores, sem queixa, com

suor, sangue e lagrimas, trabalhando-a de sol a sol, alimentando-a com os melhores adubos, correndo-a de azequias regadias, aproveitando-a em todas as nesgas e carcavões.

O Brasil, cujo solo é como o seio fecundo de Cybele, manando perenne e copiosa seiva; o Brasil, que é um paiz florestal e mais reticulado daguas do que o Septa Sindú, paiz a que nada falta porque, como um indice da Natureza, tem em si todos os climas e cuja terra, como escreveu Vaz de Caminha, «querendo-a aproveitar dar-se-á nella tudo, por bem das aguas que tem»; paiz que todos imaginam ser como o de Cucanha onde se realisa o ideal platonico, enunciado no «Timeu», da vida farta e isenta de trabalho, parece, entretanto, governado pela tristonha e esfarrapada «Penia» que, na comedia «Plutus» de Aristophanes, alróta miseria, sem miga para roer.

Por todo elle, tanto no palacio como na chou-

pana, só ha, neste momento, fóra da politica, um assumpto de conversa—o pão. O povo está sob a ameaça da fome porque a Argentina, que sempre nos sorriu nos dias venturosos, agora se nos mostra carrancuda negando-nos a farinha das suas searas.

Tinhamol-a por amiga, daquellas que, «in re incerta», viriam pôr-se ao nosso lado com a pressa solícita de irman affectuosa, franqueando-nos o seu celleiro, offerecendo-nos as suas armas, cobrindo-nos com a sua bandeira, se tanto fosse mistér. Veiu o dia da experiencia amarga e... appareceu a formiga.

Que o exemplo nos aproveite porque ha nelle duas lições. A primeira confirma as palavras prudentes daquelle subtilissimo Cotegipe, que foi um profundo conhecedor dos homens; a segunda talvez nos guie para o caminho da fortuna, que ahi jaz em matto bravo.

Lança os olhos pelas formosas terras que te

cercam, Cigarra, filha do sol, lança-os pelo céu azul, lança-os por esses rios claros e por esses mares verdes e lembra-te do Peer Gynt do poeta.

Que fez elle? deixou os pagos e sahiu errante pelas terras longinquas, procurando a felicidade que abandonára no proprio torrão natal e regressando, desilludido e exausto da viagem inutil, ouviu a Solveig e, ouvindo-a, atinou com o erro em que cahira reconhecendo naquella voz de meiguice a propria voz da ventura, que elle tivera, na mocidade, tão perto de si e de que se apartára levado pela illusão.

Tu tambem, porque has de viver a expensas do mundo buscando lá fóra o que tens em teus lares: desde o pão que comes e a lan que vestes, desde o lenho que acepilhas e o ferro que forjas, desde a arma com que te defendes e o livro em que aprendes e gosas até a alma, que em ti é tambem estrangeira, porque a tomas de emprestimo lá fóra

para que te julguem « culta », Cigarra ingenua, quando, em verdade, todos riem de ti, dessa « mimesis » ridicula com que te disfarças?

Tens uma terra invejada de todos, formosa como as que mais o são e rica como nenhuma e vives enlevada na contemplação do outro hemispherio, affectando modos que te não são proprios, deturpando a tua lingua com aravias alienigenas e de mão estendida a todas as esmolos.

Pão! Semeia os teus campos e terás farinha alva como a mais pura e cheirosa das ucharias reaes.

Lan! Cria rebanhos nos teus pascigos e não te faltará agasalho. Lenho e do melhor, escolhe-o nessas florestas que te emplumam de Norte a Sul; metaes, eil-os ahi nos montes ferreos e no seio da terra. Que mais queres, Cigarra indolente? Nasceste para cantar, mas nem só de canto se vive e a prova é que estás agora a pedir pão e que te

respondeu a vizinha, apesar do «Tudo nos une e nada nos separa»? respondeu como a formiga á cigarra:

Vous chantiez! j'en suis fort aise  
Eh bien! dansez maintenant.



1257 CALUMNIA 136

127-136

  
 **E**M merencoreo valle, lúrido, desconhecido do sol, onde jámais os ventos respiraram, tétro, gelado por um frio lethargico, assentou Ovidio a horrida mansão da Inveja, encharcada em sangue putrido e sempre envolta em nevoeiro espesso.

Quando Minerva, accesa em ira contra Aglaura e resolvendo tirar da virgem enamorada estrondosa vingança, recorreu ao monstro esqualido, como lhe não permittisse a natureza divina penetrar no antro infecto, bateu á porta com a sua lança e esperou no limiar. Levantou-se mollemente a Inveja, interrompendo o seu torpe repasto, que consistia em viboras, e apadiu ao chamado imperativo.

O seu halito fez recuar a deusa augusta, logo, porém, tornando, disse ao que ia, obtendo do trasgo promessa de obediencia.

Fosse Minerva curiosa e teria devassado com o olhar a ferruginea estancia descobrindo, além da senhoria, outros moradores, todos hediondos: uns ousados, affrontosos, caminhando com entono; outros covardes, rastejando a quatro patas, lambusados de lama sanguinosa; ainda outros encravados em anfractuosidades, com os olhos reluzindo, uma baba verdinhenta a escorrer-lhes da boca por entre arnellas denegridas.

E quantos seriam! Fossem lá contal-os...! A Mentira macilenta, mal coberta de andrajos, com o collo tabido franjado de sanguesugas, que eram as maledicencias; a Isonja, a rir, com os dentes podres esputando sanie; a Hypocrisia a mudar de rosto a cada instante, ora envesgando os olhos vitreos, fulgurantes de odio, ora os humedecendo

em lagrimas de perfidia e a Calumnia arrevesando  
bile negra, esvurmendo pús de todo o corpo imbrido  
de escaras, e ainda outras sombras que res-  
valavam num fervilhar monstruoso.

Óvidio, porque não nos descreveste a furna  
lobrega e a vida dos seus moradores com os seus  
habitos, com as suas tramas, traçando insidias,  
combinando viltas, qual mais inventivo em ima-  
ginar infamias e todos gozando com a idéa dos  
tormentos que infligiriam ás almas quando sahis-  
sem em excursões pelo mundo?

Porque não nos mostraste, Óvidio, o repugnante  
concilio em acção, sob a presidencia da Diveja?  
Terias feito uma obra de horror diante da qual  
seriam como mimosas flores de campina os tercettos  
de Dante e o grupo das feiticeiras de Macbeth, em  
volta do caldeirão fatidico, valeria tanto como uma  
tripode em que se queimam armatas.

Não quizeste mostrar o horror e ficaste com

Minerva á entrada da jazida infernal de onde, desde os dias olympicos até hoje, sahem as estryges que põem em alvoroço as almas.

Quando a Inveja, rangendo os dentes amarellos e rasgando, a unhas, as proprias carnes, chama as suas filhas tetricas e, conduzindo-as á porta da estancia melancolica, manda-as soltas pelo mundo, a propria luz empallidece, mirram as hervas dos campos, os rios, assustados, precipitam o seu curso, correm espavoridamente as feras para os seus fojos, as arvores estalam como lambidas pelo fogo, e o ar escurece, turba-se envenenado e tresanda a putrilagem como exalação de carniça.

E onde vão os monstros? vão ao pasto. E de que se nutrem? é acompanhal-os.

Sahe a Mentira e vôa e onde pousa deixa o seu visgo e logo as coisas e os actos se transformam como ao preçtigio de sortilegio: tudo vira pelo avesso e se lhe convém denegrir, denigre se;

lucra com aformosear requinta em fazer formoso; oppõe á luz a sombra, conturba o que é limpido e, para conseguir o seu desejo, serve-se de mil razões, inventa provas, jura assumindo ares devotos, a mão imposta ao altar, jogando com a honra e mais com a vida dos innocentes. E se logra vencer retira-se contente para enliçar adiante outra victima, gosando com o soffrimento em que a vê debater-se.

A Lisonja, como se nutre? segredos tem ella e todos astuciosos. Não é mais rasteira a serpente nem dispõe nos olhos de tão poderoso magnetismo como essa molle constrictora.

Avisinhando-se da sua victima insinua-se subtil, seduz; acolhida enrosca-se, enrodilha-se-lhe aos pés e, lançando a língua humida de blandicias, vai lubrificando a presa antes de devoral-a. Segreda a suggestão, infiltra o veneno e aguarda o effeito. Se demora, redobra de actividade funesta colleando,

rabeando agil, até enlaçar a prisioneira nos aneis do corpo asqueroso.

Já estalam os escrupulos da paciente, foga-lhe a energia, esvai-se-lhe o pudor e o que era timidez retrahida apparece em cynismo; o que era virtude apodrece em ignominia e, onde havia uma honra illibada, não resta mais que um labéo.

E vai-se a Lisonja contente, em vôo de morcego, trissando a sua victoria.

A Hypocrisia, como vive? Que o diga Thersyto, que o explique Tartufo, D. Basilio que o descreva. Vive a mudar de feição como mudam de côr o camaleão das ruinas e o polvo das madrigueiras. Vai a tudo e em passos de lan. Penetra como miasma e onde se mette ahi fica.

Entraí onde préga o sacerdote em nome de Deus, onde prega o republico em defesa da patria, onde doutrina o sábio para esclarecer os espiritos, onde brada o instructor adestrando a milicia, onde

o negociante expõe a sua fazenda, o juiz o seu pleito, o artista a sua obra, o mesteiral o seu trabalho; este o seu amor, aquella a sua virtude e, junto a todos, se olhardes bem, vereis a Hypocrisia exercendo, com argucia, o seu officio.

Em um salão, lá estará. Aqui a conversar de assumptos politicos, ali a discretear de amores, além a sussurrar piedade d'olhos em alvo e mãos em cruz ao peito. Acercai-vos da mystificadora e vereis que acompanha todas as palavras que lança com uma gotta de peçonha ou com o amavio de Mephistopheles. Séguí-a nas ruas, de modo a não serdes sentido, e vel-a-eis sahir da capella e barafustar no alcouce; descer da tribuna e encafuar-se na tavolagem; fechar o livro de moral para escrever uma carta anonyma; sahir da fileira para alliciar revoltosos; descer ao esconderijo onde sonega o contrabando, confabular com a parte contraria, acarretar pensamentos de obra alheia, preferir materiaes inferiores, trahir numa volta de esquina sem re-

morso das juras que fizera a instantes. As suas mascararas são tantas que tem uma para cada interesse e afivela-as com tal justeza que ninguem lhe descobre o disfarce. Prima em ser habil nas transformações e Protheu não a venceria nas metamorphoses. Mas a filha predilecta da Inveja e a que mais serviços lhe presta é a Calumnia.

Essa, ainda mais dissimulada que as irmans, não ousa mostrar-se ao sol: trabalha na sombra e sempre reбуçada no manto que lhe empresta a Hypocrisia. Distilla os seus philtros como os alchimistas apuravam a fleuma spagirica—subteraneamente. É o seu prazer maior, porque é voluptuosa, é polluir o immaculado, é por nódoas na limpidez. Não é como a mosca, que pousa na immundicie; ella prefere a pureza, vóa á honra, rodêa a virtude, e onde tudo é são ahi é que lhe apraz abrir brecha.

Astuta, adoptou o processo do barbeiro de

Midas que, descobrindo as orelhas de asno, com que Apollo se vingara do rei phrygio, não podendo calar o segredo, fez um buraco na terra e soprou docemente: «Midas tem orelhas de burro». Nasceu no lugar um canniço que, ao bafejo do vento, meneando vagarosamente, repetia as palavras do indiscreto. A Calumnia faz o mesmo: abre uma cova aqui, outra ali, além outras, muitas e, em todas, sopra a infamia que deseja propalar. Surge, não um canniço, mas um canniçal e ai! daquelle cujo nome e honra elle assobia, ao sopro do vento, que não só dá o som como ainda o leva por diante.

E assim, infamando, vai a Calumnia fazendo a sua obra, não só pela voz das cannas como por todos os meios de que se possa servir para lançar viltas que alastram como herva damninha.

O barbeiro viu o seu dito apregoadado pelo canniço hoje, porém, a Calumnia tem tantos outros conductos e processos de alarde, que o seu trabalho está só em escolher o mais prompto e semeia a vozes

largas falando, porque tem o telephonio, escrevendo porque tem o anonymato e ainda cochichando aqui, ali o que chama boato, que é como a sizania, que em qualquer terreno medra e tanto cresce e viça em leira arroteada como em labrusco, em talhão como em pedregulho. E quanto mais se lhe dá em cima mais se lhe empresta força e para arrancar a Calumnia—o que difficilmente se consegue—sempre se leva com as raizes um pouco de terra e a cova que fica é das que se não fecham.

E essa monstruosidade parece que se acclima em nossa terra, porque hoje rara é a honra que lhe não soffre a infecção e tanto se desenvolve a planta viciosa que não sei se amanha ainda haverá, em tal maninho, uma flôr de pureza que possa apparecer ao sol, rompendo livre e immaculada acima do carrascal infame que ameaça suffocar a nossa vida e a nossa virtude.

197 A NOSSA VEZ 148

139-147

☀️ **P**ORQUE havíamos nós de ser respeitados pela  
☀️ traição que conspurca os mares?

A Belgica, garantida por um tratado de honra, fiava-se nelle como Carthago se sentia protegida pelas dobras fulgurantes do sagrado zaimph e, no momento em que a horda appareceu diante das suas muralhas, levantou-o, accenando com elle aos truculentos chefes da invasão. O gesto, porém, que era pacifico, tomado por um desafio arrogante, longe de salvar o pequenino e glorioso reino, precipitou-lhe a ruina.

Os artilheiros, diante da teimosia do povo honesto em não lhes abrir as portas para que atirassem por ellas dentro o enxurro prussiano, que

devia subverter a França, assoberbaram-se e, indifferentes á propria honra, com que havia sellado o tratado, fizeram com que os seus monstros de aço o inutilisassem com o vomito de fogo. E, depois do torpe perjurio, nada mais os deteve—da profanação passaram ao excidio e reduziram a Belgica a escombros confundindo no entulho das cidades, com os destroços das reliquias de arte, o proprio brio da nação que, em odio cégo, esquecia a palavra dada e assignada, enlameando em sangue a firma do seu governo.

Um povo que rasga e tripudia sobre os seus mais sagrados compromissos não tem o direito de apresentar-se no concerto do mundo á sombra de uma bandeira—é bando solto que depréda, é quadrilha que assalta, é farandula que trahe, armando ciladas, sem escrupulo, para conseguir os seus fins de pilhagem.

Nação de prêa não tem lei, não respeita con-

venções, desconhece direitos e caminha abrindo passagem a ferro e fogo, não para vingar affrontas, mas para chegar azinha ao baluarte que deseja conquistar—que é o thesouro das nações vencidas.

E não attende a razões. A quem quer que encontre em seu caminho fala com desplante affrontoso, respondendo a este como o leão responde aos animaes, no acto da divisão da carniça; respondendo áquelle com a ferocidade com que o lobo retruca ao cordeirinho debil. E passa.

A guerra, como faz a Germania, obscurece todo passado. Xerxes não se atreveria a praticar os horrores imaginados pelo estado-maior dos cabeças de ferro.

O persa mandou vergastar o Hellesponto por lhe haver o estreito, assoberbado em ondas, destruido a ponte de barcas, mas não envenenou as aguas sublevadas.

Na enumeração que nos dá Herodoto da

formidavel leva de guerra que desfila, desde Suza e Echbatana, até ás visinhanças da terra alta de Athena, não se encontra o nome de um magico que se servisse de sortilegios para vencer o inimigo robusto.

A Germania, virgem tragica, sahida dos tremadaes da Floresta Negra, faz-se preceder, não de uma cavalgada ruidosa de walkirias, mas de uma nuvem mephitica, como o proprio miasma do seu paul natal.

A sua vanguarda é uma covardia—atira por traz de uma muralha toxica, muralha que avança, como a “tartaruga” da antiga infantaria de cerco, não tendo homens acobertados sob escudos, mas tendo o veneno diluido em fumo.

E' com tal precursora que ella se apresenta em campo. Assim devem ser as avançadas infernaes.

Não lhe bastando a traça perfida da intoxicação

pelo respiro, ainda usa de outro meio que os jornaes denunciaram com horror.

Os seus aviões e zeppelins, voando acima dos campos e das cidades, fazem uma postura tragica: os ovos que deixam cahir e que são apanhados por miseraveis famintos e crianças nos sulcos da terra são confeitos.

A fome que desvaira os desgraçados nem lhes dá tempo a pensarem na perfidia que possa existir incubada em taes presentes do céu; é o manná de Wodan, differente do que mandava a Israel, no deserto, o deus de Moysés.

E os infelizes comem e, desde logo, se lhes accendem em fogareu as entranhas, sahem a correr, aos gritos, agadanhando o ventre—um cahe estortegado, escabujando no lodo, outro atira-se á agua; este precipita-se d'um abysmo buscando a morte para fugir á tortura; aquelle prostra-se de joelhos, clamando aos céus.

E' que cada qual ingeriu no confeito um virus de peste. E morrem assim populações de humilimas aldeias sobre as quaes pairam, espalhando, sem descontinuar, a terrivel saraiva, os aviões e zeppelins, aves sinistras da Floresta de Loke.

As lendas orientaes falam do Passaro Rochedo, monstro que deslocava penhascos, subia com elles nas garras e, elevando-se no espaço, deixava-os cahir sobre os navios que sulcavam serenamente os mares.

Taes monstros, porém, eram avistados na altura e os marinheiros, como Sindbad, manobravam os seus barcos de modo a poderem evitar o projectil com que os ameaçava o prodigioso alerião.

As aves germanicas não despenham rochedos, espalham confeitos—não usam de heroismo, servem-se de insidias, não sahem do aviario dos gigantes, vêm, em vôo batido, dos viveiros dos "Borgia."

No mar o heroismo germanico lembra o da "pieuvre", como nol-o descreve Hugo, nos "Trabalhadores do mar."

A formidavel esquadra de von Tirppitz lá está, sobre ancora, no canal de Kiel. Não ha tiral-a d'aquella madrigueira. O que sahe, sob o capello da vaga, é o submarino, é o tentaculo da traição.

A "pieuvre" vive no fundo do abysmo, á espreita, e mal descobre uma sombra na superficie do mar emerge lenta, cautelosa, e lança o dardo, fugindo immediatamente para o seu fojo, a alapar-dar-se nos coraes, á espera de que a sua victima sossobre.

Desde que a vê adernada, oscillando no mergulho, impossibilitada de reagir, torna á tona para gozar o espéctaculo do desespero dos naufragos.

Abrem-se, então, as suas escotilhas e a maruja surge, fórma no dorso do monstro e fica contem-plando a lucha dos que viajavam confiados na

palavra “germanica”, que garantia a segurança dos neutros.

E, no oceano espumoso, enquanto o navio torpedeado sossobra no remoinho, nadam, debatem-se agarrados em destroços os passageiros pacíficos—velhos, mulheres e crianças, todos clamando soccorro e accenando aos seus algozes; e elles, sorrindo, acompanham a catastrophe tremenda até que desapareça da superficie das aguas o ultimo nadador e o mar se fêche como um tumulto sobre a grande covardia.

Todas as nações têm soffrido os assaltos marítimos da “über alles”: o Brasil, por ser neutro, fiava-se na palavra dos devastadores e, mandando os seus navios aos portos do mundo, defendia-os com o seu pavilhão.

A Germania não parecia dar por elles ou—o que nos affrontava—não os considerava dignos do seu odio. Eis, porém, que no seu delirio de excidio,

atira-se sobre uma quilha brasileira, duas vezes preciosa á nossa honra, por levar hasteada a nossa bandeira e por usar o nome do grande pacifista, o dilatador do territorio nacional, o homem que mais fez, nos ultimos tempos, pelo nosso engrandecimento — Rio Branco.

O gesto, se nos offende, ao mesmo tempo orgulha-nos. A Germania acaba de inscrever-nos entre as nações que enchem o seu Index e que são todas as que se batem pela Civilisação, por amor de Deus, do Direito e da Humanidade.

Assistem-nos agora razões para represalias: já se não poderá dizer, se procedermos com brio, que quebramos a neutralidade, mantida, até hoje, com estricta lisura.

A pedra chegou-nos á casa, a affronta attingiu-nos a face: ha no fundo do mar um pedaço de panno e um nome que são patrimonios do nosso orgulho, quem os fez sossóbrar foi a perfidia ger-

manica. Respondamos como nos impõe o brio ao gesto traiçoeiro dos perseguidores do mundo e, antes de sairmos ao mar ou ao campo, cuidemos de preparar a defesa dentro dos nossos muros para que não tenhamos a surpresa de ver levantar-se, com voz de entono em nosso proprio lar, aquelles que recebemos como hospedes e que, desde o primeiro dia de installação na terra do agasalho, antes de accenderem o lume, antes de plantarem a roça, trataram de fixar um alvo ao qual se exercitassem para não perderem o tiro com que contavam ferir de morte a nossa Liberdade.

149

ΕΥΟΕ!



Vem; vem, ó dithyrambo, se as alegres  
Crepitantes lenêas te não prendem;  
Se afogado do fumo dos legumes,  
Os olhos esfregando as ventas torces;  
Vem, vem, qu'eu te prometto  
(Por esta taça o juro)  
Devoto celebrar as anthesierias  
Vem, vem, Baccho, evoé!

C. GARÇÃO.

 o thyaso pagão que ahi vem, com Sileno á  
frente, escarranchado no asno vagaroso.

Impa-lhe' o ventre em ôdre, esvahem-se-lhe os  
olhos em languor, tremem-lhe bambas as cremosas  
belfas e, pelos cantos da boca retorcida, ainda lhe  
escorre o caldo dionysiaco. Não se senta: esbor-  
racha-se no lombo do animal, que o leva mui de  
passo, e ri, tartamudeia e caramunha; ora tenta  
cantar e desafina ou, empinando o busto, erguendo  
o braço, faz menção de querer falar á turba.

Susta o cortejo a marcha, todos attendem ao velho alambazado esperando que fale, na certeza de que dirá palavras inspiradas; e elle sorri, pende a cabeça calva, crava o queixo no peito e ronca.

Retrôa a gargalhada, sôam crembalas e sistros, silvam frautas agudas, agitam-se, em frenesi, phallus e thyrsos, mas, receiosos de que Sileno emborque trambolhando na estrada, rodêam o asno os cabeludos satyros.

Vão as ménades cantando e as bassaridas bailam o dithyrambo. Exulta o thyaso.

Saltam os egyptans ás cabriolas embrulhados em pelles de pantheras: este brama, uiva aquelle, um late, outro orneja; uma bacchante grasna, outra chirria, são as vozes da «sicinnis», e, onde passa o cortejo, ahi deixa o seu prestigio e, fantasticamente, a natureza cede ao seu encantamento: surde a féra do bosque e mette-se no bando, arrancam-se da terra as arvores attrahidas, rolam as penhas, os

próprias águas dos lépidos regatos, abandonando o leite, vão regando as terras em seguimento do cortejo augusto. Evoé!

Assim canta o rhapsodo, á sombra do álamo, enquanto os vinhateiros pisam a uva. E' a festa da vinha, a alegre acção de graças rendida pelo camponio ao deus fecundo.

Não ha demo onde se não celebre a colheita abundante, não ha dorna em que não referva e explua em bolhas rubidas o vinho novo e tudo se resente do effluvio do sagrado licor, sangue das veias de Dionyso circulando nas cepas e reben-tando em cachos.

As abelhas, que chegam alvoroçadas, acercam-se das dornas acompanhando os vinhateiros que recolhem os odres ás adegas, seguindo as moças que os auxiliam levando airoosamente aos hombros amphoras repletas. As abelhas voejam tontas e nem receiam pousar nas mãos, nos braços nús dos

homens, na garganta das moças, sugando-lhes o mosto que as macula.

As proprias arvores, meneando ao vento as frondes verdes, parecem cambalear. Èvoé!

È á porta das cabanas, sob as latadas floridas, á beira das cisternas enramadas de acantho, onde quer que haja um velho, um moço ou uma criança ahi resôa o nome glorioso de Dionyso com o estribilho festival do dithyramo.

È recresce a alegria. Accendem-se fogueiras crepitantes e ao cabrito estaqueado vai, cada qual, buscar o seu tassalho, e, num espeto de madeira verde, leva-o ao fogo e, ouvindo-o rechinar, lentamente gordura, com que mais se reluma o braseiro, apetece regal-o e brada a pedir vinho.

Correm os escansões trazendo vasos: aqui, um cantaro, ali um cymbio, adiante um cálatho e começa o brodio emquanto nas pastagens os rebanhos contentes, livres dos pastores, que tambem

deſceram á herdade para a festa feliz, pascem e retouçam correndo a sitios onde jamais chegaram por lhes não consentir em tal o guarda, receioso de que algum anho rolasse em precipicio ou, por abalsar-se mais á brenha, fosse assaltado pelo lobo. E, por entre a turba, que ri, anda um mancebo a equilibrar-se sobre um odre untado de oleo e oscilla abrindo os braços, falta-lhe o pé, rola no chão sobre montes de bagaço de uva.

E o banquete opiparo prosegue cada vez mais ruidoso. Levanta-se da turba um homem agigantado, toma um rython, alça-o no punho e, derreando a cabeça, recebe d'alto, na boca, o esguicho espumeo e gorgoleja.

Mas o vinho suffoca-o e eil-o encharcado, a fugir das chufas com que o perseguem, deixando na terra um rastro purpurino, que cães lambem gulosos.

Eis chega um moço, vindo do cerro, com o

cajado florido, a afirmar que avistara da altura o cortejo de Dionyso. Cercam-no, interrogam-no e elle fala como falou o rhapsodo descrevendo o thyaso frenetico. Ouvem-no e, religiosamente, põem-se todos de pé, em silencio. Enchem-se os cyathos de barro. Evoé! Evoé!

Cantam estrídulas cigarras aos ultimos clarões do sol. Então começa, na serenidade da tarde vindimeira, a comedia pastoral, origem pagan da nossa comedia de paixões, onde só apparecem vicios; comedia que, dos dias primevos, conserva apenas a obscenidade, que é como o rastro capripede dos satyros, tendo perdido a alegria, que era a sua essencia, a propria alma dionysiaca.

Começa pela mascarada. Vai um mancebo á dorna exgottada, debruça-se á borda, esfrega as mãos no fundo onde se empasta a borra e lambusa o peito e os braços, mascarra o rosto e, assim disfarçado, pondo-se de gatinhas, corre aos galões

e ululos, investindo com os companheiros. Logo, porém, o reconhecem e, ainda o apupam e perseguem quando uma linda e graciosa moça, coroada de açucenas, com folhagens em volta da cinta, entra na roda sorrindo e logo resoam palmas.

Só de a vêrem ficam todos enlevados—não seria mais gentil uma das companheiras ageis de Artemis caçadora. E eil-a a bailar.

Mas rompe o alarido das crianças, que se dispersam em fuga espavorida ante um velho barbudo: todo elle, da cabeça ao peito, é lichen de rochedos e filipendulas de velhos galhos.

Traz uma capa de palha que lhe dá o aspecto cereal de uma méda invertida e abordôa-se a um ramo. A voz é grossa e retumba, curva-se, imita o urso, arremette, recúa. Perseguem-no os camponios e o velho foge, embrulham-se-lhe, porém, os pés na palha, não se equilibra, oscilla e tomba e, num instante, cahem-lhe em cima os compa-

nheiros como os cães sobre o cervo quando o alcançam exausto.

De repente parte do grupo allusão picante a um que coxêa e, assim mesmo, mal firme e tardo, não vê ceifeira a ceifar que a não persiga. Todas, porém, lhe escapam, nem é preciso que corram como Siringa nem que se mudem em cannas. Irrita-se o cambaio e em resposta allude a certo encontro, em noite escura, no ermo do pomar. E sahem segredos, descobrem-se ridiculos—é um saraivar de satiras ferinas, até que, na tristeza da tarde roxa, quando mais cheiram as violetas e os rouxinões abrem o canto saudoso, a lua empalidece.

Chegam os rebanhos vagarosos, accendem-se as candeias. Cambaleando vão, caminho das cabanas, os que festejaram alegremente a vindima abundante. Alguns ficam no campo e dormem besuntados de mosto. Que importa! a noite é tépida

---

---

e vela-lhes o somno a mesma deusa amiga de Endymião e companheira do silencio.

Que colheita vamos nós celebrar com a festa que, ruidosamente, se annuncia? Dionyso fecundo não amadureceu a nossa vinha: nada recolhemos. A dorna está vasia e assim tambem o celleiro do grão e a arca do linho. Ha fome e nudez.

O thyaso que vemos em nada se parece com o que descreveu o rhapsodo no inicio desta prosa dithyrambica: nem cantos de alegria, nem crembalas sonóras, nem thyrsos enflorados. Lugubres lenêas, os seus cortejos são funeraes!

Se os acompanharmos aqui, iremos por alagados de pranto, topando com os esqueletos dos que morrem á mingua nos sertões. Se os buscarmos lá fóra ainda os acharemos mais tragicos, mais dolorosos.

Lá o vinho de Dionyso é sangue, os thyrsos são as baionetas, as crembalas são as granadas.

Em vez de searas d'ouro, ha chammas devorando cidades; em vez das mascaradas alegres, em vez da comedia de allusões brejeiras, ha a mascara que defende o soldado das nuvens asphyxiantes e as chufas que se trocam são o ferro e o fogo com que se degladiam irmãos, aos olhos de Deus profanado nos seus altares.

Que diria o rhapsodo se quizesse cantar as lenêas que vamos celebrar, tendo por bassaridas a Peste, a Fome e a Guerra? Adivinhe quem puder. Eu pasmo da indiferença do povo.

E' verdade que a vida tem avesso e direito e ha muita gente que pensa que, para nós, ella está do bom lado. Póde ser que esteja e, sendo assim, vamos com o bando. Evoé! E seja como Deus quizer.

10 CAVALLO DE TROYA

11

163 473

**A**LCINÃO observava attentamente o seu hospede mysterioso, que outro não era senão o subtil e prudente Ulysses, que navegava para a sua grande saudade — Ithaca, cansado de trabalhos arduos, escapo de mil perigos, não tendo sido o menor o pousio em Ogygia, na delicia de uma natureza immortal que os cuidados de Calypso e das nymphas tornavam maravilhosa.

O heróe, com o cotovello fincado na coxa, o queixo entalado entre o pollegar e o index, ouvia o canto heroico do divino Demódoco. O forte coração batia-lhe no peito robusto e os seus olhos, fitos no grande cego que, encostado á columna, picava as cordas da lyra sonóra, por vezes marejavam-se de lagrimas.

O aédo celebrava os golpes das armas estron-  
dosas, as arrancadas dos carros na planície revolta  
da terra priamide, as investidas ás muralhas altas  
de onde, de continuo, partiam frechas silvantes e  
rolavam fragorosamente blocos de rochedos, o embate  
dos escudos nos encontros peito a peito, a grita das  
mulheres troyanas, o vôo dos deuses combatentes e  
o canto nocturno dos guerreiros que, reunidos em  
volta das fogueiras vermelhas, ouviam rhapsodos,  
dos que andavam no exercito, recordando ao coração  
dos soldados a terra da patria querida, onde tinham  
um lar e um filho, que ficára pequenino, enrolado  
em faixas e que, já então, devia andar afoitamente  
pelos bosques ou saltando pelos penhascos, com uma  
lança curta ou uma funda perseguindo as feras.

A gente pheacia applaudia o nobre e altivo can-  
tor enquanto os escansões serviam, em cratéras, o  
vinho espumoso e a carne tenra das rezes em con-  
cas profundas.

Nausicaa e as donzellas, que a acompanhavam, retrahiam-se a um canto pasmadas dos heroismos que o aédo recapitulava.

Mas quando elle começou a descrever o enorme Cavallo de pau, que Epeios construiu pelo traço de Ulysses, um brilho árdego fuzilou nos olhos do hospede mysterioso, e Alcinoou ouviu-o rugir, viu-o soerguer-se sobre as pernas fortes, que tremiam, e observou que os seus dedos aduncos arranhavam nervosamente a borda do throno de ouro.

E Demódoco descrevia o monstro enorme posto diante de Troya, já entulhado de guerreiros impacientes e os da cidade, apinhando-se nas muralhas, pasmados da apparição, até que um lembrou fosse ella recolhida, conservada como um presente divino porque, sem duvida, traria fortuna para a cidade obra de tanto apuro, que só deuses, não homens, poderiam ter executado.

E, alegremente, abriram-se as portas que haviam

resistido ao choque das machinas pelagicas e o monstro entrou, como em triumpho, e, durante todo o dia, esteve cercado de curiosa multidão troyana. Por fim desceu a noite silenciosa. Tróya aquietou-se no somno.

Então abriu-se o ventre do cavallo e começaram a descer os guerreiros, com Ulysses á frente, conbecedor da cidade, onde entrara com habilitade, disfarçado em méndigo.

Logo, os mais ageis, com as armas embrulhadas em linho, para que não tinissem, correram ás portas da cidade. As sentinellas, antes de poderem dar aviso, cahiram dos muros atravessadas do peito ás costas pelas lanças e os gregos precipitaram-se, tumultuosamente, uns com archotes, ateando o incendio, outros invadindo templos e palacios e Troya despertou em sobresalto, na claridade rubra das chammas que lufavam, com o estrondo de desabamentos e a grita de morte dos invasores. E na

vermelhidão da noite, immovel como uma torre, o cavallo de pau lá estava, na praça da cidade, e os que morriam, sem cômprenderem que a traição lhes viera d'aquelle monstro, ainda lhe estendiam afflictamente os braços, imploravam o seu soccorro, aos brados, enquanto os gregos, sem darem tempo a que os guerreiros se armassem, atrelassem aos carros as fogosas quadrigas, retesassem os arcos, brandissem as lanças com braço destro, iam-lhes em cima a golpes rudes e a manhan encontrou a cidade em cinzas, e as ruas e as praças entulhadas de cadaveres.

Cassandra prophetisara a catastrophe, mas as palavras da princesa perderam-se na indifferença e na incredulidade do povo.

E os gregos, senhores do reino de Priamo, profanavam os templos, conspurcavam os lares e, por vingança, faziam correr pelas ruas, encharcadas de sangue, o vinho e o azeite e espalhavam os cereaes, trasmalhando espavoridamente os reba-

nhos engordados nos pastos, que, arrasados pelo fogo, não eram mais que cinzas que se levantavam com o vento, nublando os ares.

Ulysses chorava ouvindo o aêdo e Alcinoos, não desejando prolongar o soffrimento do seu hospede, ao qual o canto heroico tanto commovia, mandou que se calasse o poeta, e, em palavras cortezes, novamente pediu áquelle que recebera no seu palacio e cumulara de presentes e para o qual mandára apparellhar navios que o restituíssem á patria saudosa, que lhe dissesse quem era, e que paiz demandava com o coração ancioso.

E Ulysses, levantando a voz entre os pheacios attentos, disse quem era, o que supportara em dez annos de guerras e trabalhos e como soffria com a saudade de Ithaca e dos que nella o esperavam, alongando os olhos tristes pelo mar deserto.

... Sirva-nos o exemplo da Odysséa para o nosso caso. Ouvimos Demódoco, mas com a mesma incredula indifferença com que os de Ilion ouviam

Cassandra, e, todavia, a palavra prophetica da princesa cumpriu-se e a gente que d'ella rira, encolhendo os hombros, viu-a realisada no incendio da cidade forte, na destruição das muralhas altas, na devastação dos campos, na depredação das riquezas, na profanação dos templos. E nós...?

Abrimos tambem as nossas portas e temos conosco, senão um monstro, como o de Epeios, coisa que com elle se parece e, entretanto, não tratamos de a examinar, fiando-nos na força que temos e na robustez dos muros que nos defendem, muros feitos do mesmo papel em que estava escripto o tratado com a Belgica, que as patas dos cavallos uhlanos e as pesadas rodas das carretas da artilharia reduziram á lama.

Diariamente apparecem avisos nos jornaes prevenindo o governo da organização de novas linhas de tiro dos colonos allemães installados nos Estados do Sul.

Dizem-se lavradores: semeam terras e colhem

frutos, mas, enquanto as searas amadurecem e nas arvores sazonom os pomos, elles levantam alvos e exercitam-se á carabina.

Taes colonias pacificas, que vão penetrando o interior, impondo-se pelo numero, assenhoreando-se sorrrateiramente dos municipios, onde governam, não com as leis do paiz, mas com as leis da patria alleman, impondo a lingua que trazem, não só nos collegios como ainda nos actos da administração publica, porque nella redigem os editaes que affixam, mantêm-se em aparente inercia, no silencio que Ulysses impunha, como nos conta Eça de Queiroz no trecho daquella admiravel "Perfeição". "E quando, dentro do ventre do Cavallo de pau, na escuridão, no aperto de todos aquelles guerreiros hirtos e cobertos de ferro, calmava a impaciência dos que suffocavam, e tapava com a mão a boca de Antiklos bravejando furioso, ao escutar fóra, na planicie, os escarneos e os ultrages troianos, e a todos murmurava: Cala, cala! que a noite desce e Troya é nossa".

Não se conclua do silencio em que se mantem essa gente "que a machina esteja vasia". Se não murmúra é que não ha na chusma genios ardegos, como o de Antiklos, e, ainda que os houvesse Ulysses saberia contel-os, annunciando-lhes a noite proxima.

Felizmente para nós e para todos os povos que ainda não desertaram o altar da Piedade e ainda mantem o culto da Belleza e o respeito da tradição essa noite esperada, e que seria tragica para o mundo, não virá proteger a obra nefanda projectada pelos atiradores disfarçados, não em mendigos, como Ulysses, mas em agricultores, porque Deus, pela segunda vez, fez parar o sól sobre os muros de uma cidade, não para destruil-a, como aconteceu a Jerichó, mas para que ella salve o mundo e seja o baluarte da Civilisação: Verdun.

Que elles se aprestem, a França lá está vigilante. Bom será, comtudo, que nos previnamos pondo em contraste com as linhas de tiro dos co-

lonos allemães outras em que se exercitem brasileiros, para que não succeda serem os filhos da terra repellidos do berço pela intimação imperativa de algum hortelão ou lenhador que nos surja, de uma hora para outra, com o capacete de uhland ou com o pesado kolbach, que é a corôa tragica do principe da assolação.

Não fiquemos, como os troyanos, a commentar a estranhesa do Cavallo de pau. Se alguma coisa nos parece inexplicavel, como essas linhas de tiro que surgem em todas as povoadas do sul, tratemos de saber o que visam os seus organisadores e para que vinhateiros e abegões, lenhadores e fabricantes de pannos, homens de commercio e simples mestieiras confabulam mysteriosamente em conciliabulos nocturnos e, aos domingos, com as carabinas debaixo do braço, seguem para os polygonos onde se vão adestrar cantando, a plenos pulmões, o "Deutschland über alles".

Como espôrte acho-o demasiadamente bellicoso

e, em um paiz neutro, como o nosso (apezar do torpedeamento do "Rio Branco"), não é justo que se consinta que representantes de uma das nações que mais se empenham no formidavel conflicto, tenham linhas de tiro e campos de manobra.

Póde ser que eu me engane, mas quer me parecer que o Cavallo de pau, que se metteu em Troya, anda agora pelas cidades e villas do Sul, levado por teutões, que se dizem plantadores de uvas e de cereaes, como se disse cultivador de champignons certo lavrador, em França, que, ao soar dos clarins germanicos, appareceu fardado de general, á frente de uma divisão do exercito da "kultur".

Que nos aproveite a lição da Odysséa.

O cavallo de Ulysses é um symbolo. Cuidado com elle!



# O LIVRO



   livro é um ser porque encerra pensamento,  
que é alma.

No tumulto, corrida a lapide, que encontramos?  
apenas pó; no livro, aberta a pagina, logo nos  
deslumbra a vida.

O homem passa, desaparece na morte, tendo,  
porém, deixado uma idéa num livro, o seu rastro  
brilhará sempre no Tempo como brilha no fundo  
da noite a alma radiosa dos astros mortos. O livro  
é como a arca: o que nelle se refugia salva-se e  
é assim que, ainda hoje, consultando uma pagina  
inmemorial, ouvimos o canto sagrado do patriarcha  
aryano officiando á Luz, entre ovelhas e flores e  
logo, passando a um poema, encontramos-nos diante

de Troya, no tumulto do cerco, e vemos passar Achilles, ouvimos o vozeirar de Ajax e os uivos de Hecuba através do estrondo das armas, que atrôa formidavelmente os hexametros de Homero.

A balança da vida tem duas conchas, em uma cabe o corpo e esta baixa ao tumulo e nelle fica, na outra pouosa o livro que, pór ser espirito, não pesa e paira acima da morte, no espaço, á maneira de um astro.

O homem que planta uma arvore faz obra de terra para a terra; o Poeta tira de si mesmo a sementeira e planta na Eternidade.

Entraí em uma bibliotheca e olhai as paredes em volta: são alveolos e daquelle que tocardes sahirá um enxame de abelhas de ouro, daquellas mesmas que tomaram por aivado a boca de Platão infante.

Cada um de taes relicarios contem mais vida em essencia do que toda uma cidade, do que todo um imperio e aquellas letras, dispostas em forma, e

mudas, se as illuminardes com o olhar, tomarão corpo, viverão instantaneamente e vel-as-eis erigirem-se em templos. Aqui, em um periodo, alastrarão searas; em outro, adiante, vereis desertos aridos; aqui, phalanges de guerreiros; além theorias de sacerdotes, academias e arenas, frotas por mares, caravanas em solidões; prophetas e sicarios; amores e aventuras; miserias e opulencias e, sobre todo esse immenso scenario de encanto, os seculos passando docemente, distribuindo a morte e a vida, e tudo isto estará num livro que podereis trazer no bolso e assim carregareis o mundo, como o atlante, e ainda o Tempo, e sereis Chronos.

O thesouro do avaro exgotta-se; o livro é um thesouro que se accrescenta a si mesmo como os pães do milagre e, quanto mais se lhe tira mais a sua grandeza avulta.

Distribui o alphabeto e vel-o-eis multiplicar-se em idéas, as idéas suscitarem acções, as acções desenvolverem-se em progresso.

Em cada raio de estante ha tanta luz como no céu constellado.

Inclinai o homem sobre o livro e elle verá o passado e o futuro como na limpidez de um lago sereno contempla o céu reflectido. O livro fala e canta e assim só elle é semelhante ao homem, feito á imagem e semelhança de Deus.

Todos os monumentos desaparecem diante do livro. O "Moysés" de Miguel Angelo, intimado a falar pelo artista, fechou-se sempre no mutismo da pedra. Um só verso de Dante tem mais vida verbal do que toda a "Ceia" do grande Leonardo.

Hugo deixou a sua voz no mundo, ella ahí está encerrada nos maravilhosos poemas sensitivos: basta que o olhar roce por elles para que logo, eloquentemente, desabrochem em imagens, como o colosso de Memnon bradava no deserto quando sobre elle o sol infletia o seu primeiro raio.

O livro é tudo. Quereis a religião com todos

---

---

os seus mysterios e grandezas? abri a Biblia. Um templo sem Evangelhos é uma casa de idolatria.

Por onde vai o homem aos astros? por onde se abysma nos mares? por onde se entranha na terra? por onde se guia contra a morte? pelo livro. Para dirigir as guerras, para compor a paz, para lançar industrias, alargar o commercio, multiplicar as colheitas, construir e arrasar, de que se serve o homem? do livro. Por onde volta elle ao passado, vence no presente, avança para o Futuro? pelo livro, que é como a estrella polar de todos os idéaes.

Sendo assim, por que matal-o? Vá que se trucidie o homem, que é um rival que se oppõe á nossa ambição. Derruam-se os baluartes, desmanthem-se as trincheiras, reduzam-se a ruinas os postos aguerridos, entre-se pelas cidades fortes levando tudo a ferro e fogo: é a guerra. Mas que se assestem canhões contra bibliothecas, que se incendeiem archivos, transformando em cinzas o que era phanal de guia, eis o que acoimamos de crime, e

nefando, por ser affrontoso a Deus na sua propria essencia, que é o espirito.

A guerra ao livro só é concebivel feita por demonios, porque só elles combatem a alma.

Aquillo que o proprio tempo inexoravel respeita, fez o homem de alvo para os seus canhões, de combustivel para fogueiras, destruindo em horas o que a humanidade vinha accumulando em lentos seculos de paciencia amorosa.

Dir-se-á que os delapidadores quizeram inutilisar o testemunho do Passado, mas o livro não regressa, não torna atraz a respigar no Tempo: passou, passou, parando onde se deteve o genio que o produziu.

Assim não havia que receiar dos incunábulos, dos in-folios, dos grandes codices veneraveis, dos velhos chronicons illuminados a primor como eram os que constituiam o thesouro mais caro do duque de Berri.

Então por que haviam os homens de destruir

o inoffensivo? por vaidade, querendo dar ao mundo um espectáculo monstruoso de excidio sem igual espalhando, sobre cadaveres e escombros, cinzas d'almas.

E terão elles conseguido extinguir esses clarões da vida? E' o que resta saber e os seculos responderão por nós.

A bibliotheca de Louvain desapareceu em horas, eis, porém, que o seu conservador corre o mundo latino a pedir, não para seu proveito, mas para a Humanidade, como o que, tendo visto arder um campo de pão e temendo pela fome alheia, sahisse a pedir aos vizinhos sementes para renovar a seara.

O mundo não póde ficar sem tal thesouro e, ainda que se não logre reconstruil-o integralmente, que surja como fôr possível e ficará como um monumento de protesto da intelligencia contra a barbarie e, em cada lacuna que persistir por-se-á, para que o Futuro o amaldiçõe, o numero de um

dos regimentos que entraram, com arrogancia, pelo reino heroico matando e destruindo, com o mesmo furor, homens e cathedraes, fuzilando mulheres e incendiando bibliothecas, arrasando igualmente fortes e museus, roubando, assim, á Humanidade o patrimonio onde os mesmos chefes da grande horda aprenderam a Sciencia e a Arte que os havia de tornar dos mais alumiados entre os povos da terra.

E se o missionario, que se chama Paul Delaunoy e que, presentemente, é nosso hospede, conseguir o seu objectivo altruistico, levando daqui um pouco para a reconstrucção da radiante cidadella dos livros, em Louvain, poderemos ficar contentes porque teremos dado aos super-civilizados a prova, senão de uma cultura apregoada a obuzes, ao menos de um respeito devoto pela intelligencia, contribuindo com o nosso obulo para refazer o thesouro do Futuro delapidado barbaramente pelos que representam e preconizam a Civilisação. . . da

Força e caminham sobre mortualha e escombros, accendendo incendios, como o de Louvain, ao longo do seu roteiro.





# MINERVA E HILDA



  **D**ESDE o Pireu até a porta Melitida, desde o Ceramico até as raizes do Hymetto, Athenas rejubilava com a victoria naval das ilhas Arginusas.

No bosque da Academia, os tumulos dos heróes avultavam em pyramides de flores; as hermas dos caminhos, tantos eram os ramos que as enfestavam, pareciam troncos de penthelico rebentando em galhos florecidos.

A' sombra d'arvores ou sentados nos degraus dos templos, côm a lyra alta sobre a côxa, rhapsodos cantavam em tom épico a gloria grande

de Homero e os arremessos dos guerreiros em volta dos muros de Ilion.

O povo, reunido na ÁGORA, entoava o PŒAN agitando ramos de oliveira, e, se apparecia um soldado, vindo do lado de Phaléro e do mar, com o escudo ás costas, a lança suspensa ao hombro, era logo cercado, acclamado, levantado nos braços e todos pediam-lhe que descrevesse a batalha formidavel na qual, além da morte do almirante espartano, haviam desaparecido setenta das melhores galeras inimigas.

As palavras do hoplita eram ouvidas em religioso e commovido silencio, como se sahisses dum oraculo, mas a um lance mais bravo, na descripção do choque das ligeiras triremes com as pesadas liburnas lacedemonias, na arrancada tumultuosa da chusma atheniense que se precipitava, cantando e batendo nos escudos, o delirio tocava ao auge, explodindo em clamores.

Então o povo voltando-se para a cidadella agitava os ramos de oliveira louvando Athena, sábia, prudente e heroica, que, lá de cima, com o capacete de ouro reluzindo ao sol, illuminava splendidamente a collina sagrada, protegia a terra com a sua lança, instruia os homens com os seus conselhos, incitava os guerreiros com o seu grito, ouvido nas planicies de Troya, em Marathona e em Platéa.

Eis, porém que, no mais vivo do enthusiasmo, rompe a noticia da horrenda profanação. Ouçamol-a contada por um atheniense, dos que traziam á cabeça a cigarra de ouro dos eupatridas: Paül de Saint Victor:

“Athenas vencera. Mas os stratégos, surprehendidos por uma tempestade quando perseguiam o inimigo, descuidaram-se de recolher os mortos que boiavam nas vagas. Mil cadaveres subverteram-se no abysmo.

A tal noticia um luto lugubre eclipsou a gloria do triumpho, a acclamação aos vencedores degenerou em maldição contra os impios.

Os parentes dos soldados e dos marinheiros afogados, de cabeça raspada, cobertos de véus negros, percorreram a cidade lançando gritos de vingança.

Diante delles caminhavam, certamente visiveis aos olhos da turba, os fantasmas dos mortos abandonados, desgrenhados e lividos, escalavrados nas arestas das syrtes, escorrendo fios d'algas e outras sanies do mar.

Athenas vibrou em violento accesso de furor sagrado. Tal victoria, que custára a perda dos corpos dos vencedores, pareceu-lhe infame e ella despojou-a violentamente dos louros polluidos que tresandavam a podridão: e executou-a, depois de degradal-a, e arrastou-a ás Gemonias em vez de exalçal-a nos Propyleus.

Os sete stratégos, condemnados pelo povo, beberam cicuta e os seus corpos foram lançados no Barathro. Um só, entre os Prytanos que presidiram á assembléa, votou pela absolvição; esse foi Socrates.”

A batalha naval das ilhas Arginusas devia ter figurado na frisa do templo da Victoria A'ptera, não como um feito d'armas, mas como uma lição de respeito humano. Ha, no resultado final desse episodio heroico, todo um dogma, toda uma religião. Os juizes que condemnaram os stratégos legaram ao mundo, em um anáthema enramado de louros, o Evangelho do culto dos mortos.

Guerreiro de cabellos fulvos, de largo peito branco, onde chamma um vello de ouro como flamma em ara propiciatoria; guerreiro das florestas humidas, habitante feroz das cavernas tenebrosas que acompanhavas o carro de Herta nas planicies alagadas e lutavas, peito a peito, com o urso das montanhas; guerreiro de Hilda, que vibravas a

lança longa e recebias o golpe do adversario no escudo concavo, laminado de bronze; guerreiro rude da aspera Germania fria, volta os teus olhos de aço para esses gregos e compara o que elles fizeram outr'óra com o que hoje fazes, á sombra da cruz de Christo.

Soltas nos mares os teus cetaceos, em cujo bojo escondes uma maruja da raça de Jonas, que viveu tres dias no ventre de uma baleia. Partem os ligeiros mergulhões, e, rebuçados na vaga, entram a cruzar o oceano. São insidias que singram acamaradadas, com os squalos.

Chamas a taes cruzeiros — «feitos notaveis de bravura maritima».

A tua gente escuda-se na perfidia, fére de longe, assalta como o catoblepas, que matava com a vista.

Vai o navio correndo pelo oceano liso. O céu arqueia-se azul sobre o verde das aguas, não ha

vestigio de rocha nem remoinho de voragem. Subito uma haste emerge: é o tentaculo que vê.

O monstro retrahe-se, faz mira e cospe o torpedo, sumindo-se logo no mar.

O navio, attingido pelo dardo, estremece, oscilla, inclina-se, embica ao abysmo, e começa a afundar. E' a morte. Entra-lhe o mar em vortilhões pela chaga, inunda-o e a grita sóbe, atrôa, estronda, enche o espaço sereno. E, no fragor do sossobro, as scenas tragicas horrorisam. As alcyones abalam espavoridas, talvez com pena do que vêem, e o submarino emerge. O carrasco afflue á tona para contemplar, com orgulho, a sua obra.

Abrem-se as escotilhas e a maruja toma postos na tribuna fluctuante para vêr bem o espectaculo, sem perda de um só episodio.

Que levava o navio? gente de guerra? provisões de morte? Não, era um pacifico viajeiro cheio de passageiros em transito. Atravessava o oceano

com a mesma indiferença pela guerra com que uma andorinha vôa acima dos campos de batalha, emigrando de um para outro clima.

A gente que levava era toda pacífica: mãis com os filhos pequeninos; velhos valetudinarios, convalescentes que voltavam de curas, estudiosos que regressavam de cursos, homens de negocio curiosos das bellezas da Arte, que a guerra vai arrasando, e todos, viajavam tranquillos, confiados na bandeira de um paiz neutro desfraldada no mastro, como um salvo conducto.

E, enquanto o mar, coalhado de angustias, gorgoleja com o sossobro do navio e repercute lancinantemente os gritos do desespero, a tua gente, Germania, sorri debruçando-se para vêr bem o quadro sinistro—mãis que afundam abraçadas nos filhos, velhos que se debatem um instante e logo se engolfam, mancebos nadando para os destroços fluctuantes, cavalgando-os afflictamente e ficando dali a implorar a piedade dos teus heróes impas-

---

---

siveis, que, sorrindo, mandam tocar avante! e partem deixando, não mortos insepultos, mas vivos sem soccorro.

Grande victoria!

Athenas degradou os sete stratégos e condemnou-os a beber cicuta, atirando-lhes os corpos no Barathro ignominioso. A Germania premeia os seus marujos com a cruz de ferro, encharca-os de hydromel e faz-lhes a apotheose.

Victoria de Hilda, bem diferente das que celebrava Athena, deusa Augusta que ainda, afortunadamente, levanta a cabeça olympica, enrasta a lança, embraça o escudo para levar a sua gente á victoria contra os barbaros, como a levou em Salamina e na planicie de Marathona para salvar do sossobro na tréva o Espirito da Humanidade, defendendo o amor, protegendo a Sciencia e garantindo a Belleza.

---

# OPTIMISMO



 **D**ESCRER do futuro! Desesperar... porque!?  
 exclamou Amancio Veras. Somos um povo na infancia! Para as nações, os annos contam-se por seculos e, sendo assim, nós temos pouco mais de quatro annos. As nossas faixas ainda ali estão, e são duas: uma, que usamos até 15 de Novembro, e outra que trazemos dessa data para cá, sem falar nas que nos envolveram, quando ainda viviamos ao collo da Metropole. E para tão tenra idade olhe que já temos feito muito.

E' verdade que tudo que constitue o que, com empafia, chamamos — a nossa historia, é uma serie de travessuras proprias de crianças. Seja, porém, como fôr, o mundo tem-nas aceitado enaltecendo algumas com entusiasticos louvores.

A independencia, por exemplo . . . Que foi aquillo? uma pandega á beira d'agua. Um grupo de officiaes, entre elles um principe, rapaz estouvado e alegre, sahiu em cavalgada estroina pelos campos. A manhan era limpida e rescendia porque era Setembro, mez da primavera. Os officiaes, iam, talvez, ás codornas, mas o dia, lindo e suave, fel-os mudar de idéa e um delles disse com enternecimento :

—Por que havemos de manchar tão bello sol com o sangue das aves innocentes? Deixemol-as gozar a vida e vamos nós fazer o mesmo e sem remorso. Foi então que o principe teve a lembrança de gritar. Gritou, os outros gritaram com elle e o echo, ao longe, espantou a côrte, tambem gritando e esse grito — tal foi elle! — poz em alvoroço a colonia, soou forte como o estridor das trombetas de Israel diante de Jerichó e foi a nossa independencia. Francisco Manuel escreveu o hymno e ficámos nação, povo livre, imperio, com uma Consti-

tuição que lá está em brônze, no largo do Rocio, na mão da estatua equestre.

Depois, foi uma serie de traquinadas, rusgas, barulhos lá fóra, briga com o principe, que se poz a pannos, deixando o filho, que foi acclamado imperador e assentou residencia em S. Christovão.

Era um menino sisudo, muito dado a leituras. Logo que lhe puzeram o sceptro na mão e a corôa na cabeça, elle sentiu o peso da responsabilidade, principalmente quando um tal Feijó, mostrando-o ao povo, exclamou: Ecce homo!

Sim, era o homem, mas o homem que nos convinha porque, com a tal mania das leituras, vivia sempre longe da terra e dos homens, em seculos recuados, respondendo aos ministros com hexametros de Homero e lançando nos despachos "çlokas" do Ramayana.

A's vezes, só para varrer do espirito uma duvida, resolvia, do dia para noite, uma viagem, mettia-se a bordo com alguns conselheiros e um pacóte de

livros e ia correr bibliothecas e museus da Europa, visitar artistas e sabios, conversar sobre o alexandrino com Victor Hugo, discutir os mosarabes com Herculano e cavaquear á lareira, em S. Miguel de Seide, com o grande Camillo. E nós aqui ficavamos fazendo o diabo.

Quantas maluquices durante o governo do neto de Marco Aurelio, até uma guerra séria, coisa que nos deu agua pela barba e que nos custou os olhos da cara. Emfim... vencemol-a com a graça de Deus e... polvora inglesa. Depois da pancadaria — porque, se démos, tambem apanhámos — ficámos quiéto. Mas onde se viu uma criança ficar quiéta muito tempo?

Alguem achou que a escravidão era uma crueldade, uma prova de barbarie e, desde logo, começou o movimento philantropico em favor dos escravos.

Ninguem tomou a sério os discursos parlamentares, os "meetings", os artigos dos jornaes... Criançadas.

O imperador continuou a commentar Horacio e a traduzir "moallakás", até que, um dia, pessoa

a sua Constituição, faça de quando em quando, uma diabrura?

Não queiramos mais do que nos póde dar a natureza, que vai aos saltos. Tenhamos confiança, porque os paizes, como os homens, aprendem quebrando a cabeça. O que nos falta, principalmente, é alegria, — somos travessos, mas tristes. Fazemos o diabo, mas suspirando. Riamos. Quem ri espanta os males e vai para diante.

Olha, aqui onde me vês, ainda não almocei e não tenho vintem, ando com o senhorio atraz de mim e ameaçado de penhora. Pensas que me amo-fino? que arranco os cabellos? que me lembro do suicidio e outras que taes asneiras? Rio e vou para diante.

De hora em hora Deus melhora e nós ainda havemos de ser grandes, enormes, o primeiro paiz do mundo, com um thezouro que occupe toda a Avenida Passos e ainda com caixas filiaes nos Estados e dinheiro a juro lá fóra. Has de ver.

Os que se amofinam não são homens, não são brasileiros. Tenhamos confiança, porque isto, meu amigo, isto é a terra da Promissão, é o que te digo: a terra da Promissão.



# OS PARDAES



ARECERÁ estranho ao leitor que os tico-ticos se queixem e mais estranho ainda que um chronista possa reduzir a vulgar a lamentação das aves. Não sou eu o primeiro que se apresenta como interprete de chilros e de galreios. Pársifal comprehendia os passaros e não perdia uma nota dos seus cantos e, mercê de tal dom, conseguiu vencer grandes perigos e evitar traições que lhe eram armadas na floresta insidiosa que teve de atravessar.

Tambem no Oriente dos genios e das apsaras havia homens predestinados que entendiam, não só a linguagem dos passaros, como até os fremitos das feras, o sussurro das folhas e o murmurio das aguas.

Devo a uma péri o philtro maravilhoso que me aclarou a intelligencia para o entendimento do que diz em gorgeios e volatas a alegre gente alada, que povôa os nossos ares; e graças a tal presente, ouvi e entendi a conversa de um casal de tico-ticos.

Era á tarde, uma tarde limpida, fresca, de rosa e ouro, respirando aroma. Ainda havia sol, mas os passarinhos chegavam do seu dia bem gosado, por montes e campinas, recolhendo-se, cada qual, ao seu ninho.

Alguns, achando, talvez, que ainda era cedo para se metterem em achegas, passeavam nos caminhos, voavam de ramo a ramo, perseguiam-se em brincos de namorados atitando, arrufando-se; outros, pousados á beira do ninho, onde os implumes, de bico aberto, batiam as azas, olhavam saudosamente o céu azul, com pena, talvez, de deixarem

aquelles raios doirados que ainda faziam brilhar as folhas.

Eu seguia vagarosamente ao longo de uma aléa de mangueiras quando vi chegar, baixando álaçre sobre uma das arvores, uma nuvem chirriante de pardaes.

Eram tantos que a arvore, com a agitação dos chegadiços, sácudia as franças, como se as balançasse o vento. Eu olhava encantado e eis que vejo cahir a meus pés alguma coisa como um fruto secco: era um ninho. Ia apanhal-o quando vi delle sahir um tico-tico que, ainda tonto da quéda, deu voltas, atordoado, até que levantou vôo pousando em um galho de acacia.

Um momento estive a debicar-se, arranjando as pennas que haviam ficado arrufadas e, estava nisso quando outro tico-tico sahiu do ninho, que jazia no chão, pondo-se logo a piar afflictamente e, no seu piado, perguntava:

—Onde estás, meu amor? Então o outro respondeu do galho, onde se installara:

—Aqui, nesta acacia. Vem cá para cima. Não estás ferida?

—Não, apenas atordoada. Mas os ovos quebraram-se.

—Deixa lá os ovos que não são teus; não entrou nelles o nosso amor. Vôa cá para cima. Daqui tomaremos rumo, porque não é prudente ficarmos na visinhança de tal gente. E o tico-tico, que estava no chão, voou para o ramo da acacia a juntar-se ao companheiro, que o chamara.

Foi commovedor o encontro. As avesinhas, abrindo e batendo as azas, como que se abraçavam, encostando os bicos em beijo prolongado. Então, a que subira por ultimo, suspirou:

—A nossa velha mangueira!

—E' verdade...

—Elles tomam-nos tudo.

—Tudo. E ainda obrigam-nos a lhes criarmos os filhos.

—Que será de nós!

—Sei lá! O remedio é fugirmos. Deixemos a cidade, vamos para a floresta. Lá faremos o nosso ninho, crearemos a nossa prole e o Senhor será por nós. Foi então que o tico-tico, que primeiro pousára na acacia, disse em voz sentida:

—E é assim, minha velha. Viviamos aqui felizes, a cidade era nossa: passeavamos nas ruas, faziamos os nossos ninhos no arvoredo das chacaras e dos jardins e, se eramos perseguidos pelos moleques, fugiamos para as arvores altas; e hoje? As arvores são delles, dos estrangeiros, esses pardaes que o Prefeito espalhou na Quinta da Boa Vista.

—Eram tão poucos!

—Vinte casaes... Quando aqui chegaram, um tico-tico velho, de muita experiencia, reuniu

a nossa grey na Tijuca e falou como um propheta. Eu era pequenino, mas lembro-me bem das palavras que elle disse, verdadeiras e tristes:

—Tico-ticos, um homem trouxe de além mar uns tantos casaes de passaros destinados, segundo elle affirmou, a alegrarem a cidade. Chamam-se pardaes e são tidos em má conta porque, além de rixosos, destroem as sementeiras. Na terra de onde são naturaes perseguem-nos, não os querem nas roças e é tal gente que nos vem para cá. Cuidado! São poucos por emquanto, naturalmente formarão uma colonia, longe de nós, ali por esses mattos. Bom será que lhes demos em cima acabando-os a bicadas emquanto não nos podem fazer frente, porque se os deixamos livres, em pouco tomarão conta de todas as arvores, de toda a terra e nós seremos tocados, porque elles são fortes e atrevidos.

Os tico-ticos não deram ouvidos á palavra

avisada do mais velho e, em vez de hostilisarem o invasor, cobardemente alliaram-se com elles, dizem que apaixonados pelas graças das femeas que, por virem de paizes civilisados, tinham encantos que as nossas mulheres não possuem.

Em verdade ellas sabem trazer as pennas com mais graça, arrufam-se não sei como, com um geitinho de cabeça que põe os tico-ticos tontos e o resultado foi a nossa gente ficar vencida pelas mulheres estrangeiras, cedendo a todos os seus caprichos.

Ellas, estroinas, como são, não querendo ter trabalhos com os filhos, punham os ovos nos ninhos dos tico-ticos e foi assim que a nossa raça criou o inimigo que hoje a persegue e que a vai repul-sando da cidade para as fundas florestas que, dentro em breve, serão tambem dos pardaes.

A mangueira, que pertence á nossa familia desde tempos immemoriaes, ali a tens, é delles, tomaram-nol-a. Nem sequer consentiram que nella

mantivéssemos o ninho e, sem respeito pelo que é nosso e ainda pelos proprios ovos das suas femeas, ovos que tu chocavas com ternura maternal, expulsaram-nos sem pena. E aqui estamos ao desabrigo e amanha não sei que será de nós. Não quizemos ouvir o conselho do velho tico-tico... ali temos o resultado.

E somos nós apenas que soffremos a oppressão dos adventicios, são apenas os tico-ticos que vivem sob o jugo? Não, meu amigo, são todos. Esta terra é dos que vêm de fóra, não dos que nella nascem. Se os pardaes nos repellem das arvores, impondo-se-nos como senhores, tambem outros, mais fortes do que nós, andam por ali curvados sob o latego dos invasores. E' uma fraqueza propria dos que nascem sob este sol. Nós somos fracos, timidos nós tico-ticos e os mais...

— Não, o nosso mal não é timidez, é principalmente pieguice. Quem venceu a nação tico-tico

não foram os pardaes, foram as pardalas. Com a chegada dessas assanhadas, trazendo do velho mundo um sem numero de segredos que, nós outras, ignoramos, accenderam-se os tico-ticos e foi uma debandada escandalosa, uma pouca vergonha que só eu sei. Quantos ninhos ficaram por ahi, por essas arvores, abandonados! Olha, o melhor é não falarmós nisso, porque tu mesmo, se eu quizesse dizer a verdade, tu mesmo, que agora te queixas e que te revoltas contra o dominador, tu mesmo andaste atraz de certa pardala e eu não sei se os ovos que ella me deixou no ninho... Emfim, o passado, passado. Nós havemos de viver sempre assim, humilhados pelos que chegam: os homens, porque se apaixonam pelas mulheres, nós, ai! de nós, porque temos um coração piedoso e tudo perdoamos aos traidores, chocando até os ovos que as taes comborças nos põem nos ninhos.

—Mas tu achas que eu..?

—Filho, não revolvamos o passado. Vamos tratar de arranjar uma arvore onde passemos a noite e, amanha, é abalar para a floresta. Deixemos a cidade aos seus donos, os pardaes”.

Ainda chilrearam outras coisas, que não ouvi, e voaram.



*Edim. Soares*

# CAPHARNAUM



**A** miseria pullula na cidade como cogumelos em fumeiro. E' um fervilhar de sordicie humana que faz nojo. Anda-se aos esbarros com cégos e estropiados, roça-se em pús, topa-se com aleijões que se arrastam á maneira de sevandijas.

Sentados nas soleiras das casas são ulcerosos, que estendem pernas esborcinadas, esputando sanie; são mutilados chamando para a sua desgraça a attenção dos transeuntes; são mulheres immundas, com uma matúla de crianças, uma, ás vezes duas de mama, e outras correndo pela calçada matrapilhas, remelosas, os cabellos pelo rosto, escapelando-se ás unhas na furia de comichões parasitarias.

Os bondes são assaltados e, em torno delles, uma multidão alrota, jeremia, estendendo mãos sujas. Se alguém pára é logo assediado: crianças precipitam-se choramingando, contando misérias domesticas: a mãe entrevada, o pai tuberculoso, um irmãosinho a morrer por falta de leite.

Ha anciãos que pedem baixinho, com pudor, desenrolando todo um romance de decadencia: "Que foram estabelecidos, que tiveram posses, mas a desgraça chegára e ali estavam valendo-se dos corações caridosos, forçados pela fome."

Poucos passos adiante um latagão de boas côres, olho esperto, dá á manivela, fazendo roufenhar um realejo ou é um *trio*—o homem com a guitarra, a mulher com o violão e a filha com uma voz esganiçada, cheia de guais plangentes, atroando um vão de esquina com endeixas zangarreadas.

A' hora das refeições farândulas apinham-se ás portas dos hotéis, como os mendigos, outr'ora,

á portaria dos conventos. E as casas particulares têm também os seus pensionistas, que chegam a um e um, com marmitas, cestinhos ou jornaes em que levam as sobras das mesas, mais ou menos abastadas.

A maioria de tal gente é composta de individuos válidos: homens rijos, mulheres que se engalfinham por amantes, rapazolas que, depois de fartos, formam badernas e vão á calaçaria, organisando *teams* de *football* no meio da rua, atravancando-a e atroando-a de obscenidades, aos pontapés a um trapálho, que faz, ás vezes, de bola, e que, frequentemente, vai ter aos vidros das janellas, quando não dá em cheio no rosto de quem passa. E não se lembre o attingido de protestar contra o *off-side* porque então, além do bolaço, terá a descompostura, senão a pedrada.

A cidade, com tal escumálha, que augmenta dia a dia, tem o aspecto de um pantano coalhado

de podridões. Agora, com o incendio dos pardieiros do morro de Santo Antonio, é toda uma enxurrada que desce para a planicie e com ella virão os exploradores, que tiram partido de todas as catastrophes.

Amanhan serão mais mil, mais dois mil pedintes esmolando pão, vestes e dinheiro com pretexto de que o fogo os deixou sem lar e em completa penuria. E o povo, já sobrecarregado, terá ainda sobre si mais essa turba faminta e núa.

A' noite, o aspecto da cidade é o de um acampamento de ciganos: quasi que se não póde caminhar sem risco de pisar em um corpo. Dorme-se ao ar livre, na grama, nos bancos dos jardins abertos, no muro dos caes, nos degraus das igrejas e dos edificios publicos, nas soleiras das portas, nas obras e nas ruinas e o vicio referve impudente. E' a hora da Venus Porne.

E' a reúna que passa achichelladamente, sedu-

zindo dengosa, com o olhar de vize, os quadris em desnalgamento lubrico, o dichote canalha estalando-lhe entre os dentes pôdres, na boca que tresanda a alcool. E' a menina, ainda impúbere, que propõe torpezas, indicando alfurjas onde se encontrem sem risco. E' o meretricio réles, no ir e vir da gandaia. E' o *pivete* experto que passa á sorrelfa, insinuando a mão subtil no bolso do primeiro incauto. São os galfarros dos *contos* trapaceiros, esgueirando olhares na multidão á cata de ingenuos e velhos rebutalhos do crime, pessoal do xadrez, com retrato na policia e ficha no Gabinete de Identificação.

E' a tasca besoadando com o vozeio dos ébrios; são os lupanares atupidos de azevieiros e de michelas; são as tavolagens regorgitando de mandestros e, nas ruas, continúa o pedinchar lamuriento, vozes gemendo na sombra, vultos que se adiantam tomando o passo aos retardatarios, com uma lenga-

lenga de soffrimentos e um fortum de entontecer.

Parece que uma população subterranea exsurge espalhando-se pela cidade— é a cáfila nocturna, o vampirismo tragico, e o Rio, esplendido de luzes, fica como as roças no tempo do milho quando os formigueiros despejam os seus enxames vorazes, que arrasam culturas, carreando para os profundos celleiros, não só os frutos como ainda o novedio das plantas que ficam em talas.

Deu-se aqui um caso, que tanto póde ser attribuido ao humorismo de algum alumno de Swift, como á mania exhibicionista, cada vez mais alastrada ou, quem sabe lá! (tudo é possível) talvez fosse mesmo, como disse o annuncio, um movimento de piedosa solidariedade.

Certo pernetá, enriquecido por herança, entendeu que devia dar a quantos tivessem o mesmo defeito, que o tornava infeliz antes do legado, um

minuto de alegria, e convocou-os pela imprensa, para certo dia e hora no terraço do Passeio, com a promessa de uma esmola.

Desde meio-dia, disseram os jornaes, começou a affluencia e ás duas da tarde eram tantos os pernetas que o terraço ficou como um pateo de hospital de invalidos, e ainda pelas aléas e fóra (os sem gravata) em volta do jardim era um incessante toquejar de muletas, um continuo e duro macetar de pernas de pau. E todos—velhos e moços, homens e mulheres, logo intimos, conversavam risonhos daquella ventura que lhes apparecia, alongando os olhos ávidos á espera do doador.

Alguns desconfiavam: “Talvez fosse pilheria ou reportagem ou quem sabe se não seria cilada da policia para uma canôa em que fossem apanhados todos os pernetas da cidade!?!”

E alguns já se dispunham a abalar quando appareceu um *taxi* com dois cavalheiros graves, um

delles com uma maleta que, ao bater na portinhola do vehiculo, tiniu metallicamente. Era o enviado do generoso herdeiro.

Houve reboição — o povo de estropiados cercou os recém-vindos.

Postos em ordem os pernetas, o da mala começou a distribuição dando a cada um uma prata de mil réis: Foi uma decepção. Alguns revoltaram-se, olhando a moeda na palma da mão. “E para isto, quasi exigiram que viessemos em trajo de rigor e em landaulet.”

Houve quem recusasse a moeda com desprezo, allegando que havia gasto muito mais na viagem, além da caminhada a pé, desde a rocinha domestica até á estação suburbana.

Outros benzeram-se com um resignado “Seja tudo pelo amor de Deus!”

Em verdade, lançar a esperança á rebatinha para divertir-se com desgraçados, póde ser pilheria,

sel-o-á, porém de mui requintada crueldade. Emfim... passou.

Imagine-se que seria se outros se lembrassem de convocar, com o mesmo engodo, cégos, leprosos, rheumaticos, *culs-de jatte*, capengas, corcundas, choreicos, tuberculosos... Teriamos o museu de Capharnaum, com as diversas secções macabras.

O *perneta* esmolér (?) inaugurou um mostuario, mas o que ficou nas possilgas, nos tugurios suburbanos, nas casótas dos montes, em buraqueiras de ruinas, por ahi fóra, em todos os esconderijos em que se alaparda a miseria, daria para uma revista hedionda.

Tal gente existe, mas espalhada pelos diferentes bairros e submettida a uma organização intelligente, em virtude da qual cada districto só póde ter um numero certo de cégos, de pernetas, de ulcerados, etc., para que ninguem diga ao dar com os olhos num pedinte: "Agora mesmo dei a

um como você. Não posso attender a todos os capengas da cidade. Deus o favoreça.”

Tal não succederá se ao capenga seguir-se um cego, ao cego um sem braços, a este um tringalhadações epileptico, etc.

A verdade é que o Rio é hoje o paraíso dos indigentes que fizeram da “pobresa” profissão rendosa.

Ha “pobres” capitalistas, proprietarios. Alguns têm automoveis na praça, outros emprestam a 12 % ao mez e adiantam sobre os vencimentos aos funcionarios publicos.

No andar em que isto vai, dentro em breve a população activa terá de emigrar deixando a cidade entregue ao parasitarismo invasor. E Clopin Trouillefou será acclamado rei, installando-se, com os seus andrajos e as suas muletas, no palacio do Cattete.

E', sem duvida, pela certeza que têm da pro-

xima victoria que os "sem tecto" recusam a collocação que o governo lhes offerece nas terras ferteis das colonias. E deixem lá que elles têm razão: sempre é melhor viver sem canção e á farta na Avenida Rio Branco do que mourejar de enxada, ao sol, plantando batatas por essas roças onde não ha cinemas e outras delicias da civilisação.

Capharnaum é um nome biblico e vai bem á capital de una republica, que se préza de christian. Que fique, e, como a policia parece interessar-se por essa miseria, que se desenvolve assustadoramente, seja ella a madrinha de chrisma e quem substitua a bandeira constitucional por um trapo, symbolo do governo do rei dos mendigos, cuja dynastia começa nas paginas da *Notre Dame de Paris*, de Hugo.

# VISÕES



UANDO, á aproximação do persa, Athenas mandou Phidippide á Êsparta, concital-a a tomar armas contra o barbaro, o mensageiro de Minerva, regressando com a resposta capciosa dos lacedemonios: “que só sahiriam a campo pela lua cheia”, ao atravessar a floresta do monte Parthenion, viu surgir da espessura um hamadryas, cujo peito rebrilhava recamado de estrellas.

Cobria-lhe o corpo, até os pés, que eram de cabra, um vello hirsuto. Cornos espetavam-lhe a cabeça pyramidal, orelhas longas e agudas ultrapassavam-lhe o craneo, os olhos eram obliquos, o nariz chato, a boca rasgada e uma barba de hirco esfiava-se-lhe do queixo.

O intrepido corredor, surprehendido com a apparição, estacou immovel, preso ao solo como se nelle houvesse lançado raizes. Attentando, porém, no estranho ser silvestre, serenou, reconhecendo nelle Pan, o deus pastoral, cuja frauta melodiosa, soando na doçura da tarde, attrahia ao aprisco as ovelhas desgarradas.

Tal encontro pareceu ao álipide emissario de bom augurio, e, ainda que levasse o coração opprimido com a fria, artilosa resposta da gente de Lycurgo, alegrou-se com a vista do silvano.

E disse Pan a Phidippide: "Que fosse e annunciasse ao povo, na ágora, a victoria de Athenas".

Com tal promessa refez-se o andarilho do canção que lhe relentava os passos e, como se tivesse ligado ao calcaneo as azas de Hermés, voou do monte e, em pouco, com espanto do povo, chegou á cidade sagrada onde deu conta do recado a que fôra e mais do encontro que tivera no monte frondoso.

Então Milciades, adiantando-se, falou entre os anciãos propondo a sortida ousada. O "pean" atroou os ares e o pequeno exercito atheniense marchou, em bôa ordem, para as alturas de Marathona.

A investida foi formidavel--dir-se-ia uma torrente que arrastasse na levadia tudo que lhe ficava ao alcance.

Os persas, que já se julgavam senhores da terra, tendo fincado esteios, sobre os quaes estenderam pelles ainda sangrentas e ramos verdes, abandonaram em desordem o acampamento recolhendo-se aos navios surtos em Phalero, até onde os perseguiram os vencedores.

Assim foi um deus, a propria natureza da Grecia, Pan, que levou á victoria a gente heroica e, no mais acceso da peleja, por vezes, flammejava um raio como se o proprio Zeus, descido do Olympo, combatesse entre os homens.

Era assim nos dias heroicos. Ultimamente a

terra augusta, que tanto tem soffrido desde que nos prónaos dos seus templos se installaram barbaros, sentia a oppressão.

Eram outros persas que chegavam, mais atrevidos do que os de Dario, mais numerosos do que os de Xerxes, e caminhando sobre cinzas e lodaças de sangue.

Cidades que atravessassem ficavam em ruinas, ardendo e, diante das suas hordas, fugiam populações espavoridas.

O mundo levantou-se em armas oppondo barreiras de ferro e fogo á invasão arrogante, mas os formidaveis salteadores engrossavam-se a mais e mais e, como um rio que attrahisse á sua caudal todas as torrentes das montanhas, outros povos affluíam á sua horda, misturavam-se com ella e lá iam assoladoramente arrasando as povoações que encontravam em seu caminho.

A Grecia, sempre generosa, arfava em ancia de sahir, como outr'ora, para deter com o seu heroismo

as hostes affrontosas. Mas quem havia de animar os corações? Onde um deus que lhe falasse pela terra? Onde um estratego que se offerecesse para leval-a ao combate?

Pan morrera. A voz do grande deus calara-se em Syracusa e os generaes eram contidos pelo rei, que, no seu palacio, em Athenas, diante da Acropole, orfan de Pallas, ouviu apenas a voz da esposa que o arrastava para o crime fazendo-o pisar as tradições da Patria hellenica, a Demeter fecunda, creadora da Arte e da civilisação.

Mas a alma antiga, como um lume conservado religiosamente no ádyto de um templo, palpitava no coração de um homem e esse homem, Venizellos, tornou-se como o oraculo da Grecia.

Emquanto o rei fraco, vencido pela mulher, continha os guerreiros nos quartéis e mandava correr das ruas o povo, que se insurgia contra os barbaros, o patriota sahia á noite, e, percorrendo solitario os arredores de Athenas, encontrava pelos

caminhos sombras que lhe falavam como no Parthenion Pan falara ao corredor Phidippide.

Era, uma vez, á beira da estrada, um velho, cabeça núa, a fronte cingida por uma vita, a lyra ao flanco. Vendo vir o patriota fazia um gesto imperativo obrigando-o a parar e, no silencio da noite, a luz das estrellas, pulsando a lyra, cantava, como Hesiodo, os feitos dos heróes.

E dizia como a Força heracleana realisara os seus doze maravilhosos trabalhos; como o genio cadmeu, seimeando os dentes do dragão, fizera surgir da terra os robustos guerreiros; como se armara, ante os olhos de Pallas, a nave da expedição a Colchos; como os chefes haviam caminhado pelas terras vasias de searas até avistarem o Ida e, dali, dirigindo-se por informes, chegaram aos muros arrogantes de Troya e acamparam para a grande guerra. E o patriota, ouvindo o rhapsodo, recordava as leituras antigas, os grandes cantos heroicos da sua raça, toda a poesia dos homerides, que fez

a gloria da Grecia, e, ainda hoje, é o mais opulento patrimonio poetico da Humanidade.

Então, enlevado, adiantava-se para o velho e via apenas a noite, as arvores e, no ceu, as estrellas luminosas.

Quem, então, ali cantara diante d'elle? o passado grego.

Outra vez, dirigindo-se para os lados onde vicejara, outr'ora, o jardim dos philosophos, passando por entre ruinas de penthelico, via, subitamente, levantar-se da terra uma figura pallida. Tomava-a por uma estatua. Mas a imagem movia-se, caminhava e falava, como as sombras cimmericas falaram a Ulysses. E quem era? um dos heróes, cujos tumulos formavam a grande aléa de pylonos sagrados que ia ter ao jardim do pensamento.

E a sombra pallida recordava os grandes dias athenienses, quando o povo, entoando o pean e batendo nos escudos dos templos, aos brados patrioticos, descia brandindo ramos, a receber os guer-

reiros que vóltavam de Salamina ou de Platéa, e, levantando o braço, acenava para o horizonte onde, apesar da escuridão nocturna, havia clarões, como de madrugada, que eram o flammejar dos incendios ateiados pelos bulgaros.

E o patriota, firmando a vista, procurava reconhecer a figura pallida. Menos feliz, porém, do que Phidippide, perdia a apparição e ficava, de novo, entre o escuro da terra adormecida e o brilho das estrellas altas.

Que heróe seria? Outras visões surgiam-lhe, não só de homens mortaes, como de seres divinos. Aqui, um mancebo formoso, que era Hermés, com o petaso alado á cabeça, um pé sobre o tronco de uma arvore, curvado, prendendo, ás pressas, aos artelhos, as azas que o deviam levar ligeiras pelo Ether.

Que missão de tanta urgencia faria com que assim se aforçurasse o mensageiro divino? certamente algum recado importante, talvez um pedido

da terra aos ceus, uma requesta de soccorro e, antes que o patriota chegasse ao correio do Olympo, já elle, com as azas fremindo, se havia levantado nos ares e voava luminosamente, deixando um sulco no espaço, mais refulgente do que a Via Lactea.

E proseguia o patriota. Então, já na orla do bosque, ouvia um crepitar como de fogueira. Voltava-se. Eram as arvores que se abriam como fendidas a machado dando passagem a choréas de hamadriades que cochichavam em voz tremula:

“Elles ali vem. São mais crueis do que Erysichton e onde chegam com a sua furia de excidio tudo arrasam. As nossas irmans erram sem corpo porque todas as florestas ou foram devastadas pelos obuzes ou foram reduzidas a cinzas pelos incendiarios. Já agora, perdida a esperança de victoria, elles querem arrasar o mundo e assim como bombardeiam as cidades e destroem os templos, incendiam as florestas e as searas. Que será de nós!

Com elles estão o bulgaro e o turco, que requintam em crueldade e o que elles andam a fazer por onde passam é aviso para que nos acautelemos.

Onde estão os heróes de antanho? os guerreiros que se batiam cantando e celebravam a victoria com hymnos que ficaram eternos?"

E as lamadriades ajuntavam-se segredando e as suas vozes soavam como o sussurro das folhas.

Mas das fontes, dos ribeiros e dos lagos sahiam darthenias graciosas, lindas moças núas, com açucenas nos cabellos e, mal aflorando a terra com os pequeninos pés, diziam.

"E' bem verdade o que affirmam as divindades humidas. Que elles não só devastam como conspurcam. Lançam veneno ás fontes e nellas accumulam mortualha viciando, com a podridão dos corpos, a pureza das aguas. E assim o que tem sêde prefere talhar o pulso e dessedentar-se sugando uma veia, como fazem os vampiros, a tomar na concha das mãos um pouco d'agua putrida e no-

jenta. E elles vêm perto. Quem nos defenderá dos envenenadores? O persa era cruel e immundo, esse barbaro, porém, que se levantou no occidente, é monstruoso e torpe. Quem sahirá por nós? Porque não se levantam os homens?

Dantes bastava que um aédo salisse com a sua lyra pelos campos para que todo o povo se armasse o rico, para defender os seus thesouros, o pobre por sua cabana e aquelle que nem um palhal possuia para recolher-se nelle e dormia nas covas dos montes e vestia-se de folhas e nutria-se do que lhe davam as arvores, esse mesmo apontava o seu cajado e, manejando-o como lança, descia a incorporar-se ás tropas para defender a terra que pisava, o ar que respirava, a agua que bebia, e esse dom, o melhor da vida, que é a liberdade.

E hoje? que fazem os homens? Terá a Grecia morrido como os seus deuses? Mas que gente é essa que anda em Athenas profanando os lugares sagrados? Melhor seria que um novo diluvio sub-

mergisse toda a Hellade, assim, ao menos, desaparecendo, pereceria com gloria, não trahindo o seu passado de heroismo com uma inercia de covardia.

È o patriota, ouvindo vozes taes, que eram da natureza, regressou á cidade e, batendo ás portas do palacio, pediu para falar ao rei, dizendo-lhe o que vira e ouvira.

— Senhor, quem vos fala não é o politico, é o atheniense, é o grego, o eupatrida, da raça dos pelasgides, que vieram do mar e plantaram a oliveira na encosta da Acropole. È não vos fala por si, fala-vos em nome de Demeter, a grande deusa de Eleusis, symbolo da Terra Materna. Fala-vos em nome dos homerides, que são os cantores do passado, em nome dos heróes e pelas arvores e pelas aguas, pelos deuses mortos e pela crença viva, por Pallas, que dominava o Acropolio e por Jesus, que lhe succedeu e ainda pelos que hão de vir e pela Honra da Patria e pede-vos, por tudo e por todos, que rehabiliteis a Grecia humilhada aos pés de Locke, o devastador.

Mas o rei, fazendo-se surdo ao patriota, que exprimia o sentimento da Hellenia, só teve ouvidos para as palavras perfidas da rainha que atrelara Pallas-Athena ao carro sangrento da Hertha germanica.

Mas o milagre realisou-se e ali está a Grecia no seu lugar, que é junto da Civilisação, e para as montanhas escuras da Thessalia, que sempre foi o ninho dos monstros e o antro das feiticeiras, ábalou, espavorida, a familia do rei, deixando, para continuar a gloria atheniense, o principe, em cujas veias circula o sangue generoso, aquecido, desde o berço, pelos raios do mesmo Phoibos, que foi o inspirador da Poesia e o glorificador da Força graciosa e da Belleza immortal.

NÚCEGO

**F**oi na tempestuosa manhã da terça-feira gorda que appareceu na Avenida o homem nú. Duas razões, ambas fortes, podia allegar o adamita em defeza do seu original «costume»: o Carnaval e a inundação.

Durante o Carnaval permittem-se todas as fantasias e, quanto mais extravagantes são ellas, tanto maior é o exito que alcançam.

Já vi bailarem na mesma roda guerreiros troianos e chins de rabicho; frades bernardos e indios com arayozes e jacarés ás costas; principes alambicados e «mortes» lugubres, badalando sine-tas; diabinhos e donzellas vestidas como Isolda;

bebés chorões e pierrots e, no meio de tal moxinifada, um peru do poleiro heroico de Chantecler.

Via-se de tudo: o bello e o horrivel, o ironico e o imbecil, o sarrafaçal e o austero, o irrisorio e o tragico. Era uma salgalhada incoherente e parecia bem. O Carnaval é a grande comedia popular, é a explosão do instincto do disfarce proprio do homem, do cameleão e do polvo.

O carnavalesco veste-se como lhe convem, copiando o figurino de uma epocha ou mandando cortar um traje segundo o molde da propria fantasia.

Andou este anno um homem disfarçado em garrafa de cerveja. Não tinha espirito, não dizia palavra — ia pelas ruas macambusio, como se levasse, em vez de bebida, remorsos cruciantes. Deixavam-no passar e ninguem o chamou á fala para pedir explicações sobre a origem de tal fantasia. Gostos não se discutem.

Sendo assim, porque se ha de prohibir que um homem, lido em Cuvier e em Lubbock, saia á rua á primitiva, como se deixasse a caverna, moradia humana nos dias iniciaes, para caçar o mamuth na floresta ou dar cabo de um ichtyosaurio que o não deixava pregar olho com os estrondos nocturnos nos juncaes de uma lagôa? -

Estará a prehistoria no Index carnavalesco? Não consta. E o homem dos dias primévos era simples e andava como os animaes; sem preoccupar-se com o que pudessem dizer os visinhos, que eram de bôa paz, nem tão pouco com a policia, que ainda não fôra creada para perturbar a ordem.

Andava á vontade e por preço commodo e, como enfeites, bastavam-lhe um collar de dentes e a hedionda tatuagem, que os seculos, lentamente, aperfeiçoaram na arte graciosa da pintura e do «maquillage».

A segunda razão tambem justifica o procedi-

mento do descerimonioso transeunte matinal da Avenida. Chovia a cantaros, a cidade era um immenso lago onde se despejavam rios caudalosos, além das catadupas que as nuvens altas jorravam, como no diluvio, e o homem, diante das aguas abundantes, fez o que lhe pareceu natural: poz-se em pello.

O povo, a principio, tomando a coisa como excentricidade carnavalesca, achou-lhe graça e rio á tripa forra, preocupando-se apenas com saber o nome do Cordão do qual se havia trasmalhado aquelle membro.

Mas, rompendo a turba, surgiu um puritano ferrenho bradando, d'olhos flammejantes e punhos fechados em murros:

—Que não! Que aquillo não era Carnaval, mas pouca vergonha, affronta á religião e aos bons costumes. E exigiu policia e uma folha de vinha.

O «nú» estacou olhando airadamente em volta, espantado e coçando-se, sem atinar com o motivo do tumulto em que se via envolvido. Os assistentes manifestavam-se uns pró, outros contra. Este achava a fantasia muito apropositada, aquelle pedia, aos berros, uma camisola de força para o typo.

Mulheres, que passavam, vendo o rumoroso ajuntamento, mettiam-se curiosamente por elle; dando, porém, com o homem naquelle traço, quero dizer, naquelle gôsto, abriam os dedos diante dos olhos e fugiam arripiadas. Chegou, por fim, um guarda civil e, tirando o capote, lançou-o abnegadamente sobre a nudez forte, como manto de pudor, pouco diaphano para ser o da fantasia. E, convidando o homem a acompanhal-o, lá foi levando o «núcego», não para o «salão», mas para a delegacia, debaixo de vaia.

Se o preso se voltasse e, solemne, na attitude

sublime do Mestre Perfeito no caso da adúltera, dissesse: « Homens, aquelle, d'entre vós, que não fôr como eu, que me atire a primeira pedra », estou certo de que ninguem se curvaria á procura de callhões, até porque seria perder tempo e esforço. no ponto em que se dava o escandalo, que é todo elle asphaltado.

Mas o homem não disse palavra, seguiu mudo é surdo ás affrontas, embrulhado no capote da Ordem Publica.

Analysemos agora o caso.

Que crime commettera o homem? Offendera a moral. Mas que é a moral? uma convenção da moda.

O homem foi preso, não porque estava nú, mas porque o nú ainda não foi decretado. O seu crime consiste em ter querido, como o essenio, fazer de precursor.

O Baptista foi recolhido a Makeros e lá de

gollado; o «nucego» depois da delegacia, se não perdeu a cabeça, perdeu o juizo, porque o deram por doido, mandando-o para a Praia da Saudade em carro forte. Foi victima da precipitação.

Se houvesse esperado os ultimos figurinos e pudesse exhibir um delles com o «nú» lançado por um dos grandes nomes da Paris-mundana, em vez de ser apupado, como foi, e autoado e mandado para o Hospicio, teria sido o heróe do Carnaval e o seu nome andaria celebre nas chronicas elegantes e passaria gloriosamente á Historia, como passaram o de Broomel e o do Chévalier d'Orsay.

Não teve paciencia, contou de mais consigo e deu com os burros nagua, que, nessa manhan, era muita. O «nú» vem vindo de vagar, com pés de lan, atacando a praça por dois lados — por cima e por baixo: desce pelo decote e sobe pelas pernas — baixa o corpinho no busto, encurta a saia até os joelhos e, assim: subindo por um lado

e descendo pelo outro, acabarão por encontrar-se as duas partes e o ponto de intercessão será a abertura da praça. E ficará instituída a nudez, sem escandalo, porque será moda.

O homem da Avenida quiz fazer a coisa dum golpe e botou abaixo a camisa. Andou mal. Perdeu-se por apressado.

E tinha um meio de fazer a coisa, com probabilidade, se não certeza, de triumpho: Annunciaria nos jornaes, para as tantas da manhã da terça-feira gorda, a estréa na Avenida, dum traje originalissimo, ultimo modelo da Casa Liberty, de Paris, talhado em tecido tão fino, de tal transparencia, que seria como o sol.

O povo teria affluído curiosamente e, quando elle apparecesse nú, todos os olhos se alargariam maravilhados e, horas depois, as lojas da Avenida estariam apinhadas de gente a pedir a tenue novidade, e os telephonios dos bairros « chics »

não dariam tréguas ao pessoal dos armazens de modas.

É verdade que ha sempre alguém que vê claro e fala pela verdade, como a criança da lenda que, á passagem do rei, que passeava com o traje imaginario, que os adultores affirmavam ser esplendido, disse, com surpresa risonha: «O rei está nú!»

Aqui o brado não partiu de uma criança, partiu dentre as barbas tremendas de um cidadão conspicuo, ultimo abencerragem de uma raça que vai desaparecendo.

Não fosse tal cavalheiro um fossil e o homem não teria soffrido vexame algum, continuando, muito á vontade, na Avenida, e tomaria o seu aperitivo na «terrasse», almoçaria na Bralma, iria ao cinema, etc.

Porque a verdade é que na Avenida vêem-se ousadias maiores do que a nudez desse homem.

mas como são modas de Paris tódos acceitam-nas e até as elogiam.

Talvez que, no anno proximo, o escandalo seja provocado por algum sujeito (ou sujeita) que se atreva a affrontar os olhos do publico de calças (ou de saias).

No andar em que vão as coisas, o «nú», dentro em breve, será o traço commum. Ao menos será fresco e barato, e para o nosso clima, com a crise, não haverá melhor.

UM AËDO



UANDO Demódoco, sentado d'encontro a uma das columnas do palacio de Alcinoos, onde chega o surdo estrondo do mar rebrandando nas rochas, com a grande lyra pousada na coxa, vibra-lhe ligeiramente as cordas, os escansões, que se cruzam entre os grupos garrulos, com as crateras de vinho e com os immensos pratos em que fumegam as cheirosas viandas, estacam, como surpresos e, quietamente, recuam em pontas de pés, ajuntando-se ao fundo da sala, immoveis, como estatuas allegoricas.

Os guerreiros pheacios, que commentavam turbulentamente os jogos da manhan, no estádio, calam-se e, avançando em surdos passos, ache-

gam-se do cégo divino, cercam-n'o apinhados e ficam em silencio attento, ainda offegando do ardor da discussão, á espera do canto sublime annunciado pelos accordes sonorosos.

Ulysses, esquecido dos tormentos que vinha padecendo desde que se alongára, em viagem penosa, das desoladas ribeiras da Asia, com ancia de rever a sua ilha e nella a esposa, que deixára chorosa e o filho pequenino, e o seu povo, e o seus gados, crava os olhos no ancião e Alcinoo, com o cotovello no joelho, esmagando no punho a barba farta e dourada, todo se inclina para ouvir melhor o aêdo.

Porque tamanha curiosidade? Que maravilhas terá ainda a revelar o divino cytharedo para que assim os inquietos homens se aquietem desdenhando, com indifferença, as gordas e appetitosas carnes e os vinhos espumantes servidos com tanta prodigalidade?

Serão aventuras não sabidas de Zeus olympico, descido á terra sob disfarce perfido para seduzir mulheres ou uma nova viagem bem aparelhada, de gente robusta e atrevida, para terras longinquas de ouro e riquezas abundantes, como esse reino de Colchos, cujo ar atroava os rugidos dos dragões?

Nada de maravilhas, senão feitos dos homens, heroismos de principès de povos, narrações de guerras, porque Demódoco, sabedor do passado, de todas dizia com estro altiloco, desde as que haviam longamente ensanguentado a terra e deslocado os montes, quando os deuses romperam do Olympo rechassando furiosamente os titans, até a que se feriu, em renhidos e multiplicados recontros, diante dos muros altos de Troya e, por fim, nas entranhas da cidade forte, onde os gregos penetraram insidiosamente por uma traça subtil de Ulysses.

E esses cantos eram os que mais prendiam a

atenção dos homens e, assim como Demódoco, todos os rhapsodos que percorriam a Hellade e as ilhas formosas do mar azul com a cythara ao flanco, onde quer que chegassem logo attrahiam á sua voz os trabalhadores, uns que deixavam o gigo da colheita sob a vinha, os bois do carro parados, ruminando quiétos á sombra dos álamos, a forja accesa; outros que corriam das penhas ou sahiam dos barcos em tropel e formavam circulo em torno do cantor, ouvindo-o discorrer sobre as lutas de outr'ora em terra e no mar.

È não eram somente os homerides, os poetas nomades que, percorrendo a Grecia, desde o Pyreu até as montanhas do Epiro, traziam presas aos seus cantos heroicos as gentes dos nomos; em Roma, na Scandinavia rude, nas geladas steppes sármatas, nas selvas germanicas, na Gallia florida e até nas montanhas da Iberia eram cantores sabinos referindo episodios do tempo de Turno.

eram os skaldos, eram os bardos, todos inspirando-se na bravura e cantando-a com eloquencia.

Ainda na Idade Media entre um troveiro, como Bertrand de Born e um trovador inspirado em amores, cavalleiros e damas preferiam o que lhes descrevia os grandes golpes de montante, os encontros robustos nos quaes as lanças voavam em estilhas e os elmos amolgavam-se abolidos ao que, docemente, narrava a paixão de Isolda ou a resignada brandura de Griselda.

Entre a canção de gesta e a ballada, entre a tensão e o lais ninguem hesitava, tanto o suzerano, na assembléa de damas e de homens d'armas, como o estalajadeiro na sala do albergue, bezoante de rusticos e de peregrinos.

O heroismo seduz e na infancia as leituras que mais aprazem são as que nos transportam aos dias esforçados dos combates bravios, quando os homens, como Parsifal e os cavalleiros da Tavola

Redonda, percorriam as terras, com o ouvido á escuta, partindo em arrancadas atrevidas, a salvar um innocente das mãos de um tyranno ou a libertar uma victima das garras de um dragão.

Os dias de sangue tiveram o seu occaso. Parecia que toda a terra era um immenso e pallido olival onde governava Minerva pacifica. Os homens saudavam-se como irmãos. Encontrando-se nas fronteiras dos paizes trocavam o beijo da fraternidade e, juntos, á sombra de uma arvore, partiam o pão em duas metades, e comiam falando da doçura do tempo, da abundancia das searas e da providencia dos deuses. O ferro das minas, levado ao fogo, sahia em instrumentos pacificos para o trabalho fecundo e as mãis, embalando os berços, cantavam tranquillamente olhando, pela janella aberta sobre o pomar florido, as estrellas altas brilhando no céu.

Eis, porém, que uma grande voz atrôa os ares,

a terra treme sob passos de ferro, o ferro brilha aguçado e talha. Toda a campina dourada cobre-se de ferro mortal, como no terrível poema carolino escripto, com penna aspera, pelo monge de Saint Gall. E o incendio devora aldeias, arrasa cidades, cahem os templos em ruinas, aluem as bibliothecas millenares, desmoronam-se as construcções da Arte, realisando-se, em toda a sua hediondez, o sonho de Siffroi, que Renan nos descreve em "L'eau de Jouvence":

"Victoire! Victoire! brulez, fusillez! Nous sommes les maitres; tout nous est permis pour les faire signer ce que nous voulons. Generosité sentimentalité! pure sottise!

Désolation! Les militaires sont trop doux; nos hommes savent tuer, mais non fusiller. Il faudrait bruler tous les villages, pendre tous les habitants males; cela les empêcherait de se defendre. Des prisonniers!... Comprenez-vous qu'on

fasse prisonniers des gens qui se defendent? On aurait du les fusiller..."

O mundo pasma diante de tanta monstruosidade. Dir-se-á que os barbaros resuscitaram e investiram com o seculo como, nos dias obscuros, descendo das suas aldeias frias, arremettiam ás cidades tranquillias, escalavam-lhes os muros e, espalhando-se pelas ruas, em tumulto de excidio, tudo levavam a ferro e fogo.

E' um diluvio de sangue sobre o qual fluctua, fechada como um sacrario, conservando os livros da Lei e a divina moral de Jesus, a arca da Civilisação.

Em tal tempo não podem as lyras soar cantos meigos, devem afinar-se para barditos como o de Ragnar, para epinicios como os de Taillefer e, effectivamente, de todos os rincões do mundo, ainda dos mais remotos, chegam cantos de guerra, commentarios de horror, glosas da tragedia infrene

que assola o occidente empannando o brilho do século radioso.

Em todos esses cantos a indignação reserve, a alma sensibilizada protesta contra as nefandas crueldades commettidas pelas hordas que se lançaram da Floresta Negra com o grito de guerra que o historiador de Israel poz na boca de Siffroi. Mas em nenhum delles ha a grandiosidade, a belleza, a poesia, em summa, que resalta aladamente desse livro, que é como a Grande Gesta da monstruosa chacina que devasta o mundo: os "Quadros da guerra" de Castro Menezes.

Esse volume, que ficará em nossa litteratura em lugar de realce, vale por uma galeria estupenda onde o Heroismo apparece em toda a sublimidade, desde o do guerreiro que vai para a morte cantando o hymno da Patria, contente de poder sacrificar-se pela sua fé, como os martyres antigos, até o da humilde mulher que segue, por entre as flammias

que estrondam, atravez da terra esborcinada pelos obuzes, fumegando em solfatáras asphixiantes, para recolher feridos trazendo-os sob a tutella da cruz para os pavilhões onde desaparece a convenção de patria para só existir o principio de Humanidade.

Quando o notavel artista suspendeu nas columnas do "Jornal do Commercio" os seus primeiros "Quadros" a guerra entrou a interessar-me pelo lado esthetico. Comecei a ver a belleza da catastrophe.

Um telegramma da vespera apparecia no dia seguinte transfigurado em obra d'arte e de um sossobro de barco, do canto de uma artista, da decisão de uma princeza, da corrida vertiginosa de um bando de locomotivas, da galopada frenetica de um regimento de cossacos em direcção á morte nos lagos salobros fazia elle uma tela prodigiosa em que havia a energiã do pincel de Miguel

Angelo e o taciturno tragico das harmonias dantescas.

Prendi-me a essa litteratura impressionista e esperava anciosamente a tarde para contemplar, a um relampago de genio, um quadro novo do cataclysmo.

Os autores europeus que, com mais talento, nos têm descripto as phases da campanha e os multiplos episodios da tremenda carnificina, não acharam a formula exacta para a composição das suas obras. Achou-a o nosso poeta e, com ella, deu-nos aos nervos todas as vibrações, desde a do mais arripiado horror á da mais enternecida piedade; desde a do enthusiasmo mais exaltado a do horror mais fremente.

E' o Bello em todas as suas expressões, são ondas que se succedem no oceano de sangue, umas rubras, pesadas, rolando grossas como lameiros e coroadas de cadaveres, outras todas brancas como floridas

de espumas e nellas, cantando piedosamente, como as oceanides no Prometheu de Eschylo; o amor, a caridade, a religião, todas as ternuras d'alma que, para o bem da Humanidade e repouso dos seculos futuros, são a sementeira que o coração anda a espalhar nos sulcos abertos na terra pelos formidaveis arados de Bellona e da qual affluirá, na primavera proxima, a desejada Harmonia, flor da Ordem.

Quer queiram, quer não, o homem, apezar do polimento dos seculos, ha de ser sempre o mesmo entusiasta da grandeza, o mesmo admirador da força, seja ella a de um atlante, removendo penhascos, seja a de um iniciado arrastando multidões, e hoje, como nos dias em que Ulysses, lançado ás praias dos pheacios, onde as virgens lavavam cantando, recebe agasalho no palacio de thuya e granito roseo do admiravel e prudente Alcinoo, ouviriámos Demódoco e louvariámos a sua inspi-

ração divina, derramada profusamente em hexâmetros sonoros.

A guerra é bella e grandiosa, mas para cantal-a não basta ter uma lyra alta, de sete cordas vibrantes e dedos ageis que as firmam, é necessario que um deus entre no poeta e lhe accenda o genio e lhe dê ao olhar intensidade de luz astral, á imaginação prestigio divinatorio, á palavra o verbo preciso, para que veja longe, atravez do fumo enrolado em nuvens densas, sinta por intuição o que se passa no além e refira, com sonoridade, a acção dos homens, como fez nessa obra perfeita, toda de emoção e trabalhada em forma primorosa, os "Quadros da guerra", esse que é um aêdo, Castro Menezes, poeta da estirpe dos homerides, cantores dos homens fortes e dos deuses magnificos.

PIRATA



**R**EVOLVENDO o lixo da Historia, achou, emfim o energumeno, que parece ter vindo realisar as prophcias tragicas do Apocalypse, o vestido que lhe convem e com o qual deve ser estatelado em um pelourinho para exemplo ao Futuro.

O Frégoli de duas cabeças, como a amplisbéna, uma com a corôa de imperador, outra com a corôa de rei, encimadas pela caveira do regimento macabro dos Hussards da Morte, tendo experimentado todos os trajos da régia indumentaria germanica e ainda a dos typos da lenda, como Lohengrin, surge agora com as grossas, cerdosas pelles e com o capacete alado com que

Ragnar Lodbrok, filho de Sigurd, príncipe das ilhas e devastador dos mares, impunha-se á prôa do « snekkjur » blindado de bronze, com um archôte e uma lança.

As cidades marítimas, as póvoas littoraneas que, no tempo de Carlos Magno, adormeciam tranquillias, confiando na bravura dos cavalleiros invenciveis, com o desapparecimento do valoroso príncipe ficaram á mercê dos sanguinarios « vikings », que varriam os mares em barcos como a « skuta », que montava ligeira e destra os mais alterosos vagalhões, como o « skeld » truculento, cuja prôa era um dragão de fauce hiante e imbricado de ferro, como o « dreki » com as bordas amoedadas de broqueis e o pesado « snekkjur », que talhava as ondas com a lamina da prôa feita para abrir brecha nas « banquises ».

Ao longo das praias dia e noite espadanavam labaredas altas, subiam aos ares, enoveladamente,

rolos de fumo negro, repercutia a grita desesperada de mistura com os clangores das buzinas e o alarido dos assaltantes; e o sangue corria copioso, empoçava-se em marnótas rubras, em torno das quaes os piratas hirsutos saltavam, em tripudio feroz, bradando pelos seus deuses brutos.

E, sobre cineraes de igrejas e de cabanas, de paços e de abegoarias, espesinhando mortualha, enquanto uns recolhiam aos barcos os despojos opimos dos mosteiros, as riquezas das arcas domesticas, outros rausavam mulheres, deventravam crianças, degollavam velhos, derrubavam a machadinha sacerdotes ante os altares e, em volta dos corpos, que escabujavam, saltando e cantando barditos, celebravam, em chacina, a chamada « missa das lanças ».

Ragnar acabou heroicamente em uma torre de viboras e, mordido pelos reptis, que se lhe enroscavam no corpo branco, não teve um des-

fallecimento, foi sempre o « iarl » ousado e os que se debruçaram sobre o poço, onde lhe haviam preparado o supplicio repugnante, ouviram, até que a morte o prostrou, o canto orgulhoso, de estrophes estrondosas, com que o pirata, recordando os seus feitos, sahia, como heróe, da vida que enchera de heroismos.

O kaiser parece haver invejado o salteador oceanico, que tinha o seu antro nos « fyords » e, depois de assolar a terra, crocita, em una nota de abutre, a interdicção dos mares. Desde Xerxes até Attila não ha exemplo de arrogancia tamanha.

O Ante-Christo governa. Entramos nos dias lugubres annunciados pela sybylla. Que pretende ainda o imperador vulturino? Que mais deseja a hyena de Essen?

As cidades jazem em ruinas, que ardem; os templos são muradaes, as bibliothecas são escombros, a Arte forma entulho, a Sciencia avilta-se em

inventos mortiferos, a honra abastarda-se, a Piedade-tem as unhas sangrentas como as das Harpias e as Virtudes, infamadas, passam como captivas, polluidas pela chufa alarve dos uhlanos.

O kaiser, mais do que sobre cadaveres, mas açacanhando tradições, apparece-nos como Satan, no «sabbat»: O seu throno é o tonel colossal de Heidelberg. D'ali, mascarrado de sangue, e regendo, com um femur, o côro dos clamores humanos, elle dicta leis. Em volta do immenso abysmo de cerveja giram imperios, reinos e republicas e as calamidades, coryphéas da choródia sangrenta, são—a Fome, esqueletica, rilhando ossos e já envesgando os olhos raiados de sangue para a horrenda anthropophagia, como na Idade Média; a Peste babando sanie, esvurmando pús; a Libidinagem prostituindo torpemente innocencias; a Embriaguez titubando em corregos de vinho; a Heresia profanando altares; a Rapacidade fazendo

mão baixa sobre riquezas do patrimonio da Civilização e a Estupidez da gente brôncã que, em vez de sangue, tem cerveja nas veias e, em vez de cerebro, rolos de salchicha no craneo, queimando livros, rasgando incunábulo, inutilizando manuscritos, destruindo telas, despedaçando marmores, enquanto os canhões ribombam, marcando o rythmo satânico do «Dies irae» germanico.

Agora Guilherme Lodbrok lança o «Quos ego...!» e o mundo treme nos polos.

O imperador infernal ameaça a Vida, transformando a guerra em cataclysmo universal. Já não é um povo em armas, é um imperio que se desloca e que vem pelos mares, em alúde, affrontando o resto do planeta.

Os oceanos são hoje caminhos vedados: a Allemanha, rebuçada na onda, como o polvo, espera os que transitam.

Não são inimigos, são neutros, que importa!

São homens de outra raça, não pensam como os herdeiros de Locke nem trazem, para defendel-os, os caracteres rinos da grande Edda. Só a Allemanha é forte, só a Allemanha é grande, só a Allemanha deve existir... Deutschland über alles!

E assim a guerra é pela conquista e escravidão do mundo: guerra contra a Humanidade, contra a Historia e contra Deus.

Com a ultima nota enviada aos Estados-Unidos a féra descobriu-se apparecendo, monstruosa e voraz, á porta do seu antro de aço.

Povos, de pé e armái-vos! Se deixardes que ella vá devorando um a um os que já lhe estão sob as garras, sereis, dentro em pouco, colhidos pela sua gana.

Se a ameaça é lançada ao mundo, saia o mundo por ella. O momento não é para diplomacias contemporisadoras, mas para acção em

defesa propria. Nada de hesitações, de commo-  
dismo inerte ou de covardia.

Qui recule peut faire une ruine immense.

Grands, petits, Dieu sait seul où la force commence,

Seul où la faiblesse finit ;

Quand un mont chancelant croule, le grain de sable

S'il pouvait empêcher sa chute, est responsable

Des crimes du bloc de granit.

Um grão de arêa não conta, a duna, entantô,  
é uma resistencia. Não cruzemos os braços como  
simples espectadores para que, no caso de derrota  
sem que nos livremos, pela indiferença, das  
algemas que nos hão de cingir os pulsos, tenhamos  
ainda, a aggravar o nosso infortunio, o desprezo  
dos que se bateram pela Humanidade e, dado que  
sôe a victoria nas tubas da Justiça, não nos enver-  
gonhemos, ao clarão do novo renascimento, nós  
que nos mantivemos inertes ante os que, esforçada,  
solidariamente, se bateram pela restauração do

Direito, pelo restabelecimento da Moral, pela reivindicação da Honra, pela volta do Amor á terra, refflorindo sobre os campos devastados pela barbaie germanica.

Armemo-nos contra o « iarl ». Ragnar ameaça-nos com os seus cetaceos de Heligoland a nós, da America, e, já que as nossas aguas espumam com o bater das barbatanas dos monstros da pirataria, unamo-nos todos e saiamos por nossa honra a repellir o assaltante, ligados pela mesma Fé, como os apóstolos, na barca de Pedro, se arrojaram aos macaréos de Tiberiade serenos porque ia com elles, illuminando as aguas com a sua aureola, o missionario da Paz, o prégador da Justiça e do Bem: Jesus.

.....

Qui, pouvant empêcher, laisse faire, est complice.

213 RAIZ 303

215 303

  
 **B**ROTA a semente, rompe á flor da terra em vige, lança-se erecta, abre um folliolo, cresce; já estende um ramiculo, e, abeberando-se á chuva e aquecendo-se ao sol, ganha força e desenvolve-se robusta — é arvore. Engrossa-se-lhe o tronco em columna, estiram-se-lhe os galhos em vigas, renovam-se-lhe as folhas, enflora-se no tempo proprio e, se é fecunda, frutifica.

Abrindo acceitosa sombra é Hygia purificando o ambiente. E' Flora na primavera, Pomona na estação opima e lume no inverno gélido, aquecendo alegremente o lar e reunindo a familia em commu-nhão em volta da sua claridade e do seu calor benigno.

Os ninhos fazem da arvore a sua cidade canóra; as abelhas nella suspendem as suas colmêas de cêra e mel; as cigarras cantam-lhe na fronde e a arvore brilha ao sol, veste-se de branco á neve, e junto da casa, abranda a violencia dos vendavaes, que, nellas dando no primeiro embate, chegam amortecidos ao colmo ou ao telheiro da choça ou do casal.

É ainda generosamente dá a arvore do seu corpo tudo de que carece o homem na lucta com a terra e contra os males da vida. É quem faz a arvore bella e fortê? Quem lhe dá magestade á cupola versuda? Quem lhe infiltra o perfume que trescala na flor e o saibo que dá gosto ao fruto? Quem lhe dá resistencia ao cérne e vigor a todo o corpo? a raiz, e onde vive a raiz, que é vida? no fundo da terra, como a morte.

Para que a arvore tenha sempre viço não se descuida o lavrador previdente de ablaquecer a

terra em volta do tronco para que o sol aqueça e avivente a raiz e de espalhar adubos que retêm o torrão, nem deixa de podar as demasias da ramagem para que se não dissipe em farfalhices o que a arvore deve concentrar em energias uteis.

Não é de ramos espalhados que se tiram os maiores lucros, senão de frutos bem amadurecidos e de bôa madeira san.

Lavradores ha — e serão elles lavradores? — que, pelo prazer da vista, sacrificam o proveitoso deixando frondejar exuberantemente a arvore, dispersando a seiva em brotos e em folhagem inutil, do que resulta vir o fruto intanguido, mal amojado, senão de todo secco.

A raiz é a força mysteriosa que se occulta no seio da terra para fazer surgir á flux a arvore, que é o seu producto, e, quanto mais a raiz se aprofunda mais vigor e estabilidade offerece ao tronco que sustenta nas garras subterraneas.

Todas as grandezas occultam-se, a começar por Deus. A modestia é um véu como o dos templos, igual ao que escondia a face de Isis e ao que vela o sacrario.

Raiz é origem, é grandeza obscura; raiz é maternidade, é esteio. Dai-lhe força e a arvore será formosa; deixai-a a secco, sem trato, e tombará esmarrida e, com a sua morte, lá se irão as bellezas da fronde larga, os ninhos canóros que nella tinham abrigo, os panaes de cêra e mel, as cigartas alegres e todos os beneficios que ella prodigamente espalha pela vida.

Quem vê a raiz no seu trabalho chthoniano? ninguém. Não operavam em maior segredo os spagiristas na Idade Media. O seu laboratorio de vida confina com o tumulo e, assim, a origem pega-se com a finalidade, os extremos tocam-se, realisando a symbolica da serpente que morde a propria cauda.

A raiz, para levantar a arvore, abysma-se, desce ao inferno para dar á sua filha o céu, sacrifica-se pelo seu amor—é martyr.

Jesus santificou a raiz passando tres dias nos seus braços e resurgiu como Deus, tendo sido enterrado como homem. A hypostase realisou-se na mesma profundeza onde se dão as metamorphoses como a da semente que aflora em arvore.

A ascensão foi o surto para o céu, o frondamento da Divindade, a gloria florida do messianismo.

Assim, a raiz é redempção.

È, na verdade, a raiz é o povo. Elle é tudo e, sendo tudo, é nada, porque não apparece.

O que se vê é a arvore. E que é a arvore? é a Patria, com a sua grande vida. O povo, o humilde «encoberto», é o mineiro que cava a fortuna em ouro e a claridade e a força no carvão; é o marujo que sulca os mares; é o artifice que labora; é o mes-

teiral que moureja; é o lavrador que ara, semêa e colhe; é o industrial que responde com a sua obra aos reclamos do conforto; é o que imprime as idéas espalhando-as multiplicadas no livro e no jornal; é o que conduz e governa as machinas; é o mestre escola que penetra nas almas obscuras semeando nellas o «sesamo» das vinte e cinco letras, que tudo esclarecem e desvendam; é o soldado que parte para morrer, levando por mortalha a bandeira; é o artista; é o pequeno negociante; é o menino que, mal acordado na infancia, acompanha o adulto no trabalho para conquistar o pão; é a moça operaria que madruga na fabrica, são, enfim, todos os pequeninos que formam a grande força, que é a Nação.

Esses são os esgalhos da raiz da Patria; o tronco é a Lei, a fronde é a perluxidade aparatosa chamada «sociedade» quê vive do trabalho humilde e que ostenta um fausto nutrido pela seiva sagrada, que é o suor do povo.

Descurada, a arvore enlanguece, murcham-lhe as flores nos ramos, morrem-lhe os frutos mal apontam, entanto a fronde alarga-se a mais e mais, cerra-se densamente, sem um escassilho por onde passe um raio de sol vital. Que faz o lavrador? Em vez de detorar o superfluo, que suga o melhor da seiva para a ostentação vaidosa, accumula de pedras a raiz, abafa-a, deixa-a sem adubo, á mingua d'agua e de luz e, em vez de cavar a terra para dar folga aos tentaculos dessorados da arvore, detêm-se, inerte, á sombra da ramaria, illudido com o que vê, que é o inutil. E a raiz vai, aos poucos, perecendo e assim como se exhaure definha a arvore frondosa. Pobre raiz humilde!

Helas! on voit que de tout temps

Les petits ont pati des sottises des grands,

\* \* \*

Na urgencia de obter dinheiro para salvar a honra do paiz posta na balança do credor fala-se em onerar o povo com o tributo da miseria tirando-se-lhe o pão, deixando-se-lhe os andrajos.

Que importa a vexação do infeliz se elle é o « encoberto », o que se não vê?

A cidade não perderá o seu brilho ainda que a pobreza a coalhe acardumada. Ficarão ás escuras os tugurios dos pobresinhos, mas os restaurants, onde se dança, resplandecerão ruidosos. Os miseraveis rilharão mendrugos, mas as mesas dos banquetes scintillarão com o brilho polychromico dos crystaes.

Busque-se o dinheiro no pé de meia e deixem os cofres fechados com o segredo dos ferrolhos. Chame-se o braceiro ao dizimo, como na Idade Média. Saia o almotacé a cobrar pelas baiucas, deixe o proletario nú e a mulher faminta, despoje o artifice e confisque ao mesteiral a ferra-

menta. Faça dinheiro, embora com lagrimas. O villão ha de ser sempre o villão que paga para o senhor.

Mas o povo é a raiz e a sua penuria importa na miseria da nação.

Não ha esplendor possivel na inopia de todo um povo. E' verdade que tambem as podridões illuminam-se, mas o que lhes dá o brilho livido é o fogo fatuo, larva de flamma que percorre os tumulos.

E' a custa da fome que se cogita em resgatar a honra. Ah! Menenio Agrippa, se os legisladores pensassem no teu apologo não alvitriariam a proposta cruel que ameaça a pobreza na sua vida parca. Lafontaine, recompondo, com a sua arte, o apologo do romano disse, falando do estomago:

S'il a quelque besoin tout le corps s'en ressent.

E é o estomago do povo que está sob a ameaça da Lei. Que lhe reservam? a fome.

Ficará a cidade transformada na torre lugubre de Ugolino e a raiz, que é o povo, perecendo, levará comsigo, para a morte, a arvore.

Não se illudam os que voltam o rosto a esses homens pallidos e magros que supplicam, a essas mulheres macilentas que se prostram estendendo mãos tremulas, a essas crianças rôtas que choramingam, apanhando migalhas nas sargetas. São figuras que sahem do livro de Daniel com acenos e vozes de augurio, são outros tantos prophetas que vaticinam dias lugubres, é a camada subterranea que rompe á flux em solfataras ameaçadoras e essas sublevações dos humildes são perigosas como as que irrompem das entranhas da terra, explodindo em fogo pela boca dos vulcões.

Na sociedade a raiz é o povo. Elle é tudo e, sendo tudo, é nada, porque não apparece. Mas

não nos illudamos: essas forças subterraneas são sempre perigosas. E' sobre ellas que assentamos e, se nós faltam ou se, rebelladas, contorcem-se convulsas, ai! de nós.

As raizes da saxifraga fendem rochedos como a espada de Rolando. E o povo é a immensa raiz que se estende pela terra patria.

203 VISÃO DE VALA 318



318

«Le nom de Germain, dans l'idiome national, s'explique par German, homme d'armes...»

*F. G. Eichhoff*

**A** ARVORE genealogica dos germanos é Igdrasil, o carvalho das Nornas que, segundo a Edda, lança de si tres raizes—uma que estortéga no inferno, outra que collêa na terra e a terceira que alastra no céu, lá delles; cêtu que, na fantasia de um humorista, tem por sol uma fritada d'ovos com linguça, por lua um queijo frescal, por estrellas rodellas de cortiça e por Via Lactea um rio de espumoso hydromel, que outra coisa não é seião cerveja, porque, para tal gente glutona, o mundo

é um immenso tonel, cujas aduelas são o equador e os demais circulos que delle partem para os polos.

Os anjos que esvoaçam nessa adéga cambaleam nas azas e as virgens, que os acompanham, são as valkirias equestres, entouridas de sangue, especies de chouriços com doairo de górgona.

Que podia provir da estirpe de Tuisto, nascida á sombra deleteria de Igdrasil? Que podiam gerar os homens dessa raça strigida, que calculavam o tempo pelas noites, como se temessem e evitassem a claridade diurna? Que podiam produzir esses vabis nefandos, que deixavam crescer bravamente a barba e os cabellos só os cortando (com o que, então, julgavam-se dignos da tribu) quando conseguiam prostrar um inimigo, deven-trando-o diante das mulheres ferozes, mais sanguinarias do que as bacchantes thracias? Como poderiam dar gerações humanas esses truculentos adoradores de Hertha, cujo carro, levado através

das humidas florestas, por cima de corpos palpitantes, por vezes emperrava atolado em sangueira, com as rodas entrosadas em tassalhos de carne? Que productos podiam advir dos amores de mulheres sinistras, sacerdotisas de Hilda, que rugiam e escabujavam sobre cadaveres? Que se podia esperar de homens asperos, que tudo faziam em som de guerra, como nol-o diz Tacito, comparecendo nas assembléas armados e deliberando: na recusa, com um murmurio trovejante; na approvação, brandindo delirantemente as «frameas» largas, modo de suffragio considerado como o mais honroso assentimento?

Taes eram os germanos, povo que celebrava a maioridade dos seus filhos vestindo-lhes o saio de guerra; povo que sonhava com o Walhalla, paraíso sangrento dos que morriam em combate; povo que venerava deuses perjuros como Wodan que, contractando com um architecto a constru-

ção de um castello, onde ficasse a salvo dos gigantes, compromettendo-se a dar-lhe em pagamento Freya, a deusa da mocidade, e mais o sol e a lua, achou meios de fugir á promessa por um ardil do vilipendioso Loke, deus da mentira, segundo Ricardo Wagner.

« Ainsi, diz Firmery, ce sont les dieux qui les premiers ont introduit dans le monde, avec la soif de l'or, le mensonge et le viol des lois. »

Que se podia esperar de tal progenie cujo evangelho, a Edda, é um cháos de horrores, abysmo lutulento de sangue e lagrimas, povoamento de monstros: dragões que vomitam labaredas, viboras que rabeam e silvam coleras, fomiculas que enojam; uma aguia lugubre: Hresvelgre, pousada na crista de uma rocha viscida, cordoveada de entranhas e putrida de carniça; o cão Garm, uivando, com as fauces escorrendo sanie; o lobo Fenrir repastando-se em mortualha; a serpente Iormun-

gand esputando veneno, enquanto Hela, a rainha da morte, espera, immovel e impassivel, a destruição do universo.

De tal povo, edificado em poema de tanta carnagem, que podia sahir senão o que ahi temos, essa pestilencia que inficciona o mundo e degrada o tempo, esse phagedenismo que vai corroendo a Civilisação?

Não se peça á mandragora perfume nem suavidade ao cardo.

A arvore Igdrasil vive e frondeja á custa da raiz infernal que se embebe no pantano de Hve-gelmér « moradia do dragão Nidhogre, que rói e pollue tudo que o cerca ».

A arvore que se nutre por tal veia não póde dar flôres, senão espinhos; não póde recumar resinas sans, senão veneno, e a sua sombra ha de ser lethal como a da mancenilha.

Que o mundo se congrace e, armado, invistá

com a arvore maldita, não para derrubal-a, mas para separal-a da raiz que a alimenta, porque então recorrerá ás duas que ainda lhe ficam e dará flor e frutos sãos com a da terra, e coroar-se-á de estrellas com a seiva luminosa que lhe infiltrar a do céu.

E tal ha de acontecer, porque a propria prophetisa germanica, que lançava oraculos do fundo de uma caverna, a pique sobre um « fjord », Vala, a virgem hyperborea, que lia o destino dos homens e antevia o futuro no vôo dos passaros e nas entranhas das victimas, teve a visão dos dias de hoje e viu o esplendor maravilhoso da madrugada que ha de vir. Assim falou a vidente:

« O irmão tornar-se-á assassino do irmão, romper-se-ão todos os laços de sangue. Tempos de crueldade e de impureza, éra dos máchados, das lanças e dos escudos fendidos, era das tempestades e das bestas feras, em que os homens se entredestruirão até que o mundo desabe ».

Esta é uma das estancias da Valospa ou «Visão de Vala» que constitue o primeiro canto da Edda, o lugubre Apocalypse do Norte.

Tudo em tal poema é tragico: são pesadelos que se accumulam. Os symbolos são monstruosos e, confundidos com elles, passam os deuses truculentos: Thor á frente, destruidor e cruel. Vôam os Asos aturdidos e, pela terra encharcada, correm aos ululos, os iótas sanguisedentos, agitando fachos, cujas labaredas deixam rastros de incendio em campos e cidades. Os caminhos que atravessam, na arremettida feroz, ficam assignalados por escombros e acervos de cadaveres; páramos de cinzas que foram searas, muradães que foram templos, rastolhos que foram florestas, ossamentas que foram rebanhos.

Mas Vala subitamente transfigura-se e, ameiçando a voz, prediz a derrota de Thor e dos iótas devastadores, annunciando a vinda de Baldér e o triumpho suave da Bondade.

Baldér que, nessa mythologia torva, percorre um circulo de provações, é um espirito de doçura, de nobreza e de resignação, que une os deuses, porque é o amor e a alma da natureza. Morto, quebra-se de todo o encanto da vida e o universo precipita-se na ruina.

Por felicidade do mundo Baldér vive. Vive como a semente que, adormecida na cóva, espera o reclamo amoroso da primavera para exsurgir viçosa á flor da terra.

Baldér está no exilio, mas a Humanidade, que avança, já se vai d'elle aproximando em marcha de redempção, como a dos cruzados na Terra Santa quando, á voz conclamante do eremita, sahiram, pela Fé, em defeza do Santo Sepulchro.

E' o mundo que se levanta contra Thor por Baldér, contra a Tyrania pela Humanidade, contra o ferro e contra o fogo.

E Vala reconta a visão annunciando, para

depois do cataclysmo de sangue, os dias de ventura e paz, a era da Harmonia. E diz assim a prophetisa louca aos homens que a cercam e ouyem extasiados:

«As searas rebentam da terra e o mal desaparece para o sempre. Baldér torna ao mundo para habitar, com Hodér, o palacio de Odin, residencia sagrada onde assiste o heróe. Acreditais ou não?

Então Henir, regressando, poderá escolher a sua parte — os filhos dos dois irmãos viverão unidos na vasta extensão dos ares. Acreditais ou não?

Vala vê surgir no Gimlé, o empyreo, um palacio rutilante e mais esplendido que o sol e nelle habitarão todos os povos fieis, gosando uma felicidade perpetua.

Emfim virá do Alto, presidir aos julgamentos, o Augusto Soberano que reina sobre o universo e

estabelecerá a ordem, apaziguará as dissensões ditando uma lei santa, inviolavel e eterna».

Visto haver-se cumprido sem falha a primeira parte da prophecia não ha porque duvidar de que se realise o seu final alviçareiro.

Atravessamos ainda os dias lugubres, vamos pela tormenta de sangue, sobre a nuvem de fogo, mas os horizontes começam a sorrir em azul. A arvore maldicta esmarre: seccam-se-lhe as folhas, pendem-lhe os ramos languidos. E' que já lhe não sobe ao cérne, em fluxo, a seiva sugada pela raiz ao pantano do inferno, porque os talhõs que a ferem são muitos, vibrados por todos os povos fieis á Civilisação.

A raiz «Kultur» está morta. Amanhan será outra que alimentará Igdrasil e, em vez das tres Nornas: Urda, Verdandi e Skulda, serão as tres Virtudes christans que nella se assentarão para felicidade dos povos, que trabalharão cantando, e para doçura dos tempos, que decorrerão serenos.

319 REI MORTO 331.  
Pedro II



221 331

**M**AIS hospitaleira do que a tenda do arabe é, sem duvida alguma, a nossa ineffavel Republica. O filho do deserto, antes de receber o hospede, olha-o de frente, observando-lhe os gestos e, se desconfia, acautela-se tirando o ~~kandjar~~ á meia bainha ou aperrando sorrateiramente a pistola.

A nossa terra não se preocupa com os que chegam, não lhes pede passa-portes, não os interroga, não lhes examina a bagagem: recebe-os de boa sombra e franquea-lhes todas as entradas.

Os nossos portos são ancoradouros abertos; as nossas fronteiras, passagens livres. Quem chega e bate á nossa porta é logo recebido na intimidade, senta-se á nossa mesa, como da familia, parte com-

nosco o pão e dorme sob o nosso tecto. Se, por desconhecê-lo, o fareja, rosmando, o cão domestico, é logo corrido a pontapés.

Quem quer que se sinta mal em seu paiz faz-se de rumo ao nosso certo de que desembarcará em qualquer ponto sem embaraço, como Robinson poiou na ilha. Se traz maculas de sangue, estygmas infamantes ninguém os vê; se traz pústulas ou escáras, se cuspiha sangue ou tactêa com o cajado de cego a Caridade achana-lhe o caminho. Assim o Brasil é o refugio de todas as miserias, uma como alfurja da immundicie universal, desde o leproso, que vem esputando sanie, com as carnes em tumidos tuberculos e cahiindo como frutos podres, até o assassino que conseguiu evadir-se do presidio, ainda com o vinco dos grillhões nos pulsos.

E' o nosso paiz o logradouro dos viciosos de todas as depravações, o homisio de todos os delinquentes, o valhacouto de todos os repudiados: do rufião e do moedeiro falso e do arrombador de cofres, do effeminado e da barregan.

O casten installa impudentemente o seu lupanar; o tavolageiro monta, com desassombro, o club; o falsario estabelece officina; o ladrão allicia farandulas, os invertidos reúnem-se em prostibulos e a cidade ostenta, nas ruas, a escumalha sordida de uma pedincharia atravancadora: mendigos que choramingam, que alrotam—os homens, exhibindo chagas dessorantes ou deformidades que repugnam; as mulheres, com crianças arrebanhadas para “a mise-en-scene” commovedora.

A’ hora do almoço ajuntam-se levas aos portões das casas; á espera dos restos com que se fartam, á maneira de suínos, indo, depois, sestar nos bancos dos jardins, á sombra das arvores, onde esperam a noite para, então, abandonando os disfarces, mostrarem-se ageis, como os estropiados da Côte dos Milagres, que perseguiram Gringoire, ou lubricos, rebolcando, aos casaes, nos gramados como satyros e nymphas.

As vergonhas elegantes, preconisadas pelos chro-

nistas de sexo indeciso, essas exercitam-se ás escancaradas nos clubs. São então os exploradores de mulheres lançando as suas michélas; são os banqueiros amuniciando jogo; são as cocottes que se esbagacham em attitudes descompostas; são os "mignons" que gazilam em falsete, requebrando languidamente os olhos orlados de bistre e, em volta de taes tubarões vorazes, giram maucebos, gaguejam velhos eroticos, babando-se de lascivia posthuma, compromettendo-se nomes, degradam-se tradições, vilipendiam-se horas até a vespera proclamadas, tempestuam craneos com idéas sanguinarias, planejam-se infamias, aviltam-se pundonores. E o vicio ferve na caldeira infernal, zoeira a orgia enquanto a policia, perambulando em ronda, detem-se, enlevada e invejosa, na rua, ouvindo o estribilho das canções canalhas atreado por toda a baderna bacchica dos clubs.

Nós ainda entendemos a colonisação como a entendia Romulo quando, debruçado sobre a charrúa, traçava os limites do "mundus" romano. A quem

quer que chega damos as boas vindas offerecendo, em som' de amizade, a terra, a agua e o fogo.

Eu não me revoltaria contra a generosidade hospitaleira do brasileiro se ~~ella~~ não contrastasse com uma injustiça que nos deprime. A Republica, ~~se~~ tivesse mais braços do que ~~Gerião~~, estendel-os-ia todos ao mundo em gesto acolhedor, entretanto carrega o cenho, amuada, bate o pé, frenetica, quando alguém se atreve a pedir-lhe que reintegre em si uma das cellulas do seu passado, cellula extincta e, por isto mesmo, sagrada; reliquia que devera, ha muito, estar em jazida para o culto civico dos contemporaneos e exemplo ás gentes do futuro que, naquelle bocado de terra, em que floreceu uma vida honrada, tomariam lições de amor patrio, porque, no residuo da morte a que me refiro, pulsou o coração e pensou o cerebro de Pedro II.

A' politica repugna (ou intimida, o que é ridiculo) a idéa da reversão ao solo do Brasil daquelle bocado de terra esquecido e agasalhado, por esmola,

em S. Vicente de Fora, no hypogeu dos reis portuguezes.

Em Portugal, onde, segundo dizem, o jacobinismo é impetuoso e intransigente, não se levantou ainda, na turba vermelha, uma voz de protesto contra a permanencia dos corpos reaes no jazigo sagrado. Elles lá estão como em tabernaculo, são marcos do passado. Tirem-nos d'ali e queimem-n'os soprando-lhes, com desprezo, as cinzas para o esquecimento, que ellas irão cahir nas paginas da Historia.

Esses mortos são como as cariatides que sustentam a tradição nacional.

O cadaver de Pedro II não viria pela noite, como um espectro, arrastando a purpura e ameaçando com o sceptro a instituição democratica; viria sem ruido, sem assombramento, como o que é: nada e silencio, bagaço do que foi uma vida.

Descendo ao tumulo continuaria o somno que dorme em leito alheio, elle que, ao sentir as palpebras

pesadas, pediu de esmola um pouco de terra patria em que repousasse a cabeça.

A Republica acha, talvez, ridiculo o "Stabat" e repelle dos seus joelhos o cadaver, envergonha-se de haver sahido de um imperio, renega a sua origem, mantendo em exilio o corpo inerte de um dos fundadores da nacionalidade.

Aqui, entre os mortos, a mumia teria apenas o culto dos que se conservam fieis á forma de governo extincta, cercando a corôa de folhas verdes de esperanza, e não seria mais que uma reliquia. Lá fóra é ella uma demonstração permanente do nosso desamor patriotico, da nossa indifferença apathica, ou uma prova de covardia valendo pela affirmação de que ainda não nos sentimos consolidados, que receamos que o peso de um cadaver dê em terra com a instituição que se diz amparada por todas as forças vivas da nação.

Sé não é medo, é rancor, e porque? Foi um tyrauno o grande e bondoso velho apeado do throuo

a 15 de Novembro? Foi um mau principe? infamou os lares dos seus subditos? dilapidou o erario? arrastou o paiz a guerras injustas ou de ganancia? humilhou-o diante do estrangeiro? abastardou-lhe os costumes? opprimiu-o? Que fez elle para que o odio o persiga além da morte? Amou a patria como homem, honrou-a como principe, cantou-a como poeta e, na hora suprema, sentindo a visinhança da morte, perdoou-lhe a ingratiidão lavando-a com uma lagrima.

Accusam-no de inercia. Ah! se a inercia fosse crime passivel da pena de exilio já teriamos criminosos bastantes para povoar com elles... um territorio vasto como o Acre.

Mas os homens gloriosos da Republica, aquelles que, mais a têm nobilitado, fizeram-se sob o olhar adormecido desse inerte, estudaram sob as suas vistas, trabalharam estimulados pelo seu incitamento, delle receberam premios.

Ainda hoje, recordando, vejo a sua figura impo-

nente de patriarcha, de longa barba e cabellos alvos, hombros largos, caminhando lentamente e sorrindo a todos.

Vejo-a nas mesas de exames no Collegio Pedro II, sentado entre os examinadores, com um exemplar da historia de Thucydides ou das Odes de Horacio, acompanhando a traducção gaguejada pelos examinandos; vejo-a nas sessões das sociedades sabias, nas palestras litterarias, nos concertos, nas exposições de arte, nas primeiras de peças nacionaes, nas conferencias e nos sermões dos grandes prégadores, no camarote do Lyrico applaudindo o "Guarany" e sob o pallio, acompanhando as procissões; nas officinas, falando ao operario; nas Escolas superiores, ouvindo prelecções; nos hospitaes, consolando enfermos; nos quarteis, provando o feijão do rancho ou apalpando a "barra" nas companhias; a bordo, informando-se de tudo ou na sua bibliotheca da Quinta, a um raio de sol, com um precioso volume de Camões, examinando-lhe attentamente a lombada e recom-

mendando-o ao bibliothecario, que era, então, o Raposo.

Que fez elle para que o Brasil o deteste? amou-o e o labeu, que lhe atiram á memoria, infamando-a, é o de haver vivido entre livros, como Marco Aurelio, e cercado de sabios como Carlos Magno.

Receiam que essa terra, que foi humana, revertendo ao sólo patrio, levante o povo em armas contra a Republica. Mas então a culpa não será da terra, que é o pó calido, como diz Vieira, mas dos vivos, que são pó levantado em nuvens que fazem sombra e que asphyxiam e matam por mui densas e inficcionadas.

Se o morto ainda obtem a preferencia da nação para seu governo é porque os vivos não a satisfazem e a historia, já tão cheia de maravilhas, registraria, se tal se dêsse, a maior de todas: a reposição no throno de um imperador defuncto para salvar um povo e restaurar uma nacionalidade.

Mas não ha receio de tal. O que ha é mais uma

prova da nossa indiferença lerda, do nosso menoscabo pelas tradições, do desamor ao que é nosso.

Somos um povo languido, sem iniciativa, de fibra flacida: recebemos o rebutalho porque nos vem ter aos portos, damos entrada á vasa porque nol-a atiram ás praias, degradamo-nos com as miserias que nos polluem, porque não temos animo de as repulsar. Somos hospitaleiros por preguiça, deixamo-nos invadir sem protesto, assim nas fronteiras como nos lares... Mas mandar buscar no estrangeiro o corpo de um dos nossos indigentes, daquelle cuja vida enche meio seculo da Historia Nacional, é trabalho que custa e que não dá lucro. A Republica não precisa de tradições para viver.

Já Aristophanes imaginou um Estado sem ali-cerces, que pairava no ar, chamado Nephelococytia. Sejamos como a republica do poeta—uma construcção aerea, sem base, sem raizes no tempo. E esperemos dessa arvore sem fundamentos as viçosas florações do civismo, com que se tecem as corôas dos povos.

333 UM REVOLUCIONARIO 3.

*Lotarias Curitiba*

330- 344

**G**HOVIA a cantaros, como no diluvio e eu, ouvindo o rumor do aguaceiro, deliciava-me com as *Ultimas cigarras* de Olegario Marianno, um poeta, que, a meu ver, descobriu a lyra do cantor de Theos e della tira sous novos, para encanto do espirito e gloria das nossas letras, quando me vieram dizer que estava á porta, tiritando e a gemer, uma *papariga* com uma viola.

Querem ver que é a Cigarra! disse eu comigo. Naturalmente vem pedir-me a esmola de uma *miga* e não serei eu quem lh'a negue. A coitada, trahida pelas chuvaradas, que nos estragaram o verão, não só ficou em penuria como tambem sem voz. A humidade é grande inimiga dos cantores.

Mandei entrar a rapariga. Foi-se o copeiro com o recado, logo, porém, tornou dizendo:

—Que a rapariga, que estava muito, rouca, não queria entrar, allegando que se achava como um pinto e encharcaria a casa se nella puzesse os pés. Pedia-me que a recebesse na varanda porque trazia grandes e graves noticias. Fui.

A chuva batia forte e um vento de inverno gemia lamentosamente nas arvores.

Chegando á varanda divisei um vulto que se cosia com a parede e tremia tão forte que a viola resoava debaixo do chale que a defendia do máu tempo.

Pobre cigarra! Com certeza vem dos máus tratos da formiga avara e, como viu luz em minha casa, atreveu-se por ella. Sempre ha de haver por ali alguma sobra do jantar e Cigarra em qualquer canto arranja-se. Ficará na cosinha, seccando as azas ao calor do fogão e, de manhan,

se houver sol, pagará largamente a esmola que lhe faço, cantando uma aria de estio no meu jardim.

Chamei a bohemia. Ella sahiu da sombra, e, chegando á porta, desabou a meus pés, agarrando-se-me aos joelhos, a pedir, com voz de pranto, que a salvasse.

Levantei o insecto lyrico, fil-o entrar para a copa e o meu espanto subiu de ponto quando, á claridade, descobri que o bichinho celebre, sob o disfarce do traço feminino, trazia umas botarronas de sete leguas e barbas florestaes.

Suspeitando que se tratava de rebuço criminoso — e elles são tantos agora, e cada qual mais exquisito — puz-me em guarda e, em voz imperativa, intimei o estranho hospede nocturno a declarar-se.

— Ah! meu senhor... Pois não me reconhece? Então, baixando o bioco, appareceu, a

meus olhos assombrados, o carão cabelludo de Sebastião Cutúba, meu compadre.

— Que é isto, Sebastião?! Que quer dizer tal fantasia? Porque vens com os vestidos da comadre e com essa viola?

— Deixe-me, compadre. Aqui onde me vê sou um homem perdido. Metteram-me taes coisas na cabeça que não sei como ainda me ficou migalha de tino para vir, com esta noite d'agua, desde os cafundós da Real Grandeza até aqui. E estou arranjado para o resto da vida. Minha pobre mulher! Meus queridos filhinhos!

E Sebastião rompeu em pranto, arrancado de soluços. As lagrimas rolavam-lhe pelas barbas como as cordas das chuvas pela folhagem das arvores, lá fóra. Deixei-o liquidar a angustia e, quando o vi mais calmo, interroguei-o.

— Então que ha? Fala.

— Imagine o compadre que me convidaram para uma revolução. . .

— A ti!?

— A mim. E' para que o senhor veja. A mim! O senhor, que me conhece bem, sabe que sou um cidadão pacato, incapaz de matar uma mosca. Mas, que quer? é a minha cara, são estas barbas. Quem vê barbas não vê coração. Todos me julgam uma fêra, um homem sem entranhas, antes fosse porque, ao menos, não estaria a soffrer com as colicas em que me torço. Esta apparencia de judeu de cartilha já me tem arranjado boas. A peor, porém, foi esta de agora.

Imagine o compadre que me appareceu lá em casa um moço pedindo para falar-me em particular. Era coisa grave, dizia elle. Eu vi logo que se tratava das minhas barbas. Mandeí Carolina lá para dentro e toquei a criançada, fechando a porta. O moço, então, falou-me, mais ou menos assim:

“Cidadão Cutúba, eu sei que você luta com as maiores difficuldades para viver. Sei que pediu

um lugar de fiscal e não conseguiu. Sei que andou trabalhando para arranjar-se no Ministerio da Agricultura e perdeu tempo e dinheiro. Sei que está alcançado nos alugueis da casa e que o homem da venda já não lhe fia uma caixa de phosphoros. Conheço a sua vida e conheço a sua virtude. Venho propôr-lhe a fortuna e, com ella, a salvação da Patria. Ouça. Nós somos ali uns tantos patriotas, gente disposta a tudo, por amor do Brasil. A nossa querida Republica vai á garra. Não ha terra mais rica do que a nossa nem ha outra mais miseravel: Porque? Eu respondi: "Não sei". O moço continuou: Porque não tem governo. Pois bem, se este é o mal corrijamol-o, sacrificando-nos pela Patria, sabe como?

—Trabalhando.

—Qual trabalhando. Os povos fortes não progridem com o trabalho, progridem com as revoluções. Lembre-se da França. Que era a França

antes de 89? um feudo da tyrannia. 89 foi a redempção, foi o progresso, foi a queda da Bastilha, foi a Marselheza, foi tudo. Inaugurou-se o governo do povo pelo povo, e a França... ahi está, não é verdade?

— E' sim, senhor.

— Pois eu venho propor-lhe o seguinte. O cidadão é um descendente de heroes, pois bem: é preciso não desmentir a sua origem. E de que modo o fará? muito simplesmente: sahindo conosco a campo na hora, sobre todas magnifica, da redempção da patria.

Ah! meu compadre... foi o diabo! A ambição fez-me perder a cabeça. Elle disse que se a revolução vencesse eu seria nomeado ministro da fazenda, com casa em Botafogo, automovel, não sei quantos contos de réis... uma fortuna! E ficaríamos donos de tudo, correndo essa gentinha toda da administração da Republica como quem varre um monte de lixo.

Eu pensei em Carolina e nos pequenos, coitadinhos! e naquella mesma hora nomeei todo o meu povo, menos a Zúza porque ainda mama, os outros todos tiveram o seu quinhão... e gordo. Para Carolina arranjei uma agencia do correio. A ambição, meu compadre... a ambição!... Mas, ainda assim, para ser franco, eu disse ao moço:

— Olhe, escute, eu gosto de dizer a verdade. O senhor não acha que ministro da Fazenda é muito? Eu leio mal e a minha letra é um garrancho. Elle sorriu e falou:

— Meu amigo, leia "*Os cavalleiros*" do Christovão.

— De Aristophanes, emendei.

— Isso, isso... "*Os cavalleiros*" de Aristophanes, ajuntando que os cavalléiros eram o Evangelho da revolução. Eu não li, mesmo porque não gosto de metter-me em cavallarias altas. Fiei-me nas promessas do moço e comprometti-me a

ir á reunião marcada para hoje e, como elle me disse que fosse disfarçado, vesti-me assim, apanhei a viola e toquei-me, debaixo de chuva, para a Real Grandeza.

Ia justamente chegando ao ponto quando vi a policia. Do moço, nem sombra. Virei nos calcanhares e aqui estou. Só peço a Deus que não me tenham reconhecido. Imagine o compadre que eu tenho a promessa de um lugar de "mata-mosquito" e se a policia descobre que andei mettido nas taes cavallarias...

—Mas compadre, você que é um homem de juizo, não viu logo que isso de lhe offercerem a pasta da Fazenda era um absurdo?...

—Sim, meu compadre, eu vi, tanto que disse ao moço... mas que quer? Ambição é o diabo! Eu pensei no Thesouro, no automovel... Não disse mais o coitado porque entrou a espirrar e, depois de uns dez minutos de estrondos, suspirou

esmoncando-se. E, ainda por cima, apanhei um resfriamento damnado. Além de queda, coice. E o meu lugar de mata-mosquitos...

—Entre, compadre. Tire do corpo essas mandulagens, tome uma chicara de café e juízo. A melhor revolução, para um pai de família, é viver na sua casa em paz com a mulher e os filhos.

E Sebastião Cutúba concordou espirrando tonitruosamente com a pitada que trazia da noite tempestuosa.

344 NA SERRA 359



346 359

De madrugada, na serra. Nevoa. As  
aguas roncam nos carcavões. O arvo-  
redo desfolhado tiritita ao vento. In-  
crustações de neve brilham nas rochas  
altas. Ouve-se, a espaços, o som de  
um sino. Uma zágala, moça e linda.  
cantaróla catando hervas á beira de  
uma torrente. No caminho que vai  
para as cumiadas, por voltas esca-  
brosas, eriçadas d'urze, trepa, aos  
arrancos, firmande-se ao cajado, um  
robusto pastor.

### A ZAGALA

**E**H! homem... Detem-te! Que vais tu a  
correr por esses fraguados sem gado? Que  
pressa levas! Tens gente á morte no casal ou  
foi-se-te alguma ovelha por esses algares fóra?  
Lobo...?

O PASTOR, *do alto do caminho:*

Peior!

A ZAGALA *esgazada:*

Peior que lobo!? (*Pondo-se a prumo, de mãos á cinta, encarada no pastor:*) E' então verdade o que lá contam as velhas nos serões...?

O PASTOR

Que contam as velhas?

A ZAGALA, *com mysterio:*

Que appareceram rastros cabrums na neve, rastros de bicho que se não amalha em fato, que os não ha de tal porte. (*Em voz mais baixa:*) Rastros do bodé negro, entendes? do mafarrico.

O PASTOR, *sorrindo com indifferença:*

O mafarrico... Deixa-o lá! Se elle anda por aqui é que vem fugido dos homens, o coitado!

A ZAGALA, *espantada*:

Hein? Como dizes? Faz-te pena o arrenegado?! Mal de ti que elle é capaz de sahir-te pela voz que assim lhe dás do coração. Toma tento! (*Vilando-o com os olhos cheios de desconfiança*.) Terás por acaso, assignado pacto de bruxo, ahi por esses pinhaes em noite aziaga? Sempre trazes uns modos...

O PASTOR, *aproximando-se da zagala*:

Ouve, rapariga...

A ZAGALA, *evitando-o*:

Não te chegues, que até já me fede a enxofre. Cruzes! (*Persigna-se*) Pr'o que lhe havia de dar...

O PASTOR, *docemente*:

Ouve. Vives na serra, o teu mundo é cá em cima, entre pedrouços forrados de neve ou cobertos de flores. Que sabes tu da vida?

A ZAGALA, *desnalgando-se*:

Que sei? O mesmo que tu, que sabês tanto como aquella arvéloa que ali vai. E ha quem saiba da vida mais do que se vê entre o nascer e o morrer? Ora pr'ó que lhe havia de dar!

O PASTOR

Vês o céu?

A ZAGALA

Se o vejo!? Pois não está elle aqui por cima de nós...?

O PASTOR

E como o vês?

A ZAGALA

Aqui por cima azul, ali pelos visos altos coberto de lan branca e lá nos longes vermelho...

O PASTOR

Côr de sangue. E por que?

A ZAGALA, *d'olhos no céu, sorrindo:*

E' o sol novo que não tarda. E' a primavera que está por dias.

O PASTOR, *tristemente:*

Sol novo! Primavera! Has de vêr o teu sol surgir dali, não em dias doirados, mas boiando em sangue; não para amadurecer o pão nem para dar gosto ao vinho, mas para queimar searas, cepas e olivedos, trasmaliâr rebanhos...

A ZAGALA, *amuada:*

Que falas de agouro, homem! A modo que ensandeceste.

O PASTOR

Ouve. Tens ovelhas a teu cuidado?

A ZAGALA

Não. Vim por umas hervas. Deixei o rebanho na curriça. Vim só. Mas então...

## O PASTOR

Sabes ler?

## A ZAGAIA

Deus me livre! (*Persigna-se.*)

## O PASTOR

Deus te livre... Por que?

## A ZAGAIA

Sempre ouvi dizer que as letras mettêm nos pelos olhos dentro, até a alma, todos os peccados mortaes. E algumas ha que são mesmo do feitio dos chavelhos do Barzebú, mal comparando: Deus me livre!

## O PASTOR

Pobre de ti! Pois eu leio e quem me ensinou a ler, vê lá! foi o senhor cura, na sacristia da igreja, pertinho da cruz de Nosso Senhor e de frente da Virgem das Dôres. Fez essa obra de

misericórdia para que eu tivesse companhia na solidão da serra.

A ZAGALA

E lê's?

O PASTOR

Leio. E trago sempre commigo um livro e agora jornaes, que me dá o senhor cura.

A ZAGALA

E que são jornaes...?

O PASTOR

São folhas de um livro que não tem fim.

A ZAGALA

E que lê's tu nessas folhas?

O PASTOR

Noticias da guerra.

A ZAGALA

Guerra! Onde?

## O PASTOR

Em todo o mundo.

## A ZAGALA

Ah! Está então explicada a côr do sol. Ainda hontem, á noite, vi estrellas que eram como gottas de sangue. E quem faz a guerra?

## O PASTOR

Homens.

A ZAGALA, *rindo*:

Até ahí... Muito me havia eu de espantar se me dísesses que eram lobos.

## O PASTOR

Homens que se dizem enviados de Deus e trazem missão de pôr ordem no mundo.

## A ZAGALA

Então devem ser como os apóstolos, que levavam a cruz.

## O PASTOR

A cruz...! A cruz elles derrubam-na á bala e passam a cavallo por cima das imagens.

## A ZAGALA

Ai! os excommungados!

## O PASTOR

Incendeiam as igrejas, profanam os cemiterios, fuzilam os sacerdotes e as freiras, cortam as mãos ás crianças, retalham os seios ás virgens, deshonram as mulheres, ateam fogo aos palheiros, onde se escondem os velhinhos que não podem fugir. Cidades por onde passam ficam em montões de cinzas. Os sinos sagrados, elles tiram-nos das torres e fundem-nos em balas.

A ZAGALA, *assòmbrada*:

Então são demonios sahidos das profundas.  
Ai! os rastos cabrums...! E por onde andam?

## O PASTOR

Por toda a parte: mettidos em covas, na terra, no fundo dos mares, no ar, e, quando marcham, levam adiante uma nuvem que mata.

## A ZAGALA

Cruzes! Mas são demonios, homem! E Deus? Por que não se fazem preces nas igrejas para esconjural-os?

O PASTOR, *presago*:

Não ha de ser com preces que o mundo se livrará delles, mas com o ferro e com o fogo. Quando elles aqui chegarem...

A ZAGALA, *altiva, com os olhos flammejantes*:

Aqui!

## O PASTOR

E por que não? se já nos declararam guerra...

A ZAGALA, *apontando a terra*:

Aqui! Ah! não... Isso não... E tu ias...?

## O PASTOR

La por esses cardenhos da serra dar aviso aos pastores para que se armem e façam como fizeram os antigos, antes dos reis, quando o cajado era o sceptro e o gabão manto real.

A ZAGALA, *heroica*:

Pois vai! Não percas tempo! E eu corro á aldeia, a avisar as mulheres.

## O PASTOR

Já sabem e estão todas a postos: As mãis armam os filhos, as esposas animam os maridos e as noivas sorriem aos noivos contentes de os verem dispostos para a lucta. O senhor cura...

A ZAGALA, *baixando os olhos tristemente*:

Ah! esse... Se elle viesse connosco... santo como elle é...

## O PASTOR

E porque não ha de vir? Os portuguezes remoçam no campo de batalha.

## A ZAGALA

Não é por elle ser velho que falo, que outros, mais velhos, tenho-os eu visto a braços com o lobo. Nem o queremos para pelejar... Para vencermos bastará que elle nos mostre o caminho da victoria, apontando-nol-o com a sua benção. Mas tu bem sabes que elle, depois da revolução, disse que já não tinha mais que fazer entre os homens e ia apenas pensar em Deus.

## O PASTOR

Comprehendo. Mas agora não se trata de partidos. Quem está em perigo é Portugal, são os montes e as campinas, são os nossos pequeninos e os nossos velhos, são as nossas igrejas e as nossas granjas, são as arvores e são as aguas, é tudo que vive commosco, tudo que nos cerca, que nos deu gloria e nos dá vida, é a terra mãe.

A ZAGALA, *extasiada*:

A terra mãe!

## O PASTOR

Que nos importa que, depois da morte dum, ella se tenha casado com outro? é sempre a Patria a mãe de todos, pois não é? .

A ZAGALA, *em enlevo:*

A mãe de todos... E'. (*O sino sôa docemente no fundo do valle. Abre-se o sol.*) Ouves? (*Com lagrimas nos olhos:*) E' a igreja que chama por nós. E' o senhor cura. Vai, fala aos pastores. Todos de pé. Guerra ao lobo! O nosso Portugal! O nosso Portugal! Vai! Deus te acompanhe... (*Atira-se pelos caminhos humidos e pedrentos da serra, attrahida pelo som do sino, ao longe. O pastor galga os penhascos e perde-se no silvedo.*)



361 O SANEADOR 373  
Oswaldo Cruz

363 373

**E**RAM os passaros do Stymphalo aves sagittarias que, á maneira do ouriço, que arremessa do corpo os aculeos que o empalitam, lançavam de si as pennas como frechas e, tão certeiras partiam ellas dessas vivas aljavas, que não erravam o alvo e tantas sibilavam, afuzilando o ar, quantas eram as victimas que rolavam por terra escabujando.

Era o sitio em que ~~Arés~~ as ajuntava valle sombrio e aspero, alcantilado de rochas ferrugineas, reticulado de aguas turvas e tão insalubre que nem rans coaxavam nos seus marneis, nem viboras colubreavam nos seus juncaes.

Das ~~chanfras~~ pedregosas, dos lesins dos penhascos surdiam tiges seccas e, entre pedrouços negros, cardos

convulsos retorciam os troncos abertos em pustulas espinhentas.

Quem, por ignorancia ou erro de caminho, descia á tal paragem era logo varado a plumas; os proprios pastores, correndo a alguma ovelha desgarrada, se passavam no dorso do penedio, não escapavam aos dardos mortaes. E a região era lugubre, tresandando a carniça e coberta de ossadas núas, porque as aves, mal faziam cahir um passageiro, logo se lhe atiravam em cima ás bicadas vorazes, aos arranques de garras e uma fugia com um tassalho, outra ficava espostrando ou esfuracando as orbitas, quando não deventrava o corpo partiudo, aos pinchos, com as bandounas de rasto, para cevar-se na lura.

Onde quer que pousassem logo se fazia o deserto e quem, por mais atrevimento ou apêgo á terra, teimava em permanecer no sitio inficcionado pela migração lethal, não resistia muito tempo, porque uma penna, mandada a fito ou transviada, logo o atravessava, e a morte era infallivel.

Caçadores não se atreviam a medir-se com os monstros e os mais temerarios, se os viam em ronda no espaço, com atitos de voracidade, refugiavam-se, a tremer, em lapas, abalsavam-se á breuha e, enquanto pairava o perigo, mantinham-se escondidos, certos de que não lhes valeria a destreza do tiro contra inimigos taes.

Só um heróe, de estirpe olympica, poderia salir em tal empresa e esse foi Hérakles, cujos trabalhos, tantos como as horas solares, são glorias de um tempo em que o homem tinha na natureza indomada inimiga cruel, porque tudo nella era insidia: a luz, a agua, o ar, a flôr, o fruto e os animaes, inclusive esses mesmos que vivem no azul, que se arremessavam, de azas colhidas, estalando os bicos, retrahindo as grifas, cahindo, com ferocidade, sobre as tribus e sobre os rebauhos.

Hérakles, que andava pela terra, acobertado com a pelle do leão, a maça argiva ao hombro, não se arreceu de enfrentar os passaros hediondos e tal

matança nelles fez que o valle ficou immensa cócedra de plumas e, onde tresandara a podridão, abrolharam flôres trescalantes, as aguas turvadas de sangue correram limpidas e, com a noticia da victoria herakleana, desceram dos montes os pastores, espalharam-se gados pelas encostas, edificaram-se palhiços, semearam-se chãos, erigiram-se hermas votivas, ardeu lume, subiu nos ares o fumo azul, ladrou o cão familiar e o antigo quartel das aves carniceiras transformou-se em leziria e em trigal, com a bucolica dos armentios e as vozes alegres dos segadores.

Mais temerosa do que o valle do ~~Symphalo~~ era a capital da Republica antes do apparecimento desse homem que os antigos teriam consagrado, escondendo-lhe a morte em apotheose para manter-lhe o prestigio divino: ~~Oswaldo Cruz~~.

Desde moço, como se o Tempo o houvesse coroadado, começaram a embranquecêr-lhe os cabellos, aureolando-lhe a cabeça pensadora e ardente á maneira da neve nos vulcões e, calado, sisudo, retrahido, pas-

sando na academia sem alarde, só na sua these deixou transluzir o fulgor do incendio em que lhe ardia o craneo.

Formando-se, sahiu para o recolhimento, no mesmo passo timido e modesto com que entrava nas aulas, ancioso por vel-as findas para encerrar-se no laboratorio.

Não era um medico para a clinica avulsa, para chamados a domicilio e exames individuaes no consultorio —era como um deus predestinado a prodigios. O seu beneficio, como os de Jesus, devia estender-se a multidões em milagres. O seu enfermo chamava-se: Legião.

Elle não procurava o mal no doente, mas no meio tellurico. Em vez de demorar-se sobre o effeito, tratava de pesquisar a causa. Não se preocupava com a frecha cravada na victima, mas com o archeiro que a desferira e foi assim que descobriu esse minusculo epigono dos passaros do Stymphalo, o mosquito, ridiculo vibrião das aguas, gerando-se aos

milhões nos pantanos, proliferando prodigiosamente nas calhas, reproduzindo-se, ás myriadas, nas poças, bastando uma esquecida gotta d'agua para berço de eixames, e estudou-o, achando-lhe na tromba o veneno que infiltrava no sangue o virus da peste que, ao relumbrar do verão, assolava a cidade.

Soube alguém dos estudos que fazia caladamente o solitario e suggeriu ao governo a idéa de o chamar para a direcção do serviço de Hygiene, afim de que elle realisasse o seu grande sonho de philantropia. E assim se fez.

E o moço austero, da tempera de Lycurgo, appareceu impoudo leis de salvação publica, receitando para o paiz a formula da vida.

Pareceu ao povo, sempre insubordinado, que as medidas propostas pelo sabio eram arbitrarias e violadoras do lar: uns, achavam-nas ridiculas, outros vexatorias e levantaram-se amotinadas vozes de protesto, bairros inteiros insurgiram-se e os primeiros auxiliares do formidavel combatente tiveram de recuar

ante ameaças, negando-se-lhes entrada nas casas e, quando appareciam com osapparelhos, eram vaiados em grita, apedrejados e, não raro, intimados, com violencia, a retroceder.

O povo não comprehendia que taes homens pudessem fazer o bem que annunciavam, pois em vez de medicos, que se encarregassem dos febreentos, andavam aquelles *brigadeiros* marinhando nos telhados, sellando caixas d'agua, limpando gárgulas, enxugando sargetas, dissecando marnotas, espalhando désinfectantes corrosivos onde viam poças, prohibindo lavadouros na cidade e hortas com azequias e cacimbas, estabulos sem aceio. Mas pouco a pouco, cumprindo-se, ainda que á virga ferrea, taes preceitos, foi a febre declinando e, no anno seguinte, o annunciado milagre realisou-se.

Foi um anno canicular, o sol ardeu em incendio, a cidade, revolvida nas suas entranhas pela picareta que a reformava, ameaçava como um immenso fóco deleterio e não se registou um só caso de febre amarella.

A endemia desapareceu com o encarniçado combate ao *culex* e o sabio sahiu da penumbra em que lhe era grato viver sempre inclinado sobre o microscopio, a ver o invisivel, para a gloria radiosa e retumbante e o seu nome fez a volta do mundo, não como o de um simples medico, mas como o de um saneador da estirpe heroica de Hérakles, que limpava regiões com a sua força benefica.

Esse homem, tão cedo roubado á Humanidade, era uma das mais puras glorias brasileiras e uma affirmação do poder da sciencia e do prodigio da vontade.

A nova cidade surgia da sordicie colonial como uma flôr da estrumeira. Arrasavam-se baiúcas, demoliam-se pocilgas, o pó toldava o ambiente; as ruas eram entulhos e vallados. Aqui, era um esguicho d'agua que jorrava denunciando cursos subterraneos nunca suspeitados, ali escavava-se sinuosa uma galeria humida. A's vezes, vinham ossos nas pás dos cavadores e os fomiculas, descobertos, rastejavam, colleavam tontos, deslumbrados com a claridade. Era

como uma exumação colossal, o revolvimento de uma necrópole.

Appareciam vastidões cobertas de muradaes, trechos extensos de ruinação, ruas inteiras arrasadas e, por toda a parte, eram vallas para fundamentos. E já subiam andaimes embrechados e pouco a pouco, abertas as avenidas, foram-se debruando de casas nobres e a cidade vetusta desapparecia aos poucos, não só nos edificios como no retraço da topographia, surgindo no seu terreno outra mais ampla, mais arejada e mais bella, feita para uma geração que não trazia bioco nem rezava por contas, geração sadia e forte, adestrada na arena e nas aguas, como a dos athletas celebrados por Pindaro.

Essa transformação, que aformoseava a cidade solar, seria inutil se o sabio não tivesse nella colaborado com o favor de Hygia, livrando-a do flagello que a malsinava.

Esse homem levantou o Brasil, fez nelle o que fizeram heróes e santos em regiões assoladas por

monstros: Tristão na Cornualha, Santa Martha na Provença.

E' o heróe maximo, o eponymo maior da cidade e, como tal, deve ser levantado em effigie para que lhe prestem o culto civico as gerações vindouras.

E para maior gloria, além da campanha que o notabilisou, deixou elle o instituto de seu nome, em Manguinhos, seminario onde os discipulos do seu grande espirito continuam a sua obra de saneamento e onde o governo foi buscar o seu successor, outro benedictino da sciencia, o dr. Carlos Chagas.

Era o Rio uma paizagem maravilhosa que o estrangeiro contemplava de longe, enlevado, mas estarrecido de medo, porque sabia que sob as frondes das suas arvores lustrosas, na limpidez das suas aguas murmurantes, no velludo verde das suas colinas, no ceruleo dos seus montes, na sua luz dourada, no seu ar balsamico, em toda a parte e em tudo, andava o fluido mortal da peste. Era o paraiso da morte e, mal as cigarras começavam a reclinhar nos

ramos, annunciando os dias deslumbrantes, o terror espalhava-se com a certeza da inevitavel erupção da calamidade estiva. E o luto contrastava com o fulgor dos dias — as sombras, ao sol esplendido, eram lugentes e contristavam e cada vez crescia mais a celebridade lugubre da formosa capital americana, princeza nefasta das aguas verdes.

Feito o milagre, depressa foram esquecidos esses dias tragicos, e, pouco a pouco, entraram os legisladores a reduzir a guarda da cidade, a esquecer a sua defesa, entregando-a, de novo, ao flagello de outróra.

Agora, então, que é morto o grande homem... ai! de nós!

Terá o seu successor energia bastante para continuar a defender a maravilha ameaçada pelo ridiculo epigono dos passaros que Hérakles matou a frechas no valle merencoreo do Stymphalo? E' possivel, mas que se não demore em sahir a campo, porque e *culex* ali está azucrinando-nos com a sua zoada o ameaçando-nos com o seu ferrão hervado no veneno dos tremedaes.

375 D. A. V. G. (\*)

---

(\*) Deutsche Abfall Verwertungs Gesellschaft.



377 387

  O mar, que era bonança, crispa-se sob a quilha da nave. Não sopra a mais leve bafagem, o céu rebrilha em sól. É porque se encristam vagas borbulhando em fervedouro? Que força as subleva e acachôa? Porque se assanha assim o mar? Não o agita borrasca nem espadanam nas suas profundas barbatanas de monstros para que se revolte e encrespe em macaréus tão altos.

Tal insurreição é de ~~asco~~. É um arripio, de repugnancia que assim arrufa o praino ao sentir-se contaminado pelo navio sahido do estaleiro lugubre da morte,

É ~~Nagelfare~~ que avança, balouçado no tremor das aguas; ~~Nagelfare~~, o navio escamoso, feito de

unhas de mortos. Todo elle é desse imbricado, desde a quilha até a ponta dos mastros.

Para realizar tão execranda fabrica tiveram os gigantes de profanar hartas sepulturas e, quando a viram prompta, impelliram-na na «carreira» lubrificada a íchor, e o mar recebeu-a com um estremecimento de nojo, arrevesando á praia um vomito de espumas.

Quem te puzera, Nagelfare, na róta da nau Argos, veria o contraste nefando do genio de um povo merencoreo e de chacina com a criação poetica dos helladios, filhos do sol; comprehenderia, de golpe, a differença radical que existe entre os povos das duas raças — a de Relasgo e a de Wodan: um, navegando sombriamente para carnagens, outro seguindo, ao som dos carmes orphicos, em demanda de Colchos, a aurifera.

Nagelfare! De que poderia ser feito o massame de tal navio senão de nervos retorcidós em

cordoalha? De que poderiam ser feitas as suas velas senão de pelle de mortos?

Nagelfare não é uma fantasia de espirito doente, como o «Narrenschiff», de Sebastião Brandt. Quem o quizer ver entre na Edda e lá o encontrará com os seus gigantescos tripulantes: Hrymur e Surtur, o gelo e o fogo e ainda Loke, o demonio que os deuses, por vingança, prenderam na floresta das serpentes, amarrando-o a uma arvore com os intestinos do proprio filho.

Comparai Nagelfare com a barca de Charonte e, ainda que esta ultima singre, carregada de almas dolentes, pelas aguas luridas do stygio, ha de parecer-vos, á vista do primeiro, uma galera festiva.

Acreditavam os germanos que haviam culminado no horrivel com que pretendiam impor o seu dominio brutal ao mundo, eis, porém, que os seus descendentes, que investiram com a Humanidade em arranque de excidio, vão além do «Nec plus ultra!».

É a herança dos germanos florestaes ali está medrando em vilita e em crueza para mácula do nosso tempo e eterno estygma de uma raça, que se annunciava como portadora da luz e guia da Civilisação.

Em verdade, que valem os cascos truculentos dos guerreiros de Tuiisto comparados ao «kolbach» dos Hussards da Morte? Que figura faria Thor com o seu martello ao lado do kaiser escarranchado em um dos seus canhões? O proprio Tóke desapareceria se o emparelhassemos com qualquer dos generaes que desmanotam crianças, cerceando a possibilidade de vingança pela mutilação da flor dos povos ultrajados.

Nagelfare, o navio feito de unhas, esse mesmo, é um brinquedo infantil opposto a essa fuliginosa e putrida officina de Gerolstein, da qual nos deu noticia um telegramma, onde são aproveitados os cadaveres para fins industriaes.

A Allemanha tem o peito blindado, é uma amazonia mais cruel do que as da Cappadocia, que mutilavam o seio direito para melhor ajustar o arco, porque extirpou o coração para libertar-se do sentimento.

Gerólstein é uma officina que seria tétrica no Inferno. Dante não a concebeu e se a Musa lemurica, que o visitava em Florença, ll'ra houvesse suggerido elle a teria, de certo, repulsado com indignação e nojo.

Os ~~allemaes~~ allemaes acceitaram a torpissima inspiração e não hesitaram em a pôr por obra. Lançaram acções, reuniram grossos capitaes levantando com elles a infame officina, que lembra os estabelecimentos funéreos do antigo Egipto, relegados no bairro chamado Memnonia, onde trabalhavam, dia e noite, os fabricantes de mumias.

Na terra pharaonica os embalsamadores, «tari-cheutas» e «paraschitas», depois de lavarem o corpo que lhes era entregue, d'elle extrahiam o

cerebro e as entranhas, recheando-o de essencias aromaticas. Depois submettiam o cadaver a uma como indumentação, substituiam-lhe os olhos por outros de esmalte, douravam-lhe as unhas, carminavam-lhe as faces, procurando, tanto quanto possível, embellezar a Morte. Isto feito, encerravam o corpo em um estojo, em cuja tampa desenhavam episodios biographicos ou inscreviam orações aos deuses.

Era ó culto da morte, a eternisação do ephemero, o estágio do transitorio. O cadaver tornava-se assim uma reliquia e o Egypto era como um imperio de dois pavimentos, sendo o primeiro a Necropole, estancia dos mortos, onde assisti o passado, e o segundo a côrte dos vivos, superficie agitada.

Em Gerolstein, a Memnonia germanica, não ha embalsamadores — ha chimicos; não ha sarcophagos, ha caldeirões; não ha hypogeus, ha fornos.

Arrogante Germania de Hertha, que valem os teus deuses sanguinarios, que valem os teus heróes cervaes comparados aos sicarios do Estado-Maior do kaiser, e aos corvos que acompanham os seus exercitos? Na mythologia dos teus antepassados, ó gente férrea, as walkirias baixam os seus ginetes carniceiros sobre os campos de batalha, recolhendo os corpos mutilados dos guerreiros e, remontando desabridamente ás nuvens ferrugineas, com elles á garúpa, entram, aos gritos, pelo Walhala onde os mortos, resuscitando, logo encontram armas e adversarios a combater e rios de hydromel correndo espumosamente.

As walkirias, da « Kultur » são mais praticas. Fazendo a colheita de cadaveres nos campos e nas trincheiras enfarda-os e atira-os, ás pilhas, nos wagons de carga, mais expeditos do que os corceis aereos, guiando para Gerolstein, onde operarios nauseabundos, mascarados e com garfos como os dos demonios que tripudiam o « sabbat » no Harz,

na noite de Walpurgis, retiram o carregamento fétido para caldeirões que refervem. E os regimentos do kaiser, por uma metempsychose macabra, resurgem em varias transformações.

O! Shakespeare, como agora parecem mesquinhas, até ridiculas, as tuas feiticeiras, as tres velhas bruxas que Macbeth consulta, diante da «Kolossal» empresa teutonica! Ella segue os exercitos, comó Ruth acompanhava os segadores no campo de Booz, não para apanhar as espigas que caíam das gavellas, mas para recolher toda a ceifa, aproveitando-a no seu moinho.

Que importa que a artilharia arrase divisões inteiras se toda essa mortualha será aproveitada pelos chimicos no abhorrido laboratorio! Eis como a Allemanha paga aos seus filhos o sacrificio de sangue, eis como a Allemanha glorifica os defensores do seu pavilhão vulturino, as victimas da sua ambição rapace e do seu desmedido orgulho, os ilótas da terra de Essen, cuja poeira é

feita de limalha de aço: reduzindo-os á stearina, para velas; á graxa para lubrificantes; a oleo para sabão; á farinha de ossos para engorda de porcos e á glycerina para explosivos, conforme o testemunho de um consul da propria Allemanha, que affirmou na Suissa, vaidoso da sciencia dos seus patricios, « que os allemães, por meio de processos de distillação, extrahiam dos cadaveres de seus compatriotas a glycerina necessaria á fabricação da nitro-glycerina, e que era assim que elles obtinham parte dos seus explosivos ».

Assim a Allemanha, a grande Hyena, alumia-se com os tumulos: as suas velas ardem na mesma materia que flammeja em fogo fatuo; os comboios allemães correm impellidos por essencia de cada-veres; é com o ádipe dos soldados que a Allemanha ensabôa-se; é com as ossadas que engorda os porcos, que lhes dão as salchichas e os presuntos e ainda, não respeitando o repouso da Morte,

aproveita os defuntos para devovel-os ao inimigo, encerrados em obuzes e em schrapneis, em torpedos e em minas, porque os seus explosivos ainda são restos de soldados. A Allemanha tornou-se, assim, ruminadora, aproveitando, duas vezes, as suas forças.

E' lugubre!

Quem seria capaz de conceber tamanho prodigio de maldade senão o Diabo? E' elle que opera na terra culta de Kant e de Goethe; é talvez, o proprio Mephistopheles o director dessa officina feral, Mephistopheles, que remoçou Fausto, o bar-  
baro, para sacrificar-lhe Gretchen, a doce fiandeira que, na sua roca, sob o docel de um jasmineiro, cantava fiando dias de ouro.

E' Mephistopheles que dirige a Allemanha e que a deprava tripudiando sobre o Evangelho, sobre a Honra, sobre o Direito, sobre todos os principios do Bem, sobre as suas tradições, sobre os seus mortos, emquanto Gretchen desvaria,

conspurcada pelo dr. da Kultur, seu pactuado e protegido.

Afortunadamente as vozes angelicas já comecam a cantar a « Alleluia » dos novos dias. Gretchen, a Humanidade, terá a sua vingança e a sua gloria e Fausto, regressando á vellice, quero dizer: á barbarie, deixará o mundo livre, e para o sempre, da sua presença torpe.

E os sinos soarão alegremente nas torres annunciando a redempção da terra e a resurreição do amor entre os homens.



99 CARTA ÀS SENHORAS 10

894 402

  
 De todas as virtudes activas é a Previdencia a mais avisada. Onde quer que ella assista, por mais tenebrosos que sejam os dias, sempre haverá claridade e ordem e nunca se assentará a Miséria.

Vigilante, como o fogo sagrado, aclara e aquece aos que se lhes acercam e, illuminando á distancia, põe a descoberto qualquer inimigo que se aproxime sorateiramente, rastejando na sombra da traição.

Deve-lhe a Honra a pureza porque, como avista o longinquo e nelle descobre a insidia occulta, guia-a pelos caminhos seguros ainda quem sempre sejam os de apparencia mais grata. Deve-lhe o Somno a segurança, porque não se recolle a Previdencia senão depois de haver cor-

rido todos os cantos da casa, experimentado os ferrolhos, apagado no lar a derradeira brasa.

Deve-lhe o espirito o socego porque não consente a solicita virtude que uma palavra imprudente caia na conversa, servindo ao inimigo de chave para abrir um segredo.

Preserva a Providencia a saude acobertando o corpo para que resista, immune, ás infecções do tempo e ensina a economia com o exemplo da Natureza que, para produzir uma arvore, não requer mais do que uma semente, convertê em seiva as proprias folhas mortas e, para engrossar os rios, aproveita todas as gottas d'agua.

Tal é a cautelosa Virtude que a Mulher deve venerar como padroeira nos dias tremendos que passam, rolando caudaes de sangue, por entre columnas de fogo e fumo.

Não se contenta a guerra com fazer estragos nas batalhas em que se encarniça, nos incendios

que ateia; nas ruínas que amontôa, nos sossobros que suscita, nas victimas innumeraveis de morte e de opprobrio com que assignala a sua passagem, ainda conduz na sua legião a Fome, a Peste, a Loucura, a Violencia, furias que sempre a acompanham e que se cevam no que fica das devastações crudelissimas do ferro e do fogo.

As horas destes dias evangelicos, sahidos do Apocalypse, são tão longas como as daquelle em que o sol, intimado por Josué, pairou sobre Jerichó.

Não ha abreviál-os: que passem como castigo, mas que nos lares bem fechados, enquanto as orações sobem a Deus pela paz, cuidem, as que são responsaveis pelo thesouro da honra e pela manutenção do lume, em salvar taes reliquias para que a Humanidade, abonçado o cataclysmo, prosiga no seu destino no tempo e no espaço, como depois do diluvio a familia eleita desceu no monte, repovoou a terra, fazendo-a lourejar em

searas novas e rumorejar em vozes bucolicas de rebanhos tenros.

Os exercitos combatem sem treguas: a terra, escarvada pelos obuzes, é uma immensa ferida, os mares embuçam perfidias e onde imagina o navegante uma vaga subitamente se desempolha um submarino.

Os proprios ares inflammam-se e deflagram e a Morte irrompe de todos os elementos, como se a guerra seja uma conflagração das forças universaes conspiradas contra a vida.

O homem desertou a casa para defender, não só a Patria, como o Direito, que é o Evangelho da Liberdade.

E' necessario que o lar continue de pé nos seus alicerces para que, á volta da Redempção, os batalhadores encontrem o conforto e tudo que lhes vivia no coração em saudade: o oratorio da crença, o berço dos filhos, a benção dos ve-

lhinhos, a alegria dos adolescentes, as arvores em flor, a mesa servida, e a esposa, como o espirito domestico, de pé no limiar, serena e orgulhosa da sua virtude forte, estendendo os braços para recebê-lo.

Na Europa, onde anda mais accesa a guerra, a mulher, transformando a ternura do coração em energia, substitue o homem em todos os trabalhos rudes e é hoje operaria nas fabricas, conductora de vehiculos, lavradora e pastora, artifice e caixa; faz-se ao mar como pescadora e ainda, mantendo-se na sua natural meiguice, é a enfermeira dos feridos, a respigadora nos campos de batalha, a que agasalha os orphãos, a guia dos cegos, o arrimo dos mutilados, o amparo da velhice, o consolo das viúvas, a defensora das virgens. E é ella ainda que apparece, como a Fortuna, despejando as economias do lar no Thezouro da Patria.

Posto que o nosso céu não se haja ainda tismado com o fumo das explosões nem o seio da terra materna tenha soffrido golpes, já a nossa bandeira se cobriu de luto, já os nossos olhos choraram por patricios sacrificados no mar á sanha do inimigo.

Fiquemos todos de sobreaviso e attentos á Previdencia, acautelando-nos contra as possiveis surpresas da guerra, que nos ronda.

Previnamo-nos e, com os que se batem, cooperemos na medida das nossas forças, que, se quizermos, serão poderosissimas, para dominar o inimigo e salvar-nos, salvando connosco os que se votaram ao martyrio para garantia do Futuro, defesa do Presente e desagravo do Passado.

Dá-nos a terra tudo e fartamente; dá-nos o alimento, o agasalho, o conforto e, se porfiarmos, dar-nos-á a riqueza.

Que nos falta em tanta fertilidade para que

solicitemos de outrem, que já se aperta em penúria, o que aqui superabunda? Vivamos dos nossos recursos, que são copiosos, e não estejamos, por vício, a pedil-os lá fóra, pagando-os em dobro.

Temos na terra a abundância, mas não esbaujemos, contentando-nos com o necessário e o modesto: nem desperdícios de alimentos, nem preocupações de vaidade e tereis razão de orgulhar-vos, senhoras, se, com avisado regimen, obviardes a possíveis leis sumptuarias adiantando-vos, com iniciativa cauta, a intimações dos legisladores. O superfluo, sendo ostentação ridicula no prodigo, é macula de origem suspeita no que não dispõe de meios.

Imponde a economia, agora por necessidade, vós que trazeis as chaves da despensa domestica, e lucraremos todos com a medida, que nos ficará em habito virtuoso.

O tempo é de poupança, de tudo, até de

palavras: não rejeiteis, com mão prodiga, as migalhas e calai prudentemente o que souberdes.

+ O segredo é também uma economia que rende tranquillidade.

Foi respigando em um campo que a moabita ajuntou tres alqueires de cevada e, assentando-se, com honra, na casa de Booz, deu a estirpe divina em que floreceu Jesus.

Economisando, senhoras, teremos sempre o que farte, não só no lar de cada um, como no lar de todos, que é a Patria. E applicando entre nós o dinheiro das nossas compras, beneficiando-nos, beneficiaremos o paiz, que, acordando á nossa voz, se agitará em trabalho fecundo.

A lavoura, compensada pelos lucros, alargará a sua leira, o criador espalhará mais densos armentos e o que ha pequenino depressa engrandecerá. E surgirão usinas para o trato dos metaes e fabricas de mil industrias, desde a do panno

até a do lacticínio; desde a dos moveis, até a dos licores; desde a das ferragens, até a das conservas alimenticias; desde a da louça, até a da seda; desde a das machinas, até a dos confeitos; desde a do vidro, até a da mais apurada ceramica; desde a do papel, até a da renda e os laboratorios expedirão as drogas mais efficazes e as essências mais aromaticas e, ao rumor do trabalho, os capitães, que se retrahem com o terror da guerra, affluirão abundantes e, espalhando-se pelas varias actividades, medrarão como sementeira em sólo virgem e dar-se-á razão ao primeiro chronista da nossa Patria, que, deslumbrado com o achado maravilhoso do navegador feliz, escreveu, com encanto ingenuo: «a terra em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar dar-se-á nella tudo.»

Aproveitemol-a pois, que é tempo e ha muito que ella nos espera.

E não cuidemos de feztas. Cerrem-se os salões,

que as famílias se reunam na intimidade, aproveitando os serões em trabalho suave para o conforto dos seus e ainda em beneficio dos que combatem á neve.

Festas hão de vir e formosas e serão celebradas, sem que as perturbem gemidos, no dia em que, á maneira da arvore do Natal, carregada de offerendas, em cada lar a familia, contente, puder reunir-se em volta de uma oliveira e esse será o dia inicial da nova éra, o dia da Redempção do mundo, com o resurgimento da Paz.

Antes, porém, desse advento desejado, contemhamo-nos em modestia e em silencio, não profanando tumulos de heróes com o riso e o rumor de alegrias inoportunas.

E no dia anciosamente esperado, se observarmos o que ordena a Providencia, veremos, com surpresa feliz, que a guerra terá sido para nós de consequencias beneficas; porque nos terá obrigado

á poupança, fazendo-nos domesticos por necessidade, ensinando-nos a viver do que temos, que é muito, e a desentranhar as riquezas que a terra sempre nos offerecia e que nós, porque não tínhamos olhos para vel-as, tão teimosamente os voltavamos para o estrangeiro, sempre deixamos abandonadas.

E o mundo, ao sahir da catastrophe, nú, mutilado e faminto, encontrará em nossa Patria um jardim de repouso e talvez se cùmpra a prophecia de Emerson, que, profligando a guerra, disse que, «se um dia prevalecerem os verdadeiros principios do Direito e do Bem será na América, formosa e moça, e não no velho continente, arraigado a tradições cruentas, que se ha de reunir o Congresso das Nações para decidir da sorte do mundo no futuro».

E pela magnificencia, pela belleza, pela doçura, pela fertilidade, por tudo que nelle é opulento e acceitoso o paiz da America escolhido para a sole-

mnidade augusta bem poderá ser o nosso. Está em  
nossas mãos preparal-o para tão alto destino.

† Por Deus, pela Humanidade e pela Patria,  
senhoras brasileiras, fazei dos vossos lares templos  
de culto civico nos quaes se exercitem as virtudes  
e vencereis uma formosa batalha, a mais bella dos  
tempos, gloriosa para o vosso sexo e de fortuna  
e honra para o Brasil.

#03 O DIA DAS MÃIS



405-1472

« Por decreto do Congresso Nacional dos Estados Unidos da America do Norte, o segundo domingo de maio de cada anno foi designado para a commemoração do dia consagrado ás mãis. Foi um dever do presidente fazer esta proclamação e pedir a sua observação.

A bandeira deve ser hasteada em todos os edificios publicos e nos lares de todos ou em qualquer outro lugar apropriado. Tambem pode-se exprimir publicamente reverencia e amor para as mãis.

Um bello costume, universalmente observado, é o de usar um cravo cõr de rosa em homenagem ás mãis vivas, e um cravo branco, se forem fallecidas.»

(Dos Jornaes).

s anjos que recolhem as hostias dos sacrificios humanos é que poderiam dizer, se respondessem do céu ás nossas interrogações, o que mais, nestes dias tremendos, têm levado da Terra, nas suas urnas propiciatorias, para offerecer a Deus em oblação pela Paz : se sangue, se lagrimas.

Logo que, com estrondo, ao deflagrar dos obuzes, sou a noticia do desencadeiamento da Guerra, antes que se houvesse aberto a primeira ferida em peito de soldado, já os olhos das mãis choravam doridamente, e, desde a primeira hora em que esses astros, que se inclinam sobre os berços, como a estrella pairou sobre a "crèche" de Bethlém, se mudaram em fontes, que nunca mais, até hoje, cessaram de manar.

A lagrima é o segundo leite com que as mãis nutrem a saudade, espectro do filho morto. Cáhe o guerreiro no campo, esvalhando-se em sangue e, na agonia, enquanto a alma se lhe despede do corpo, recolhendo em si todas as lembranças da vida, o moribundo repassa a existencia, desde os dias suaves e innocentes da travessa infancia, até a hora triste do adeus ao lar, a caminho da carnificina, e vê a figura dolorosa da que ficou acenando o adeus para o sempre, porque o presentimento dizia-lhe que o não tornaria a ver—e, aos poucos, desfallecendo, estira-se na terra e expira. E os olhos maternas ficam chorando—tristes feridas

que se não fecham!—e quanto mais se alonga o tempo mais augmenta a saudade e por ella, como os rios em varzea, as lagrimas transbordam.

Os tûmulos não sangram, os olhos, esses, ai! delles, continuam à defluir.

Os que não pagaram á Guerra o tributo de uma vida adorada aneiam, com egoismo, pela Paz, para que nella, alfin, repousem, alliviados do pesadello horrendo do saque e do morticinio, do incendio e das mil violencias com que as erynnias andam a profanar o Tempo.

Pelas mãis orfans, pelas que ficaram sós, pelas que ahi jazem tristes. como será recebida a Paz: Como um bem desejado ou como uma ironia?

Como responderá a deusa serena ás mãis desoladas, que lhe pedirem noticia dos filhos? Dirá que os traz consigo, porque, assim como a planta viçosa é a semente gerada no humus da terra com a rega das chuvas, o sopro das auras e o calor do sol, ella é o proprio amor sempre vivo, immanente no coração do homem,

porque é alma, resurgindo da crueza, irradiando da catastrophe, fecundado pela sangueira das batalhas, bafejado pelos suspiros da saudade e pelos soluços da agonia e, finalmente, animado pela Bondade, que é como o sol, que vivifica e aquece, abrindo-se em esplendor de concordia no mundo.

E ficarão as mãis consoladas com a bemaventurança da Terra, ellas, as infelizes, que nem sequer poderão levar a sua prece ao tumulo querido dos que cahiram no tumulto e foram enterrados, sem indicação alguma, como sementeira no alfôbre?

Pobres mãis! Ellas é que são, em verdade, as heroínas, as martyres obscuras, as abnegadas servidoras da Patria, porque, mais do que o corpo, deram-lhe a alma no amor dos filhos.

Maria acompanhou Jesus em todos os transe dolorosos: seguiu-o, na turba, atravéz das ruas de Jerusalém, subiu com elle ao Calvario, viu despirem-n'o com affronta, pregarem-n'o no madeiro com crueldade, alçarem-no entre os ladrões com escarneo. Ouviu-lhe

o clamor da sêde e a debil, esvalhada rendição do espirito; viu a cabeça descahir-lhe molle sobre o hombro, cerrarem-se-lhe as palpebras, afundar-se-lhe o ventre e, calada, contemplou-o longamente, o seu meigo Jesus, estatelado na morte.

Quando o desceram do poste infamante, tomou-o ao collo e o "Stabat" recordou-lhe a noite de Bethlém, quando aquelle mesmo corpo, então pequenino e tenro e a trescalar aromas do Paraiso, agitava-se graciosamente nas palhas do presepe, bafejado pelo boi e vigiado pela estrella.

Assim, a angustia da "Dolorosa" teve, ao menos, a consolação da presença do corpo do Filho amado e, quando o levaram piedosamente a enterrar, ella arrasou-se no sequito, com a marcha funebre dos seus soluços, viu abrir-se o tumulo, ajudou as mulheres a espalharem os arómatas e, até cerrar-se a lapide, ali esteve perto do Filho, agarrada a elle como a raiz á arvore fendida.

E que consolo resta a<sup>o</sup> essas mãis que, no silencio

da noite algida, de joelhos, mãos postas, rezam pelos filhos distantes, onde? vão lá saber! no gelo das montanhas, no lodo das trincheiras, nas ruínas de algum templo, vivos ainda ou mortos, sem sepultura, abandonados aos abutres e aos cães no fundo de um vallo, como ficam nos algares as ovelhas que se despenham dos pincares, estraçalhando-se nas arestas do penedio? Pobres mãis!

A sepultura é um lar, cujo senhorio é Deus.

Os que caem nos campos da guerra são como os nomades que o simun envolve em bulções de arêa, soterrando-os em dunas. Quem os achará no deserto? Também assim os que perecem no mar.

E as mãis, desvairadas, vão com a esperança além da Vida e clamam no limiar sombrio do Mystério, invocando o que foi, reclamando afflictamente a sua presença, contentando-se com lhes sentir a alma como o que, na prisão subterranea, não podendo ver o sol e gosar a doce vista dos vergéis, aspira, a haustos, a passageira olencia que é como o espirito das flores.

Maria sabia que o sacrificio a que se prestava o Filho lhe fôra imposto pelo céu para resgate dos pecados do mundo. Essas mãis, que sabem ellas? sabem apenas que os seus queridos cahiram debaixo de uma bandeira, levados ao matadouro por uma palavra. E que palavra foi essa? Patria, que, nesta guerra, amplia-se em Humanidade, tornando cada soldado um novo Christo, cada batalha um novo passo doloroso nessa Jerusalém de agonia, que é o mundo, cada triuncheira um novo Calvario e a victoria final uma Redempção.

E são as mãis que concorrem para essa obra sublime, são ellas que, ainda uma vez, salvam o mundo, pondo na ara propiciatoria o proprio coração.

E' justo que os homens, quer os que se batem nas linhas de fogo, quer os cyrineus que trabalham nos campos, ajudando os martyres com as suas forças, glorifiquem as doadoras de bravura, honrem as dolorosas heroínas, que se resignam á orfandade, entregando os filhos á morte como refens da Vida e

garantindo com o amor o mundo ameaçado na propria essencia divina que lhe ficou das mãos do artifice Supremo, quando o ~~ap~~ollegou com o barro côr de sangue e com as aguas côr de sonho.

Que o dia consagrado ás mãis seja de todos venerado, por vir, cheio de graça, recordando a Bondade sublime das que se despojam do amor em beneficio da Vida.

Felizes os que se pódem florir com um cravo côr de rosa. . . beijando os cabellos brancos daquella que o abençoã.



